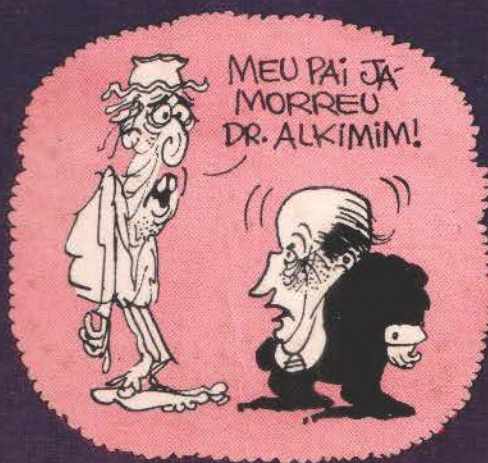
350 HISTÓRIAS DO FOLCLORE POLÍTICO

SEBASTIÃO NERY

EDIÇÕES POLITIKA

SEBASTIÃO NERY

FOLCLORE POLÍTICO

350 HISTÓRIAS DA POLÍTICA BRASILEIRA

EDIÇÕES
POLITIKA

A história é o povo em ação.

Maurice Latey

Nada reneguei do pais em que nasci e no entanto nada quis ignorar das servidões do meu tempo.

Albert Camus

Tive a fortuna ou a desgraça — eu mesmo não sei ao certo; o que sei é que não me lamento e quero crer que, se voltasse atrás, não mudaria de rumo — tive a fortuna ou a desgraça de, arremessado, quando era ainda estudante, no campo do que se chama a atividade política, ou, se preferirem, a vida pública, passar, em conseqüência, a pertencer, desde aqueles tempos, a uma raça amaldiçoada: a dos que fazem da atividade política ou da vida pública um ofício, por ela renunciando a tudo o mais; por ela penando, mas perseverando; e, quanto mais por ela conduzidos às decepções e aos revezes, tanto mais resolutos no propósito, não só de praticá-la, senão de amá-la e até venerá-la, na certeza — que para muitos não passará de ilusão, de cândida, infausta ilusão — de que é ela, quando honradamente confessada ou exercida com sinceridade, uma forma entre as mais altas, quem sabe a mais expressiva, porquanto a mais onerosa e a menos reconhecida, de amar e servir à Pátria.

Otávio Mangabeira

— Emilinha do coração, faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar a vovó que coisa significa a palavra folclore, *sim, tetéia?*
Emília foi e voltou com a resposta:
— Dona Benta diz que folk *quer dizer gente, povo; e* lore *quer dizer sabedoria, ciência.* Folclore *são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as supertições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal.*

Monteiro Lobato

Para
José Aparecido de Oliveira
Antonio Balbino
Abelardo Jurema

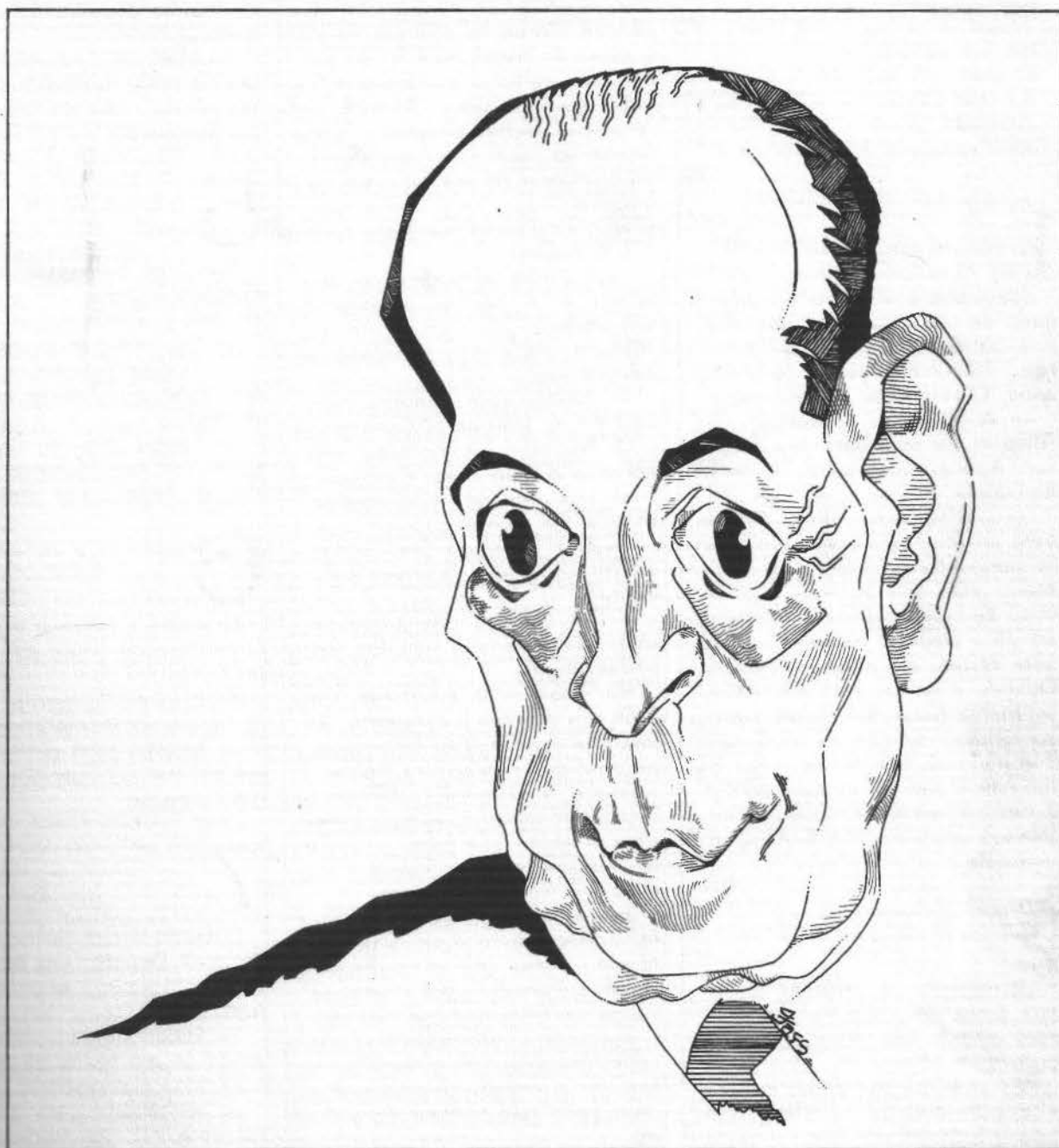
QUANDO OS POLÍTICOS SE DIVERTEM

Há um momento, no meio das crises, no centro dos dramas, no decorrer dos cansaços de uma luta às vezes grandiosa mas a maior parte das vezes medíocre e rotineira, em que os políticos riem. Bastante dos outros. Algumas vezes de si mesmos. Gostam muito de contar **causos**, os políticos brasileiros, muitos deles originais, acontecidos mesmo, muitos deles de origens remotas, perdidos no tempo incomensurável do folclore. De qualquer forma, mesmo quando uma história narrada com um pessedista de Barbacena nós a conhecemos acontecida com um reformista alemão do século XVIII, ainda assim, na boca do contador local, na linguagem malandra do político médio brasileiro, ela adquire um tom inapelavelmente nacional. A origem se perdeu na repetida tradução oral, que muitas vezes demorou séculos.

Sebastião Nery há muito tempo que redige e publica, no meio de seus artigos de inspiração política, denúncia social e análise do sistema, as anedotas que os senadores contam na **sala do cafezinho**, as piadas que os deputados fazem enquanto não escutam o adversário monótono, as maldades que o vereador ambicioso inventa, com espírito, sobre o rival que corre parelho com ele em direção à distante mas sempre almejada Presidência da República.

No decorrer de sua experiência de mais de duas décadas como repórter especializado, Sebastião Nery pôde colher, nos anfiteatros mais engraçados do Brasil, o Senado e a Câmara, muitos de seus momentos mais hilariantes. No acontecimento ao vivo, na maldade dita pelas costas, na réplica fulminante no plenário, na história habilmente engendrada ou adaptada, está toda a gama psicológica do humor político brasileiro, no seu pior e no seu melhor.

Por isso, é um livro extremamente atual, este **Folclore Político**, com o qual o próprio Nery aprendeu que, muitas vezes, parar de enfrentar o tigre frente a frente e puxar-lhe o rabo inesperadamente é mais útil à causa e muito mais eficiente. Já foi muito dito mas nunca é demais repetir: **castigat ridendo mores,** ou seja, rindo é que se castiga os mouros.

Millôr Fernandes

José Maria Alkmin

MINAS GERAIS

1

José Maria Alkmim foi advogado de um crime bárbaro. No júri, conseguiu oito anos para o réu. Recorreu. Novo júri, 30 anos. O réu ficou desesperado:

— A culpa foi do senhor, dr. Alkmim. Eu pedi para não recorrer. Agora vou passar 30 anos na cadeia.

— Calma, meu filho, não é bem assim. Nada é como a gente pensa da primeira vez. Primeiro, não são 30, são 15. Se você se comportar bem, cumpre só 15. Depois, esses 15 anos são feitos de dias e noites. Quando a gente está dormindo, tanto faz estar solto como preso. Então, não são 15 anos, são 7 e meio. E, por último, meu filho, você não vai cumprir esses 7 anos e meio de uma vez só. Vai ser dia a dia, dia a dia. Suavemente.

2

Os amigos resolveram testar sua fama de pão-duro. Arranjaram uma freira, mandaram procurá-lo.

A freira chegou, pediu um auxílio para o Orfanato. Ele percebeu a brincadeira, tirou o talão de cheques, preencheu, a freira saiu. Atrás dela, os amigos dele, surpresos. Dia seguinte, no banco, a freira não pôde receber. O cheque estava sem assinatura. A freira voltou ao gabinete:

— Desculpe, irmã, mas, como cristão, devo obedecer ao Evangelho. Quando pratico atos de caridade, mantenho-me sempre em absoluto anonimato.

3

Jair Rebelo Horta e Borjalo dirigiam a *Folha de Minas*, jornal do governo. Juscelino governador, Alkmim secretário de Finanças. Foram a Alkmim expor a situação insustentável do jornal, com salários atrasados e dívidas de todo tipo. Alkmim os recebeu carinhosamente, sentou-se na cabeceira de uma mesa enorme e os pôs na outra cabeceira.

Jair fez uma exposição e resumiu o drama:

— A *Folha* só pode continuar saindo se o senhor arranjar 2 mil contos.

Alkmim pôs a mão na orelha e resmungou:

— Muito bem, muito bem. Está certo. Dou os 500 contos.

— Não são 500 contos, não, secretário. São 2 mil contos.

— Isto mesmo, isto mesmo. Dou os 500 contos.

— Está havendo um engano, secretário. Nós falamos 2 mil contos.

— Ah, sim, eu estava ouvindo mal. Estes meus ouvidos não andam bem.

Na mesa, dois telefones. Um à direita e outro à esquerda. Alkmim já tinha falado duas vezes pelo telefone da direita. Pegou o telefone da esquerda, chamou o tesoureiro-geral do Estado e deu ordens expressas para que ele fornecesse imediatamente 2 mil contos à *Folha de Minas*.

Jair e Borjalo saíram na maior felicidade. Na redação, a notícia chegou como um presente de Natal. Passou uma semana, outra, um mês, nada de dinheiro. O tesoureiro informava que não sabia de nada. Jair e Borjalo cobravam a ordem do secretário, dada pelo telefone na vista deles.

Depois, descobriram tudo. Só o telefone direito valia. O esquerdo tinha o fio enfiado direto na parede, atrás da cortina. Era frio.

4

O eleitor chegou aflito:

— Doutor Alkmim, meu filho nasceu, eu estava desprevenido, não tenho dinheiro para pagar o hospital.

— Meu caro, se você, que sabia há nove meses, estava desprevenido, calcule eu que só soube agora.

5

Encontra o eleitor, tinha esquecido o nome. Tira a caderneta, deu o velho golpe:

— Seu nome todo, meu filho?

— Doutor Alkmim, escreva o que sabe, que depois eu digo o restinho.

— Mas é que não fica bem a gente pôr na caderneta os apelidos de família dos amigos.

6

Encontra o filho do eleitor:

— Como vai seu pai, meu filho?

— Meu pai já morreu há muito tempo, doutor Alkmim.

— Morreu para você, filho ingrato. Porque continua vivo no meu coração.

7

Osvaldo Nobre dirige o semanário *O Debate*, em Belo Horizonte. Alkmim encontra-o na rua:

— Excelente seu jornal, Osvaldo. Leio-o todos os dias.

— Mas é semanário.

— Semanário para você, que faz uma vez por semana. Para mim, que o leio todos os dias, é diário.

8

Ministro da Fazenda do governo Kubitschek, mandou uma carta ao governo americano propondo um empréstimo. Apesar do caráter *ultra-confidencial* da correspondência, logo estourou a notícia. Alkmim desmentiu com veemência.

Mas a UDN caiu em cima. Pelo telefone, Alkmim pediu um desmentido a Amaral Peixoto, embaixador em Washington:

— Não existe, nunca existiu, Amaral. Desminta.

— Mas desmentir como, Alkmim, se estou com uma cópia aqui?

— É falsa. Falsificaram, de certo, a minha assinatura.

Amaral não desmentiu. A UDN convocou Alkmim à Câmara Federal. Lacerda, líder, comandou a interpelação:

— Ministro, a carta existe ou não existe?

— O assunto é reservado, de segurança nacional, mas já que o Congresso me convocou até esta augusta tribuna, não posso continuar me esquivando. Confirmo: a carta existe. Só que não é nada do que se disse e do que VV. Excias. estão imaginando.

— Se existe, onde está?

— Está aqui, dentro desta pasta.

— Nessa pasta não há carta nenhuma, ministro. Não engane o Congresso.

— Está aqui, sim.

— Se está, mostre ao plenário.

— Não posso mostrar, porque é assunto reservado.

— Proponho, então, em nome da UDN, que os líderes dos partidos se reúnam em sessão secreta para V. Excia, senhor ministro, ler a carta, protegida de qualquer divulgação.

Alkmim pediu um copo d'água, bebeu, olhou o plenário e as galerias superlotadas, e gritou patético, quase gemendo pela garganta rouca:

— Estranho privilégio desejam os líderes desta Casa. Se 400 representantes do povo não podem ter acesso a um documento secreto, por que razão apenas uma dúzia de líderes haveria de ter? Que democracia é esta, senhores? São ou não são todos iguais em mandato e responsabilidades para com a Nação?

Desceu da tribuna debaixo de palmas. Nunca mais se falou na carta-misteriosa.

9

Primeiro dia de ministro no Rio, chamou um grupo de jornalistas para bate-papo em seu apartamento. Pediu logo desculpas:

— Gostaria que os senhores não reparassem no terno modesto e já gasto do ministro. É que minha mulher está em Bocaiúva, lá em Minas, e não estou tendo quem cuide de minhas roupas, que são apenas três e precisam estar sempre se revezando na lavanderia.

A conversa foi em frente, o uísque também. Mais tarde, Alkmim abriu o guarda-roupa para pegar um documento e os jornalistas, surpresos, viram uma fileira de ternos novos, as mangas bem curtas, exatamente pequenas como os braços do dono:

— E esses ternos, ministro, não são do senhor?

— Quem sou eu, meus filhos? Esses são do Leonardo.

(Leonardo Alkmim é alto e tem longos braços que ocupariam uma perna da calça do pai).

10

Lançou a famosa campanha contra o sistema de crediário, dizendo que a *prestação* era o maior fator de inflação. A Associação Comercial do Rio ficou furiosa (naquele tempo o doutor Rui Gomes de Almeida se dava a esses luxos intelectuais) e foi queixar-se ao presidente. JK mandou chamar o ministro:

— Alkmim, eles dizem que você está prejudicando o comércio,com essa campanha *contra a venda* a prestação.

— Mas, presidente, eu não estou contra a venda a prestação. Eu estou é *contra a compra* a prestação.

11

Logo depois, lança a campanha contra o cigarro estrangeiro, "fator de evasão de divisas, que está corroendo nossa balança de pagamentos". Vai à televisão para uma entrevista com um grupo de jornalistas. No meio do debate, mete a mão no bolso e tira uma carteira de *Malboro*. Mauritônio Meira pergunta rápido:

— Ministro, que cigarro o senhor fuma?

Alkmim vira o lado branco da carteira para a câmara da TV e responde tranqüilo, quase distraído:

— *Hollywood*, meu filho, *Hollywood*.

12

Dia da cassação de Juscelino. O jornalista Wilson Figueiredo toca o telefone para o gabinete do vice-presidente da República:

— Dr. Alkmim, como é que o senhor recebeu a cassação de JK?

— Pelo telex, meu filho.

13

Carlos Murilo Felício dos Santos, deputado de Minas, sobrinho de JK, também foi cassado, Alkmim ligou:

— Olhe, meu querido, estou com você na hora desta terrível injustiça.

Mas lembrou que o telefone podia estar censurado:

— Quer dizer, meu caro, eu continuo solidário com a Revolução, que só tem feito coisas certas, apesar de alguns equívocos como esse que cometeu com você, mas a gente tem que compreender que tudo isso é para o bem de nossa Pátria.

E desligou.

14

Dia do AI-5, o jornalista Carlos Chagas liga:

— Como é que vai o regime, deputado?

— Excelente, meu filho. Já perdi três quilos.

15

O Banco de Desenvolvimento de Minas promoveu um Congresso de Investidores em Montes Claros. Lá foram Israel Pinheiro, governador, e Alkmim, secretário da Educação. Muito quente, puseram um colchão refrigerado no quarto de Israel. Ele deitou, não gostou. Estava frio demais, úmido. Pegou o telefone, ligou para Alkmim, no quarto ao lado, em colchão quente:

— Alkmim, você quer trocar de quarto? Não suporto esse tal colchão refrigerado.

— Sinto muito, Israel, mas eu não entro em fria.

16

Vice-presidente de Castelo Branco, morava em Brasília no mesmo edifício do general Golbery do Couto e Silva, chefe do Serviço Nacional de Informações. Pedro Aleixo, experimentado, chamou-lhe a atenção:

— Alkmim, você precisa ter muito cuidado. Em cima de você, mora o Golbery. Em baixo, o coronel Leitão, chefe de gabinete do Golbery.

— Não tem importância, Pedro. Eu nunca digo nada.

17

Na crise da doença de Costa e Silva, Israel Pinheiro e Alkmim telefonaram para Pedro Aleixo, sugerindo-lhe que fosse a Minas organizar o novo governo. O telefonema foi gravado e os dois convocados a confirmarem. Alkmim ouviu tranqüilo:

— Está vendo, Israel? É perfeita. Eu sempre disse ao Renato Azeredo que ele parasse com essa mania de imitar a voz de todo mundo. Brincadeira de mau gosto.

18

Na festa, interior de Minas, o vereador do PSD atacava o vereador da UDN.

— Você tem toda a razão, meu filho.

Sai o vereador do PSD, chega o vereador da UDN e começa a atacar o vereador do PSD.

— Você tem toda a razão, meu filho.

Na saída, a mulher reclamou:

— Você deu razão ao vereador do PSD, depois deu razão ao vereador da UDN.

— E não é, meu bem, que você também tem toda a razão?

19

Fêz aniversário. Tancredo Neves não lembrou. Dia seguinte, encontrou Alkmim na Câmara:

— Não pude visitá-lo, nem sequer telefonar. Mas passei um telegrama.

— Recebi e já respondi.

20

Chegava da Europa com cinco garrafas enroladas na pasta. A Alfândega quis saber o que era.

— Água milagrosa de Fátima.

— Mas tudo isso?

— Lá em Minas o pessoal acredita muito nos milagres da água de Fátima. Não dá para quem quer.

— O senhor pode desenrolar?

— Pois não, meu filho.

— Mas, deputado, isso é uísque.

— Ué, não é que já se deu o milagre?

21

Foi visitar as obras de sua casa, na Avenida do Contorno, em Belo Horizonte. Apareceu um vizinho, que nunca vira:

— Doutor Alkmim, moro aqui ao lado. Estou às suas ordens.

— Eu sabia, meu filho, eu sabia. Isto influiu muito na minha escolha.

É o gênio da raça.

22

Estudante bolsista em Paris, Juscelino encontrou Odilon Behrens que chegava com as notícias de Minas. Tinham sido colegas no Seminário de Diamantina, passaram a relembrar os companheiros:

— E o Alkmim? Nunca mais soube dele.

— Está na Penitenciária de Neves.

— Eu sabia que ele ia acabar lá.

Era diretor.

23

Candidato a presidente, Juscelino Kubitschek hospedou-se, em Campina Grande, na casa do coronel Alvino Pimentel, industrial e homem refinado. Tratou JK como se tratam os reis: queijos de França e caviar da Rússia.

Cinco anos depois, fim de mandato, Juscelino voltou a Campina Grande para inaugurar o serviço de água, promessa da campanha. Quando a porta do avião abriu, a primeira pessoa que viu lá embaixo foi um velho de cabelos brancos. Chamou Abelardo Jurema:

— Quem é aquele de cabelos brancos ali no pé da escada?

— É o compadre Alvino, onde o senhor se hospedou.

Juscelino já desceu sorrindo, os braços abertos:

— Coronel Alvino, e os queijos?

O velho caiu em prantos, como menino sem mãe.

24

Tinha acabado de tomar posse, foi convidado para presidir à aula inaugural da Universidade do Brasil. Chamou Álvaro Lins, chefe da Casa Civil:

— Professor, como é o protocolo? Vou ter que falar?

— Não, presidente. O senhor apenas abrirá a sessão, dará a palavra a quem for proferir a aula e, no fim, encerra.

Na reitoria, foi recebido com a maior frieza pelos professores. Todos de pé, solenes, mas nenhuma palma. Juscelino não entendeu. Mas o reitor Pedro Calmon, que não perde chance, entendeu bem que aquela era a sua hora. Quando o professor terminou a aula inaugural, Calmon levantou-se, quebrou o protocolo e fez um discurso excitadíssimo de saudação ao presidente da República. Juscelino tinha que responder. Pegou a tese da aula inaugural, fez uns floreios, enfeitou a noiva e acabou debaixo de palmas calorosas, os professores todos de pé aplaudindo o competente orador.

Na saída, entrando no carro, Pedro Calmon pegou o presidente pelo braço, deu-lhe os parabéns "pelo magnífico improviso" e disse-lhe ao ouvido, sussurrando mavioso:

— Precisamos vê-lo na Academia, presidente.

Quando o carro arrancou, Juscelino olhou para Álvaro Lins:

— Este Calmon é um puxador incorrigível. Imagine que disparate. Eu, um médico, nunca escrevi coisa alguma, só porque sou o presidente da República ele já quer me levar para a Academia. Jamais me submeteria a um ridículo desse.

Seis meses depois, Juscelino foi a uma solenidade. Pedro Calmon estava lá. Na saída, o mesmo sussurro mavioso:

— Presidente, precisamos vê-lo na Academia. Estamos esperando o senhor lá.

Álvaro Lins ficou sorrindo:

— O senhor tem razão, presidente. Esse Pedro Calmon é mesmo um puxador incorrigível. Vem de novo com essa conversa de Academia.

Juscelino ficou pensando longe. E suspirou, picado pela mosca-azul:

— E por que não, professor? Afinal de contas, não seria a primeira vez que alguém entraria na Academia por ser presidente da República. O Getúlio não entrou?

25

Desceu em Carolina, no Maranhão, para inspecionar as primeiras obras da Belém-Brasília. Zé Costa, o coronel mais rico da região, estava no aeroporto:

— Presidente, o senhor mora no Rio, não é mesmo?

— Moro, sim, coronel.

— Então o senhor deve conhecer o Toinho.

— Que Toinho?

— Toinho é meu filho. É médico, mora lá. Quando o senhor chegar lá, procure. É um rapaz muito traquejado.

— Onde é que ele mora?

— Eu não tenho o endereço dele aqui não, presidente. Mas ele é muito conhecido. É só perguntar, o senhor acha.

Juscelino voltou, no aeroporto mesmo chamou Geraldo Carneiro:

— Vê se descobre um médico do Maranhão, filho do coronel José Costa, lá de Carolina. Vou voltar lá e o velho vai perguntar.

— É o Toinho, presidente, meu amigo e meu vizinho. Médico maranhense. Antônio Costa. Vou telefonar para ele hoje mesmo.

26

Banquete em Teresina. O governador Chagas Rodrigues falou ao ouvido do presidente:

— Agora vai saudá-lo o segundo maior orador do Piauí.

— Quem é o primeiro?

— Eu.

O homem se levantou, tossiu e começou:

— "Nesse agápe (a palavra é ágape).

JK pegou no braço do governador:

— Seu Chagas, entre você e ele deve ter outros, não é?

27

Haile Selassié, leão de Judá, imperador da Abissínia, veio ao Brasil em 1960. Estava jantando no Palácio da Alvorada, aproxima-se um secretário e lhe diz qualquer coisa no ouvido. Selassié pára um instante, pensa, volta a jantar. Juscelino percebeu:

— Alguma coisa, imperador?

— Acabo de ser deposto na Abissínia.

— Por quem?

— Por meu filho. Mas não vamos alterar o programa. Quero apenas, quando sairmos daqui, uma audiência reservada com o senhor.

Foram para o gabinete. Selassié pediu a JK que convocasse o gerente do City Bank. Queria sacar 100 mil dólares para alugar um avião e mandar de volta os cem generais que tinham vindo com ele.

Veio o gerente, não podia ser. O dinheiro, depositado em nome do país, já tinha sido bloqueado por ordem de Adis-Abeba. Só havia uma possibilidade: se o Brasil avalisasse o cheque. Juscelino mandou chamar o embaixador Edmundo Barbosa da Silva, que estava respondendo pelo ministério do Exterior. Na hora de assinar o cheque, avalisando, o embaixador tremeu tanto que não conseguiu fazer o nome. JK tomou a caneta:

— Ora, Edmundo, me dá que eu assino isso.

Selassié embarcou na frente os 100 generais, cumpriu tranqüilamente todo o programa, voltou para a Abissínia, enforcou o general Neway, que comandou o golpe, deu uma surra de chicote em Asfa-Wessen Haile Selassié, o filho herdeiro, mandou-o como embaixador para Londres e está de imperador até hoje. Com mais de 80 anos. Um dia perguntaram a Juscelino:

— E se o imperador não reassumisse?

— O prejuizo seria de 100 mil dólares. Mas se eu não avalisasse o cheque, quem é que ia pagar a hospedagem de 100 generais morando no Copacaban Palace e bebendo no Sacha's?

28

Salazar lhe ofereceu banquete em Lisboa. Ao lado, sentou-se um velhinho mastigado de anos, que puxou assunto de literatura. Juscelino lembrou Diamantina:

— Um dos livros de minha infância foi A Ceia dos Cardeais, *de Júlio Dantas. Ainda pretendo homenagear, no Brasil, com um busto, o grande português que foi Júlio Dantas.*

— Que foi, não, doutor Presidente. A Divina Providência ainda não foi servida de me chamar para seu reino.

Era o próprio.

29

Rompeu com o FMI (Fundo Monetário Internacional), exatamente por não querer fazer a reforma cambial. Choviam telegramas no Palácio do Catete. A Voz do Brasil *transmitia pronunciamentos de solidariedade.*

Os estudantes anunciaram uma manifestação de apoio a JK, em frente ao Catete. Ele não queria, a UNE insistiu. Concordou, "contanto que fosse apenas uma manifestação de estudantes, sem qualquer marca política, pois que o problema do FMI era um problema nacional".

À tarde, a praça em frente ao Catete estava superlotada: estudantes, trabalhadores, o povo na rua para ajudar o presidente a sustentar a briga. Juscelino apareceu, falou, foi embora. No jantar, um assessor foi contar, preocupado:

— Sabe quem estava lá na praça, presidente? Luiz Carlos Prestes. No meio da multidão.

Juscelino deu uma gargalhada. O assessor não entendeu:

— Isto vai lhe causar problemas, presidente. A UDN vai explorar. Por que o senhor está rindo?

— Só quero ver o editorial de O Globo, *amanhã.*

Viu.

30

Ia passar o governo a Jânio no dia seguinte. A turma da intriga jogou o boato:

— Jânio vai fazer um discurso violento, atacando o presidente frente a frente. Ele não deve ir à transmissão.

Os boatos cresceram, a pressão aumentou, ele reuniu um grupo de auxiliares e amigos no Palácio Alvorada: Tancredo Neves, Abelardo Jurema, Paulo Pinheiro Chagas, Cincinato Braga, Osvaldo Maia Penido, Sete Câmara. Chega Alkmim preocupado:

— Juscelino, estou seguramente informado de que o Jânio vai fazer mesmo um discurso agressivo contra você, em sua frente.

— Pois eu vou passar o cargo ao presidente que o povo elegeu. Há muitos anos, neste País, só o marechal Dutra passou o governo. Vou passar também. Quero dar uma demonstração ao mundo de que a democracia funciona no Brasil.

— E se ele fizer um discurso agressivo?

— Dou-lhe uma bofetada na cara e o derrubo no meio do salão. Vai ser o maior escândalo da história da República.

Não houve discurso nem bofetada.

31

Quando Magalhães Pinto fundou o Banco Nacional, chegou um fazendeiro lá do interior:

— Dr. Magalhães, trouxe meus recursos. É uma coisinha, mas é a minha independência.

E depositou muitos mil contos, uma fortuna na época. Meses depois, volta o velhinho:

— Dr. Magalhães, vim buscar meu dinheiro.

— Pois não. De quanto é o cheque?

— Não é cheque não. Vou levar o dinheiro todo.

Magalhães coçou os cabelos (naquele tempo ainda havia o que coçar), ficou alucinado. Era um golpe terrível no caixa. Mandou buscar o dinheiro todo, foi arrumando em pilhas, em cima da mesa. E o velhinho ali em pé, vidrado na sua fortuna.

— Está aqui o dinheiro, coronel.

— Pois não, Dr. Magalhães, pode mandar botar lá dentro de novo.

— Mas o senhor não vai levar?

— Não vou levar não. Eu só queria era saber se meu dinheiro estava guardado mesmo.

32

Magalhães tinha começado a armar o esquema de sua candidatura à presidência da UDN. A "Banda de Música" (Lacerda, Baleeiro, Bilac, Adauto) era contra. E planejaram a primeira jogada contra Magalhães: eleger Aliomar Baleeiro para a liderança da bancada na Câmara Federal.

Lacerda foi encarregado de ir conversar com Magalhães:

— Nosso candidato é o Aliomar.

— Sou contra.

— Contra, por quê?

— Porque o Aliomar é muito talentoso, muito brilhante, mas não une o partido.

— Magalhães, é por isso que acusam você de adesista. Você não quer um líder combativo. Quer um acomodado e isso não podemos aceitar.

— Não se trata disso, Carlos. É que eu tenho outro candidato.

— Quem é?

— Você.

— Eu?!

— Por que não? Você não tem sido outra coisa na UDN senão líder. Meu candidato é você.

Lacerda saiu, Magalhães ficou às gargalhadas:

— Estou só pensando na cara de Aliomar e Adauto quando o Carlos contar a conversa.

Lacerda foi líder, Magalhães presidente.

33

Castelo Branco era presidente, Costa e Silva candidato definido, mas ainda sem companheiro de chapa. Magalhães tinha deixado o governo de Minas, estava disponível. Chamou a equipe da agência de propaganda *Pro-News* para uma conversa *(José Ayler, Cesar Mesquita, Adirson de Barros, Leonardo Mota):*

— Estão falando muito em meu nome para companheiro de chapa do General Costa e Silva. Eu acho que já dei minha contribuição à vida pública nacional. Está na hora de me retirar. Mas estão falando, insistindo demais. Devo estar preparado para qualquer eventualidade. Por isso, chamei vocês. Para discutirmos um plano de campanha.

— Quer dizer que o senhor pretende uma campanha que torne inevitável sua escolha?

— Não, meu filho. Não é isso. O que eu quero é uma campanha para me dar cobertura no caso de minha indicação não ser efetivada. O que eu quero é sair bem do episódio.

34

Eleito senador, instalou-se em Brasília. Precisava de um secretário, falou com Otto Lara Rezende:

— Você não tem uma idéia, Otto?

— Por que o senhor não convida o Castejon?

— Que Castejon?

— O Carlos Castejon, lá de Minas. Ele está morando em Brasília. O senhor conhece.

— Não me lembro. Como é ele?

Um homem já maduro, inteligente, educado, escreve bem, conhece os problemas de Minas. Foi até candidato nas últimas eleições, teve 7.600 votos.

— Não é possível. Mineiro com 7.600 votos eu tenho que conhecer. De 760 votos em diante, oh! Otto, eu conheço todos. Mas ele é mesmo tudo isso que você diz?

— É, doutor Magalhães.

— Então é o secretário que eu precisava.

— Acho que é o ideal.

— Mas, Otto, me diz agora uma coisa. Se ele é tão bom assim, por que ainda não é de ninguém?

35

Benedito Valadares tinha publicado os primeiros capitulos de Esperidião *(seu primeiro romance) em uma revista. É dele, não é dele, quem escreveu, quem reviu? Numa roda, aqui no Rio, Otto Lara Rezende, Eneida e Homero Homem discutiam. Eneida deu seu palpite:*

— Deve ter sido o Fernando Sabino, genro dele.

— Não (disse Otto). Está muito bom para ser do Benedito, mas muito ruim para ser do Fernando.

Resolveram pedir a Benedito os originais para conferir. Onze horas da noite, telefonaram para a casa dele. Otto, mais conhecido, falou:

— Senador, estamos aqui comentando seu livro, gostaríamos de ver mais um ou dois capitulos. Podemos ir?

— Otto, a casa é sua. Já estou de pijama, mas venham.

Foram, pegaram mais dois capitulos, estavam bem batidinhos, sem emenda nenhuma, leram, continuaram em dúvida, agradeceram, foram embora. No dia seguinte, Benedito diz a Fernando Sabino:

— Coitado do Otto, seu Fernando. Está ficando maluco. Veio aqui ontem com outros, pegaram os capitulos de meu livro, leram, não disseram nada, foram embora, não entendi porque.

— Quem é que veio?

— O Otto com uma india toda pintada chamada Eneida e um homem que se chama Homem.

36

Castelo Branco ia a Uberaba, puseram Benedito Valadares na comitiva. Milton Campos, ministro, encontra Benedito:

— Então, vamos amanhã a Uberaba.

— Não vou não.

— Me disseram que você ia.

— Fui convidado, mas não vou não. Não gosto desse negócio de comitiva presidencial. Pisam muito no pé da gente.

37

Na ditadura de Vargas, Benedito entrou para a história da pecuária:

"O Brasil tem muitos muares
e muito gado vacum.
Mas Benedito Valadares
o Brasil só tem um."

38

E Fernando Costa, interventor de São Paulo, que antes fora ministro da Agricultura e fundou a Universidade Rural, entrou para a história da botânica. Disse a Benedito, em Belo Horizonte:

— Gosto muito de plantar eucalipto porque em poucos anos vira árvore secular.

39

Saiu o livro de Benedito — A Lua Cai. *Ciro dos Anjos, secretário particular, o procura:*

— A lua não cai, governador. A lua sai.

— Ah, Ciro, quem é que pode com esses revisores? Eles sempre comem as cedilhas.

40

Fernando Costa visitou Minas para curar as feridas da Revolução Constitucionalista de 32, que muito separou paulistas e mineiros. Milton Amado, jornalista, escritor, secretário da Imprensa Oficial, vingou-se. A manchete da primeira página saiu assim:

— Hoje, em Minas o governador Fernando Tosta.

Benedito pediu desculpas, ele sorriu:

— Ora, Benedito, ainda bem. B *era pior.*

41

Foram visitar o Jardim Zoológico:

— Benedito, aquele lá é o leonardo?

— Não, Fernando, é o leopoldo.

42

Benedito já estava de cuca amolecida pela arterioesclerose. Leandro Maciel entra no seu gabinete no Senado:

— Bom dia, Benedito.

— Bom dia.

E sai. Benedito pega no braço de Ney Braga:

— Quem é esse índio?

43

Voluntário não saía da sede da UDN, em Belo Horizonte. Sem ser c o n t í n u o, quebrava todos os galhos. C o m p r a v a cigarro, levava r e c a d o, trazia refrigerante. E c h a m a v a todo mundo de você. Na maior intimidade. Milton Campos era Milton, Pedro Aleixo era Pedro, Carlos Lacerda era Carlos.

Milton Campos foi eleito governador de Minas. Manhã cedo, chega ao Palácio da Liberdade, vai à varanda do jardim. Na piscina, nadando como um peixe, um homem muito branco, de ombros tortos. Chama Edgard da Mata Machado, chefe da Casa Civil:

— Quem é que está nadando ali?

— É o *Voluntário.*

— É, seu Edgard, a democracia é mesmo o regime da paciência.

44

Pedro A l e i x o, secretário do Interior, chega com a notícia de que o deputado Padre Vidigal atacara o governo. Milton Campos sorri:

— É natural, Pedro. Muitas vezes eu mesmo tenho dificuldades em apoiar esse governo.

45

Outro dia, a crítica era de Fabrício Soares, da UDN.

— Que mal há nisso? Falar mal do governo é tão bom que não é justo que só os inimigos gozem do privilégio.

46

G r e v e na Rede Mineira de Viação por atraso de pagamento. Reunido o secretariado, Abgar Renault propôs mandar urgente um pelotão da Polícia Militar para Divinópolis, centro do movimento. Discordou:

— Não seria melhor mandar o carro pagador?

47

Ministro da Justiça, demitiu-se em protesto ao AI-2. Mas sem sensação de ter perdido o tempo:

— Naqueles dias, quando eu ia dormir, não pensava no que tinha conseguido fazer, mas no que tinha conseguido impedir que se fizesse.

48

Cirne Lima, ministro da Agricultura, foi ao Senado para um debate sobre café. Passou em frente à sala da Comissão de Justiça, entrou para cumprimentar Milton Campos. A conversa acabou chegando às diferenças regionais. O ministro apontou características de cada Estado:

— Os gaúchos são conhecidos p e l o temperamento irrequieto e explosivo. Os paulistas, pelo poder econômico, os mineiros, pela sabedoria e cultura. Veja, senador, que ainda hoje os mineiros sabem latim.

— É, sim, ministro. Minas declina.

49

Três horas da manhã, toca o telefone em casa de Tancredo Neves. Era Gustavo Capanema de Brasília:

— Olhe, T a n c r e d o, estou acordando você porque estou com um problema e não consigo dormir. Talvez você tenha uma idéia mais clara.

— O que é?

— Fui chamado hoje à tarde ao Planalto e durante três horas discuti o projeto do Voto Distrital com o ministro Leitão de Abreu. Ele estava muito interessado nos meus estudos e acha que o Distrital pode ser um bom instrumento para aperfeiçoar a representação política no Congresso.

— Muita gente acha também Capanema. Embora eu seja contra, reconheço que o assunto é importante e precisa ser discutido. Só não entendo é porque você não consegue dormir. O projeto é seu, os estudos são seus, você a favor. Quando o governo p a r e c e querer, você fica sem dormir?

— Pois é. Pois é, Tancredo. Não consigo dormir. O ministro me deu pressa, muita pressa para concluir os estudos.

— Ah, deu pressa, deu? Então deve haver mais coisa.

— Você também acha, Tancredo? Ótimo que você também ache. Agora, vou dormir.

Desligou o telefone e dormiu.

50

Morreu o pai de Rondon Pacheco, a bancada mineira da ARENA reuniu-se em Brasília para fretar um avião e ir ao enterro, em Uberlândia. Geraldo Freire avisou logo:

— Vou falar no cemitério.

Alguém lembrou:

— Se ficarmos até depois do enterro, vai anoitecer e não dá para voltar no mesmo dia, porque o avião é pequeno e não deve voar à noite.

Geraldo estava indócil:

— Nada disso. Quero falar no cemitério. Preciso dar de público meus pêsames ao Rondon.

Magalhães deu a fórmula:

— Geraldo, você faz como nas Academias. A gente chega, fica com o Rondon até a saída do enterro. Na hora de o caixão deixar a casa, você faz o discurso e voltamos para o aeroporto ainda com o dia claro.

Combinado. Só que o avião atrasou. Quando chegaram a Uberlândia, o enterro tinha acabado e Rondon Pacheco e seus auxiliares já estavam no aeroporto, para voarem de volta a Belo Horizonte. Geraldo desceu aflito, encontrou Rondon, fez uma roda empurrando todo mundo com os braços e pediu a palavra. Falou meia hora. Não sobre o pai morto, mas sobre o filho governador. Como no verso de Manuel Bandeira:

"Não pelo pai, mas pelo filho, que o filho tem mais precisão".

No caso, a precisão era de Geraldo.

51

Antônio Carlos de Andrada, em 1936, presidia a uma sessão da Câmara dos Deputados. Oto Prazeres, secretário, chega todo assustado e informa que, em Belo Horizonte, os estudantes estavam fazendo passeata, tinham arrancado de uma das praças o busto dele e arrastavam pelas ruas da cidade. O velho Andrada apenas perguntou:

— E qual é o itinerário deles?

52

Bilac Pinto teve uma das existências mais confortáveis da história brasileira. Era amigo de Fabinho Andrada (filho de Antônio Carlos, governador de Minas, famoso por haver criado a figura do *filho do governador*. Boêmio, andava de *baratinha*, o *mustang* de 1928. E chegou a fazer um avião na Imprensa Oficial de Minas. Porque na Imprensa Oficial, ninguém sabe. Se voou, parece que não. Mas fez.)

Depois, Bilac casou-se com a filha do famoso coronel Chico Moreira, a maior fortuna de Minas, irmão do ex-presidente Delfim Moreira. Sem problemas financeiros, dedicou a vida aos estudos, depois à política. Segundo Lúcio Bittencourt, "Bilac estudou muito, leu muito, mas não passou da Revolução francesa; para ele, depois de 1789, não aconteceu mais nada no mundo."

Um dia, na Câmara Federal, Bilac estava na tribuna. Para cada frase, duas citações. Gabriel Passos, ao lado de José Maria Lopes Cançado, ambos da UDN, comenta:

— O ruim no Bilac é que ele sempre quis saber mais do que a inteligência dele pode. Ele lê muito, mas não cabe.

53

José Bonifácio e Martim Francisco, os irmãos Andrada e Silva, eram ministros de dom Pedro I. Cada um ganhava quatro contos e oitocentos mil réis por ano. Chegou o fim do mês, José Bonifácio recebeu quatrocentos mil réis, meteu no fundo do chapéu, foi para o teatro. Roubaram-lhe o chapéu e o conteúdo.

O Imperador soube, chamou Martim Francisco, ministro da Fazenda e ordenou que pagasse outro mês a José Bonifácio.

— Não, Majestade. O ano tem doze meses e não treze para os protegidos.

Solução: Martim Francisco pegou seus quatrocentos mil réis e dividiu com José Bonifácio.

54

Raul Belém tinha 28 anos e um mandato. Deputado na Assembléia de Minas, líder da oposição. Foi cassado. Processado não foi, não havia porquê. Eis senão quando, Raul cassado, chega à Assembléia de Minas um telegrama oficial para Raul. Pânico. Ninguém abriu, ninguém tocou.

O presidente da Assembléia, Orlando Andrade, consultou sua assessoria de emergência para assuntos de segurança nacional, reuniu os pares em sessão ultra-secreta e decidiram mandar o telegrama para o governador, dentro de um envelope indevassável, carimbo preto: CONFIDENCIAL.

Israel Pinheiro recebeu, abriu, viu o telegrama, fechou. O envelope perigoso, com o telegrama maldito, foi encaminhado à Casa Militar, que o pôs em outro envelope, lacrou e mandou, "manu militari", ao comandante da ID-4, general Gentil Marcondes, carimbo vermelho: SEGURANÇA NACIONAL.

O general recebeu o volume e tocou a abrir envelope. O de *segurança nacional* que dava para o *confidencial*. O *confidencial*, que dava para o telegrama. E o general abriu o telegrama. Leu, chamou o ordenança e mandou entregar tudo a Raul Belém, em casa.

Era o deputado José Bonifácio, presidente da Câmara Federal, dando parabéns a Raul pelo aniversário.

55

José Maria Lopes Cançado foi deputado estadual, constituinte federal em 46, depois não se candidatou mais. Adversário de Gustavo Capanema desde cedo, durante muitos anos disputaram os votos de Pitanguy.

Começaram advogando na cidade. O promotor era Onofre Mendes Júnior, depois procurador-geral do Estado, pai do jornalista José Guilherme Mendes. Onofre e Capanema eram muito amigos. Ficaram também amigos do dono da pensão. Naquela época, no interior mineiro, a maioria das questões era demanda de divisas. Os clientes chegavam de Pompeu e outras cidades vizinhas para cuidarem das brigas na comarca de Pitanguy. Hospedavam-se na pensão. O dono da pensão puxava conversa:

— Veio começar demanda?

— Vim, sim. Aqui tem bons advogados?

— Muito bons. Tem o doutor Capanema e o doutor Lopes Cançado.

— A quem é que o senhor acha que eu devo entregar a questão?

— A um ou a outro. Mas o doutor promotor vai passar por aqui daqui a pouco, é melhor o senhor pedir um conselho a ele.

Chega Onofre Mendes Júnior.

— Dr. Promotor, vou começar demanda aqui, qual é o melhor dos dois advogados?

— Ambos são bons. Mas o doutor Capanema é muito bom no civil e é melhor no crime.

56

Neder João Neder é amigo, grande amigo, de todos os políticos mineiros que, de uma forma ou de outra, em um ou outro partido, passaram pelo poder nos últimos quarenta anos. Agora mesmo é um dos melhores amigos de Rondon Pacheco. Ele explica:

— Nunca faltei ao amigo no poder. Pode até parecer meio cínico. Mas não há coisa pior do que a solidão do poder. Com o homem do poder, todo mundo só cuida dos próprios interesses. É nessa hora que eu não falto. Quando o amigo sai do poder, desaparece. Cada um vai cuidar da própria vida.

57

Getúlio Vargas, presidente, e Gustavo Capanema, ministro da Educação, foram a uma formatura na Escola de Medicina da Universidade do Brasil. Depois da solenidade, Getúlio cumprimentou pessoalmente os novos médicos. Chegou o mineiro Neder João Neder:

— Quais são seus planos, meu jovem?

— Contribuir na política educacional do governo de V. Exa.

Getúlio volta-se para Capanema:

— Por que não aproveitas o moço?

No dia seguinte Neder João Neder já era auxiliar de gabinete de Capanema.

58

Montes Claros, norte de Minas, elegeu prefeito, pela ARENA, o homem mais rico da cidade: Pedro Santos, médico.

Doutor Pedro inaugurou uma praça e ficou com medo de a turma estragar o jardim. Pôs placa:

— Proibido pisar na grama. Quem não souber ler, favor perguntar ao guarda.

59

O poeta português Júlio Dantas veio ao Brasil e foi a Belo Horizonte. O prefeito era Otacílio Negrão de Lima, irmão de Francisco Negrão de Lima.

Júlio Dantas desceu na estação da estrada de ferro. Estava lá o mundo florido das autoridades, esperando-o. Não conhecia ninguém. Sabia apenas o nome do prefeito, *doutor Negrão*. Olha para um lado, para o outro, de repente abre os braços e se dirige rápido para o cordão solene das autoridades:

— Doutor Negrão, meu abraço.

Abraçou Melo Viana, senador, mulato retinto, quase preto.

60

Carlos Drummond de Andrade era chefe de gabinete de Gustavo Capanema, ministro da Educação. Na ante-sala, o deputado Atilio Vivaqua, do Espirito Santo, queria entrar. O continuo pediu que esperasse, mas ele estava com pressa:

— Não posso esperar. Afinal de contas, sou um representante do povo.

O continuo foi lá dentro, avisou ao poeta. Drummond saiu:

— Quem é o representante de O Povo*?*

— Sou eu, um representante do povo que estou sendo aqui maltratado.

— Mas o senhor é apressado demais. O representante do Correio da Manhã*, que é um jornal muito mais importante que o seu, está ai aguardando com calma e não reclamou. Aguarde também.*

61

Em 61, na renúncia de Jânio, o deputado Último de Carvalho estava explicando aos correligionários de Rio Pomba porque o PSD resolvera aceitar a posse de João Goulart como presidente de um regime parlamentarista. O chefe político da cidade interrompeu:

— Doutor Último, nesse novo regime o doutor Jango nomeia?
— Nomeia.
— Demite?
— Demite.
— Prende?
— Prende.
— Solta?
— Solta.
— Empresta dinheiro?
— Empresta.
— Então tá tudo bem.

62

Dom Serafim, sábio e santo, estava terminando a missa de domingo em Paracatu, doce terra antiga lá na banda esquerda do Estado, cidade dos Arinos e dos Botelho. Ao lado da catedral, um grupo bebia no bar. Um deles apostou que entrava na igreja a cavalo. Pegou o animal, amarrado na porta, montou e entrou na igreja.

Quando os cascos estalaram no ladrilho, a nave, cheia, se levantou de espanto. Lá da frente, Dom Serafim olhou para trás, sorriu, compreendeu, perguntou:

— Será São Jorge?

A nave, cheia, sentou-se de alívio. E o cavalo e seu cavaleiro voltaram estalando os cascos no ladrilho.

63

Poucos dias antes de ele morrer, o jornalista Antônio Carbone perguntou a Francisco Campos, o incorrigível Chico Campos da Constituição de 37:

— Professor, qual a principal virtude para um político no Brasil?

— A capacidade de improvisar. Tanto em 37 como em 64, dei uma improvisada. *E todo mundo pensou que eram alguns de meus velhos estudos.*

64

Outra de Chico Campos conversando com o jornalista Tarcísio Holanda:

— A principal qualidade e o principal defeito de um chefe de Estado é saber ou não saber dosar a liberdade. O governante que acerta a dose de liberdade a dar a um país e a um povo pode ficar no governo o tempo que quiser. Quer dizer, fica enquanto acerta. No dia em que erra, cai. Eu estava afastado de Getúlio há muito tempo. Um dia, em 1944, já quase no fim da guerra, ele manda me chamar:

— Dr. Campos, o que é que o senhor está achando do país?

— Acho que está na hora de abrir um pouco a torneira da liberdade.

— Por quê?

— Presidente, liberdade é como água no Nordeste. Se vem demais, alaga tudo. Mas, se vem de menos, a seca vai irritando todo mundo e um dia eles acabam invadindo o comércio para arranjar de qualquer jeito. Veja os mineiros. Estão pedindo água cada dia mais. Eu acho que está na hora de abrir um pouco a torneira. Afinal de contas, já são sete anos de pouca água.

Getúlio sorriu, ficou fumando seu charuto, eu fui embora. Um mês depois, ele mandou me chamar de novo:

— Dr. Campos, pensei naquela história da água e da liberdade. Vou convocar eleições. O que é que o senhor acha?

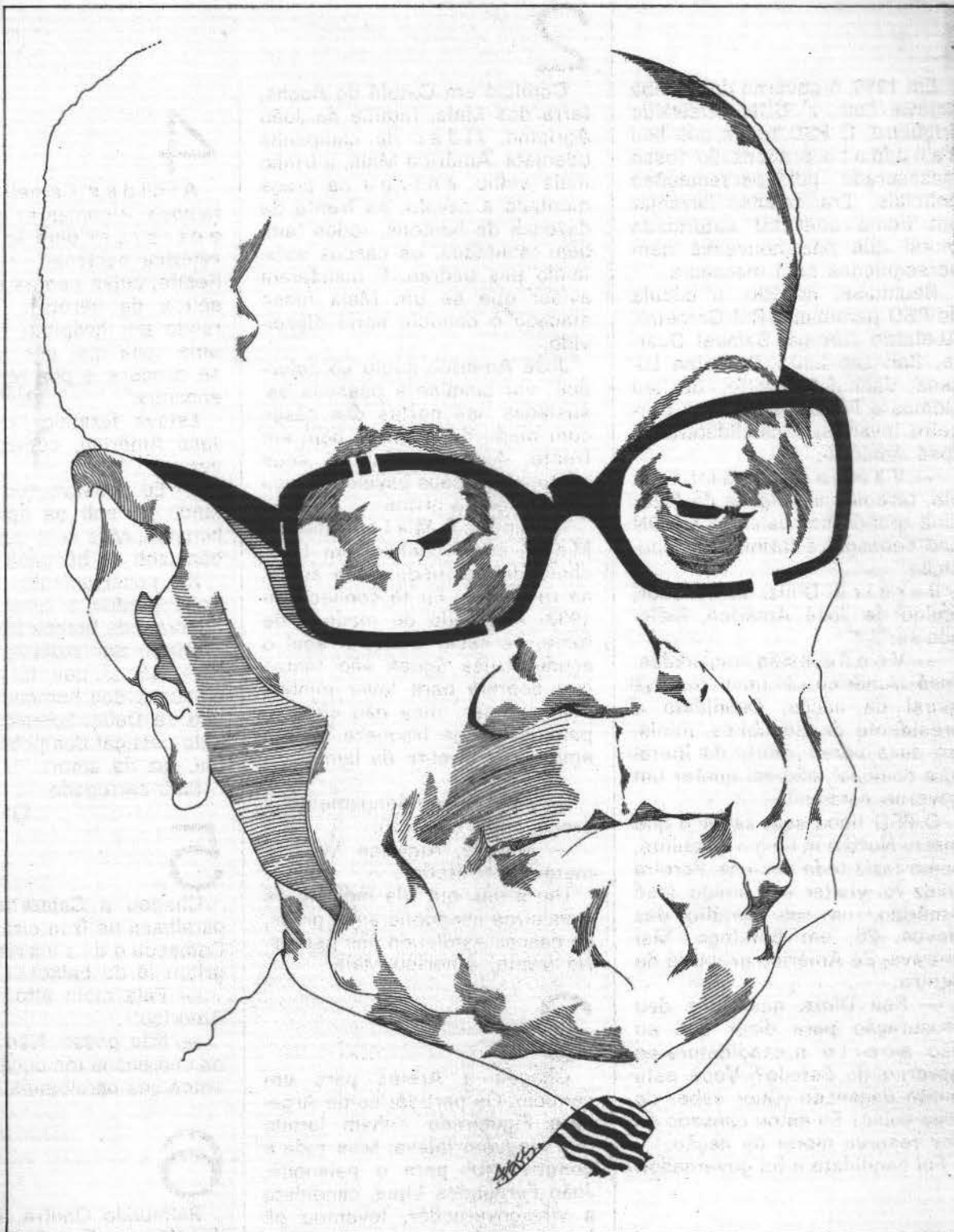
— Bem, presidente, cuidado para o senhor também não abrir a torneira demais.

Ele abriu demais, acabou indo nas águas.

65

Sílvio de Abreu, deputado federal, quando delegado de Juiz de Fora transferiu a zona boêmia do centro da cidade para um bairro distante. Anos depois, candidatou-se a prefeito. Um vereador adversário foi fazer comício lá:

— Vocês, que moram aqui neste bairro, não podem votar em Sílvio de Abreu para prefeito. Ele era delegado, há muitos anos atrás, e tirou a zona boêmia do centro da cidade, onde ficam as estações ferroviária e rodoviária, os hotéis e as casas comerciais, e obrigou todo mundo a se mudar para cá, atrapalhando a vida de muita gente. Eu posso falar porque naquele tempo já era vereador e vi tudo. Se vocês pensam que estou mentindo, perguntem a suas mães, que foram putas da zona velha.

Saiu debaixo de pau.

José Américo de Almeida

PARAÍBA

1

Em 1950, o governo da Paraíba estava com a UDN: Oswàldo Trigueiro. O PSD temia que seu candidato à sucessão fosse massacrado por perseguições policiais. Era preciso arranjar um nome com tal autoridade moral que não houvesse nem perseguições nem massacre.

Reuniu-se, no Rio, a cúpula do PSD paraibano: Rui Carneiro, Abelardo Jurema, Samuel Duarte, Salviano Leite, Severino Lucena, Janduí Carneiro, Basileu Gomes e Pereira Diniz. Rui Carneiro levantou a candidatura de José Américo:

— Vamos convidá-lo. Com ele, teremos condições de fazer uma grande campanha e a UDN não conseguirá intimidar a oposição.

Pereira Diniz, ex-senador, amigo de José Américo, indignou-se:

— Vocês estão enganados. José Américo é uma reserva moral da nação. Candidato a presidente da República, ministro duas vezes, glória da literatura nacional, não vai querer um governo estadual.

O PSD ficou sem saber o que fazer. No domingo seguinte, como fazia toda semana, Pereira Diniz foi visitar seu amigo José Américo, na rua Getúlio das Neves, 28, em Botafogo. Mal entrava, Zé Américo gritou lá de dentro:

— Seu Diniz, quem lhe deu procuração para dizer que eu não aceito a candidatura ao governo do Estado? Você está muito enganado. Quer saber de uma coisa? Eu estou cansado de ser reserva moral da nação.

Foi candidato e foi governador.

2

Comício em Catolé do Rocha, terra dos Maia, família de João Agripino, líder da campanha udenista. Américo Maia, o irmão mais velho, entrou na praça montado a cavalo, na frente de dezenas de homens, todos também montados, os cascos estalando nas pedras. E mandaram avisar que se um Maia fosse atacado o comício seria dissolvido.

José Américo subiu ao palanque, viu cinqüenta pessoas assustadas nas portas das casas com medo da briga, e, bem em frente, Américo Maia e seus homens nos seus cavalos. Pegou o microfone e gritou:

— Américo Maia, Américo Maia, eu te conheci em 1930, chorando de medo e de susto, na revolução. Eu te conheci em 1932, morrendo de medo e de fome, na seca. Construí aqui o açude, cujas águas são tantas que sobram para lavar minhas mãos limpas, mas não chegam para lavar tua fraqueza. Dei-te emprego e tirei-te da lama.

Parou, olhou longamente a praça, abriu o paletó:

— Marcha, Américo Maia, e mata teu benfeitor.

Um a um, em fila indiana, os cavaleiros abandonaram a praça, os cascos estalando nas pedras. Na frente, Americo Maia.

3

Chegou a Areias para um comício. Os partidários de Argemiro Figueiredo tinham jurado que ninguém falava. Mas toda a comitiva foi para o palanque, João Fernandes Lima, candidato a vice-governador, levantou os braços:

— Povo de Areias!

Atrás, gritaram:

— Corre que lá vem bala!

Aproveitou os braços para o alto:

— Adeus, Areias! Areias, adeus!

E deu no pé. Deram todos no pé. No palanque ficou um só: José Américo.

4

Alcides Carneiro é orador famoso. Algumas frases suas entraram para as lendas da retórica nacional: — "Falo em Recife, cujas pedras são travesseiros de heróis". Ou inaugurando um hospital: — "Esta é uma casa que por infelicidade se procura e por felicidade se encontra".

Estava fazendo comício com José Américo, começou a chover:

— Eu pensava que estava falando só sob os aplausos dos homens. Mas vejo que falo também sob as bênçãos de Deus.

No encerramento, a chuva tinha parado e uma lua gorda boiava toda branca no céu. José Américo não resistiu:

— Há os que falam sob os aplausos dos homens e a bênção de Deus. Eu falo iluminado pelo castiçal dos pobres, a doce lua, luz do amor.

Saiu carregado.

5

Chegou a Cajazeiras, cidade paraibana na fronteira do Ceará. Começou o discurso, alguém gritou lá de baixo:

— Fala mais alto, doutor Zé Américo!

— Não posso. Não quero que os cearenses me ouçam pedindo votos aos paraibanos.

Raimundo Onofre, ex-prefeito de Várzea Grande, tinha sido nomeado por ele promotor e delegado da DOPS. Na campanha, ficou contra:

— Quem são os que me combatem? Esse Raimundo Onofre, tão falso e fingido que verte lágrimas pelo olho de vidro. E o Solon Lucena? Presidente do PSD, é como Cristo de prostíbulo. A tudo assiste e não protesta.

7

No último dia da campanha, o candidato da UDN, Argemiro Figueiredo, foi fazer o comício de encerramento na Lagoa (Parque Solon Lucena). José Américo fez o seu na praça da Catedral das Neves. Havia uma multidão.

Falava, alguém lhe disse ao ouvido:

— Ministro, o Argemiro está falando horrores do senhor lá na Lagoa.

Não perdeu o embalo:

— Este mar humano encapelado expulsa os detritos e os batráquios que ora coaxam na Lagoa.

8

Todas as notícias eram de que o Tribunal Eleitoral, controlado pela UDN, iria conspurcar os votos:

— Ganha, mas não leva.

Na véspera da eleição, mandou chamar Abelardo Jurema, então senador:

— Abelardo, amanhã vou fazer uma visita ao Tribunal, às 10 horas. Você vai comigo.

Chegou lá, o presidente, Severino Montenegro, interrompeu a s e s s ã o para recebê-lo. Ele disse apenas:

— Presidente, t i v e notícias de que, se meu nome sair vitorioso das urnas, o Tribunal vai sacrificá-lo. Eu não acredito. Não acredito de m a n e i r a alguma. Mas se eu tiver certeza de que fui s a c r i f i c a d o, vou à praça pública convocar o povo para queimar o Tribunal.

E foi embora. Ganhou e levou.

9

Eleito governador, o deputado João Agripino lhe fazia cerrada oposição na Câmara Federal. Mandou chamar o tenente Lira (hoje deputado estadual em João Pessoa):

— Tenente, acabo de nomeá-lo para o comando de uma volante. Sua missão é ir enquadrar na lei os Maia de Catolé do Rocha *(família de João Agripino).*

— Pois não, governador.

— Tenente, sabe o que é enquadrar na lei?

— Sei, sim, governador.

— Sabe não. Enquadrar na lei é exigir carteira de identidade de todos os Maia que entrarem na cidade. Quem não tiver, vai preso. Enquadrar na lei é desarmar todos os Maia, até de quicé *(faquinha de cortar fumo para fazer cigarro de palha).* Enquadrar na lei é destelhar as casas dos Maia para descobrir criminosos homiziados lá dentro. Enquadrar na lei é exigir que todos os feirantes dos Maia tenham os impostos pagos na Prefeitura e no Estado. Tenente, agora já sabe o que é enquadrar na lei?

— Sei, sim, governador.

— Vá, tenente, e cumpra sua missão legal.

Uma semana depois João Agripino fazia as pazes com José Américo

10

Apareceu no palácio o diretor do FISI *(picaretagem norte-americana que distribui leite ralo de graça para levar grossas riquezas também de graça).* Comunicou a José Américo que o leite estava no Ceará:

— Governador, mande buscar a parte da Paraíba lá em Fortaleza.

— Não senhor. Eu gostaria que o senhor trouxesse o leite de lá e o entregasse aqui no Estado.

— Quer dizer que o governador não quer o leite?

E passou a mão na barriga dele.

José Américo deu um passo para trás, largou uma bofetada na cara do americano e o enxotou do palácio aos berros:

— Cretino. Está pensando o quê? Um governador de Estado não pode deixar passar a mão na sua barriga.

Três dias depois, o leite do FISI estava em João Pessoa.

11

Nomeou o tenente Luís de Barros delegado de polícia em Espírito Santo, onde mandava a família Ribeiro Coutinho, da UDN, seus adversários.

O comando da Polícia Militar se reuniu e considerou o ato uma ofensa aos brios da corporação. Escolheram uma comissão (o comandante e três coronéis) para ir ao governador manifestar o desgosto e a inconformidade da polícia. José Américo os recebeu sentado, eles todos de pé em sua frente. Falou o comandante, coronel Ivo Borges:

— Governador, o ato de V. Excia. repercutiu muito mal no alto comando, sobretudo porque o tenente Luís de Barros é um nome execrado na Polícia Militar da Paraíba. A nomeação não foi bem recebida e não pode ser executada.

Levantou-se e ajeitou o cinto com a mão direita *(velho hábito que ele tem):*

— Coronel Ivo Borges, mande formar sua polícia em frente ao palácio, em farda de gala.

— Pois não, governador. Para quê?

— É que eu quero, com um decreto, dissolver esta polícia de merda.

A comissão saiu e o tenente ficou delegado.

12

Na seca de 32, ministro de Vargas, correu o Nordeste com trens de gêneros alimentícios. Chegou a Ipu, no Ceará, com Juarez Távora, então coronel. O prefeito não tinha como homenagear os dois, chamou um cantador de feira para tirar versos. O homem os viu em roupas simples, barba grande, sem farda e sem gravata, mandou seu cantar:

— "Não gosto de ver diploma
não gosto de ver ané,
pois todo cabra safado
é doutor ou coroné".

José Américo até hoje ri do susto de Juarez Távora.

13

Na seca de 50, Raimundo Onofre, já deputado, conseguiu um caminhão de sementes para vender ao povo de Várzea Grande a preço de custo. Uma semana depois, chega a notícia de que tinha distribuído toda a semente de graça. A oposição denunciou, José Américo ficou furioso, mandou chamar o deputado:

— O senhor está dilapidando os cofres públicos.

— Vou explicar, governador. Eu ia vender as sementes. Mas, logo na primeira cuia, alguém gritou: — "Viva o doutor José Américo!" Eu não resisti à emoção, dei tudo de graça.

— Fez muito bem, deputado. Viva não é coisa que se ignore. Quantos caminhões quer mais?

14

Foi a Pilar, não viu uma só obra pública. Chamou o prefeito, major João José Mareja:

— Estive aqui há 20 anos, você era o prefeito. Volto agora, continua prefeito. E não fez nada, absolutamente nada na cidade nesses anos todos.

— De fato, não fiz nada.

— Você ainda confessa? E como é que manteve seu prestígio político todo esse tempo?

— Muito simples, doutor Zé Américo. Eu nunca fiz nada, mas também nunca cobrei nada de ninguém. Nem imposto nem taxa. Em política, só tem uma coisa ruim: é pagar.

15

José Lins do Rêgo, romancista e torcedor fanático, resolveu promover em João Pessoa um Campeonato Nacional de Futebol Amador para homenagear José Américo. O campeonato foi indo, a Paraíba fazendo figura. A cidade explodia de feliz.

Chegou a partida final: Bahia x Paraíba. O filho do governador, José Américo Filho, chamou o juiz, tenente Lira, da Polícia Militar do Estado:

— Lira, você sabe, pai não pode perder. Este campeonato é uma homenagem a ele e temos que ganhar de qualquer jeito. Se a Paraíba ganhar, você vai a capitão. Se perder, adeus farda.

Começou o jogo, a Bahia apertando, apertando. As arquibancadas urravam:

— Paraíba! Paraíba!

Lira olhava, levantava a mão e pedia calma. Marcava penalidades, perseguia os baianos, protegia os paraibanos. E o jogo irritantemente zero a zero. Perdeu a paciência, marcou pênalti contra a Bahia. Não havia pênalti nenhum, mas marcou. As arquibancadas berraram enlouquecidas. Bitota, artilheiro da Paraíba, chutou. O goleiro da Bahia pegou. Lira gritou:

— Nulo. Chuta de novo. O goleiro se moveu no gol.

— Não me movi não, seu juiz.

Lira deu três passos, chegou bem junto do goleiro e rosnou no ouvido dele:

— Fica calado aí, negro, que eu mando te arrebentar. Já viu goleiro pegar pênalti?

Virou capitão.

16

Disseram-lhe em Paris:

— Ministro, o senhor fala francês muito bem.

— Falo, sim, mas nunca botei a boca em cone para parecer autêntico.

17

Em 37, abrindo sua campanha para a presidência da República, definiu assim a questão social:

— Temos que ceder alguma coisa, antes que tenhamos que ceder tudo.

Ainda não começaram.

18

João Goulart tinha assinado a lei Carvalho Pinto *(remessa de lucros para o exterior)*, tinha desapropriado as refinarias e mandado ao Congresso a mensagem da reforma agrária. Abelardo Jurema, ministro, passou por João Pessoa, foi visitar José Américo. Ele estava preocupado. Falou sobre o presidente com muita simpatia e mandou um recado:

— Abelardo, diga ao Jango que ele está fazendo tudo de uma vez só e o país não agüenta. Quem não anda devagar cai da sela.

Caiu.

19

Ruy Carneiro governador, Janduy, o irmão, queria ser o sucessor. Ruy resistiu:

— Você não tem nem condições políticas nem dinheiro para a campanha. Nosso candidato deve ser o José Joffily, que vence tranqüilo, com apoio do Juscelino e do Jango.

— Pois tenho condições. E, dinheiro, arranjo.

Ruy adiou, resistiu, acabou cedendo. Janduy saiu candidato do PSD contra Pedro Gondim, da UDN, e perdeu. Ruy começou a pagar as dívidas da campanha do irmão. Um dia, encontrou Abelardo Jurema aqui no Rio:

— Compadre Abelardo, família é uma instituição divina. Porque, se não fosse, ninguém agüentava.

20

Janduy descobriu um sistema infalível para se livrar de eleitor que lhe vinha pedir emprego no Rio:

— Pois não, meu filho. Devo muitos favores à sua família e vou arranjar o emprego. Mas você sabe, não é? A lei é a lei. Você tem todos os documentos?

— Tenho sim, deputado.

— Tem carteira de reservista?

— Tenho sim.

— Tem carteira de identidade?

— Tenho sim.

— Tem título de eleitor?

— Tenho sim.

— Tem batistério?

— O que é isso, deputado?

— Batistério, meu filho. Você não tem batistério?

— Isso eu não tenho não.

— Então não tem jeito, meu filho. É a lei, e o que é que vou fazer com a lei?

21

Alcides Carneiro era presidente do IPASE no governo Dutra. José Pereira Lira, chefe da Casa Civil, queria ser governador da Paraíba. Mas Alcides Carneiro era do PSD e o PSD estava comprometido com José Américo.

Pereira Lira começou a tramar a derrubada do presidente do IPASE. A coisa estourou nos jornais. Uma tarde, Alcides foi visitar sua mãe, dona Maroquinha, internada no Hospital dos Servidores do Estado. Não tratou de política, para a velhinha não ficar aflita. Mas ela estava por dentro de tudo:

— Meu filho, tenho lido os jornais. Mas não se importe não, porque eu tenho rezado muito por você.

— Minha mãe, reze alto porque os santos ultimamente andam muito moucos.

22

João Agripino se elegeu governador, os irmãos e primos começaram a disputar posições. João resistindo. A pressão foi crescendo, João convocou uma reunião de família em Catolé do Rocha, terra dos Maia:

— V o c ê s precisam lembrar que a família costuma acabar com os homens públicos. Vejam Epitácio Pessoa, Getúlio, Linhares.

Lá do fundo da sala, Fábio Maia, irmão mais novo, interrompeu:

— Só que a g o r a, aqui na Paraíba, está acontecendo exatamente o contrário. É a primeira vez que o homem público está acabando com a família.

23

Argemiro Figueiredo, interventor, foi pescar com Fernando Nóbrega, prefeito de João Pessoa. Passaram a manhã inteira de anzol na mão, ninguém pegou nada. Um secretário de Argemiro mergulhou, pegou um peixe, espremeu as guelras, enfiou no anzol do interventor, subiu.

Argemiro, vitorioso, puxou o peixe, como um troféu e Fernando Nóbrega disse só:

— É isto mesmo. O peixe do poder já vem morto.

24

Argemiro foi demitido de repente. O coronel Beto de Menezes chegou para visitá-lo:

— Eu sabia, Beto, que você não me abandonava. Eu sabia que comigo você iria ao abismo.

— Ao abismo, não, Argemiro. Só à beira.

25

José Pequeno era o líder dos carroceiros de João Pessoa. Comandava desfiles de carroça em homenagem ao interventor Argemiro e ao prefeito Nóbrega.

De repente, Argemiro caiu, Nóbrega também. José Pequeno guardou sua carroça, plantou-se dentro de casa. Um dia, dois, ninguém o viu mais. No terceiro dia, pôs a gravata, engraxou os sapatos e passou pela casa de Fernando Nóbrega:

— C h e f e, vou ao Palácio apoiar o novo interventor, Ruy Carneiro.

— Por que tanta pressa, Zé Pequeno?

— Ah, doutor, três dias longe do governo é demais.

26

Oswaldo Trigueiro foi governador pela UDN em 1947. Situação política agitada, a oposição a t a c a n d o demais. Receando qualquer agressão pessoal ao governador, o presidente do Tribunal de Justiça, Braz Baracuí, procurou-o:

— Oswaldo, você não pode continuar andando assim sozinho. Precisa de um homem de confiança e de coragem a seu lado. Vou arranjar um.

Entrou no palácio com o homem, apresentou, mandou tirar a camisa:

— Veja isso aí, Oswaldo. Ele tem o peito furado de balas.

— Braz, eu queria é o que fez isso nele.

27

Na campanha contra Getúlio e o mar de lama, Oswaldo Trigueiro dizia:

— "Sei o que é isso. Todo governo tem seu Gregório".

E contava porque. Governador solteiro, tinha um ajudante de ordens discreto, calado, semi-analfabeto, cabo Zé João, que toda manhã lhe levava os jornais. Era a primeira pessoa que conversava com o governador, mal ele acordava. Um dia, o desembargador Braz Baracuí, amigo de infância, o procurou:

— *Oswaldo, você precisa tomar uma providência urgente. Há gente importante, muito importante, de dentro de seu gabinete, vendendo promoções, negociando favores, fazendo todo tipo de negociatas. Uma hora dessas a oposição cai em cima de você. É preciso apurar, e logo.*

O governador saiu em campo e descobriu. Era o calado, discreto e semi-analfabeto cabo Zé João, que toda manhã entregava os jornais e ia direto às casas dos secretários levar as recomendações *reservadas do governador.*

C a d a recomendação *virava ato. E o cabo Zé João faturando.*

28

Ninguém conhece os irmãos Melo e Silva pelo sobrenome. Eles são gente só de nome. E nome nacional. Drault Ernâni é banqueiro. Bivar Olinto é deputado. Adegilson é personagem desta história. Na seca de 32, Adegilson de Melo e Silva era o major Dedé, chefe político e prefeito de Patos. A fome estava feia, major Dedé fundou a sua SUNAB: baixou portaria tabelando os preços de alimentos e mandou pregar na feira.

O povo gostou. Mas o engenheiro Palunga, chefe do 3.º Distrito do DNOCS na Paraíba e responsável pelas medidas federais contra a seca no Estado, achou que era uma arbitrariedade do prefeito. E mandou rasgar a portaria.

Major Dedé foi à pensão onde o engenheiro P a l u n g a estava hospedado e tentou explicar. A s i t u a ç ã o era de emergência, havia fome demais e ele, como prefeito, tinha que tomar uma providência. A providência era o tabelamento. Fez nova tabela, mandou pregar na feira.

O engenheiro P a l u n g a não disse nada. Saiu, foi à feira, rasgou de novo a tabela. Major Dedé chamou dois ajudantes e tocou para a pensão. O engenheiro Palunga ia s a i n d o do banho todo e n r o l a d o. Major D e d é levou-o para o quarto, pediu a mão e deu doze bolos. Seis em cada uma.

No dia seguinte, o engenheiro Palunga viajou para João Pessoa e mandou ofício para José Américo, o ministro das secas. Ninguém sabe o que José Américo respondeu. O que se sabe é que a tabela do major Dedé ficou na feira de Patos até a seca acabar.

29

Drault Ernâni saiu menino de Patos, veio para o Rio. Trabalhou, ficou rico, voltou candidato a suplente do s e n a d o r Assis Chateaubriand. Coronel P e d r o Tôrres deu-lhe um abraço de velho amigo:

— Então, doutor, saiu daqui "Drau" e voltou "Drô"!

30

Major Dedé se cansou da vida pública e veio para o Rio. Jurou nunca mais se meter em brigas cívicas. Um dia, foi ao Santos Dumont receber um casal de amigos que não conhecia o Rio. Entrou no táxi, pediu ao motorista:

— Estes meus amigos não conhecem a cidade. Vão para o hotel. Mas antes eu queria que o senhor desse uma volta pelo Flamengo e Botafogo, para eles começarem a conhecer.

— Só vou para Copacabana. E direto.

— Mas, meu senhor, compreenda. O senhor não vai perder nada. Pode cobrar em dobro, eu pago. Apenas queria que eles tivessem uma primeira visão do Rio. É coisa rápida. Depois os deixamos no hotel e vamos para Copacabana.

— Já disse. Só vou para Copacabana. E direto.

Major Dedé ficou parado, pensou na paz que tinha vindo buscar no Rio, mas se lembrou de Patos, lá na Paraíba, puxou um 38 de cano curto, encostou no ouvido do motorista:

— Meu senhor, o senhor vai dar uma voltinha, pela cidade todinha. E, agora, de graça.

Nunca rodou tanto de táxi.

31

Coronel Miguel Sátiro, pai de Ernâni Sátiro, nunca falou mal de ninguém. E sempre arranjava um jeito de falar bem. Dia da padroeira, apareceu o compadre Manuel:

— Bom dia, compadre. Cadê o afilhado João?

— Não trouxe não, compadre Sátiro. O menino já está homem, mas não deu para nada. É um caso perdido.

— Não, não é a s s i m não. Vamos ver para que é que o menino dá.

— Não dá para coisa alguma. Tudo que faz é errado, sem jeito.

— Compadre, o menino não sabe ler e escrever?

— Sabe.

— Pois vêm eleições aí, ele podia e n t r a r na política. Ser candidato a vereador.

—Então é para o que dá. Sem-vergonha e mentiroso foi só o que ficou.

32

Ferreira Dantas, amigo de infância do presidente Camilo de de Holanda *(n a q u e l a época, governador era presidente)*, era jornalista e lhe fazia violenta oposição. Camilo respeitava .

Manhã bem cedo, Camilo encontrou Ferreira Dantas na rua, parou o carro, ofereceu-lhe carona. Ferreira Dantas agradeceu, ele insistiu, o jornalista aceitou. Carro em João Pessoa, naqueles tempos (1918) era como helicóptero hoje. Coisa de governador.

O adversário no carro, Camilo rodou a manhã inteira. Correu a cidade, praças e subúrbios. Humildemente, deu explicações, anotou providências, concordou com muitas críticas, prometeu consertar coisas e pediu que ele continuasse apontando os erros do governo.

Meio-dia, quando voltaram ao palácio, a cidade toda já comentava, sem entender, o passeio do governador com seu mais terrível a d v e r s á r i o. Camilo saltou, viu o olhar assustado dos auxiliares, mandou o carro oficial levar o jornalista até o jornal:

— Não me largou a manhã todinha.

33

Ferreira Dantas denunciou torturas contra presos na cadeia de João Pessoa. Atacou violentamente C a m i l o de Holanda *"presidente do Estado e portanto responsável"*. E ressaltou a posição do chefe de Polícia, *"homem de categoria, incapaz de conivência com essas barbaridades"*.

O chefe de Polícia mandou abrir inquérito. Camilo não gostou, *"porque ele está querendo é fazer média com a oposição"*. Uma manhã, chamou o chefe de Polícia e tocaram os dois para a cadeia:

— Cabo Chico Diabo, o que é que está h a v e n d o aí? Que negócio é esse de torturas?

— Não é tortura não, presidente. São uns ladrões de cavalos, uma escumalha. Eu dei uns bolos neles para eles aprenderem que cavalo tem dono.

— Vá buscar os ladrões.

Vieram os ladrões:

— Cabo Chico Diabo, meia dúzia de b o l o s neste aqui. Depois, meia dúzia nesse aí. E meia dúzia naquele ali também.

O chefe de Polícia pálido e calado, Camilo de Holanda, de pé, cara fechada, espiava o teto. E os pobres homens gemendo na palmatória grossa de furinho no meio.

Quando os bolos terminaram, Camilo bateu a mão no ombro do chefe de Polícia, já branco e suando, sem entender nada:

— Doutor chefe de Polícia, prossiga com o inquérito. E com rigor. Com todo o rigor!

34

Camilo de Holanda tinha uma namorada. Só que a namorada era mulher de um sargento da Polícia Militar. Uma vez por s e m a n a, já de propósito, o tenente-comandante dava prontidão noturna no quartel. E o velho Camilo, sem sustos, saía do palácio e ia ver seu amor.

Uma noite, Camilo vai chegando à casa dela e vê, pendurado na cadeira da sala, o dolman do sargento. Voltou furioso ao quartel:

— Tenente, e minhas ordens?

— Que ordens, presidente?

— Prontidão rigorosa, que a ordem pública está ameaçada.

O tenente m a n d o u tocar a corneta, dentro de pouco tempo o batalhão estava todo lá. De prontidão absoluta. Não faltava ninguém.

Meia-noite, Camilo voltou lépido:

— Tenente, relaxa a prontidão que o perigo já passou.

O perigo era ele.

35

Setenta anos, cabeleira branca, colete engomado e duros punhos, o ex-senador José Gaudêncio era r e s e r v a moral da UDN. Veio 45, o nazismo pisado, a ditadura esperneando, o povo na rua, reuniram-se os udenistas em João Pessoa para a escolha dos candidatos.

Osmar de Aquino tinha prestígio mas pouca idade e queria entrar na chapa de deputado. José Gaudêncio, o pajé, resistia. Osmar saiu para o discurso:

— Senador, a coisa hoje está muito diferente. A democracia socialista está caminhando nas ruas e novos ventos sopram de todos os cantos do mundo.

— Seu Osmar, você está enganado. Eu também polvilho meu salzinho socialista nas coisas que faço.

36

Dilermando L u n a, baixinho, magrinho, voz fina saindo do adunco nariz de p a p a g a i o, já ensinou história a várias gerações de paraibanos. Estava em um banquete em Campina Grande, homenagem ao governador Pedro Gondim. O orador encarregado da saudação era o poeta e político Raimundo Asfora. Diz uma coisa bonita qualquer, professor Dilermando se levanta na ponta da mesa:

— Protesto! Não permito! Isto não pode ser. É um abuso. Ele está plagiando Manuel Bandeira.

Pedro Gondim, gongórico de discursos bolorentos, começou a agradecer. Governador é governador, todo mundo ouvia em silêncio:

— *Na horizontalidade dos propósitos e na verticalidade das intenções...*

Um gaiato, lá do fundo, provocou o professor Dilermando:

— Ele está plagiando também e só porque é governador o senhor não protesta:

— Plagiando coisa nenhuma. Pedro Gondim não pode plagiar ninguém, porque nunca leu nada.

O banquete acabou sem sobremesa.

37

Professor Dilermando se correspondeu durante muitos anos com membros da família imperial. Um dia, entrou em aula indignado:

— Vou romper com a monarquia. As cartas deles, que recebo do Rio, estão chegando com erros palmares de português. Não agüento mais esta monarquia burra.

38

Na renúncia de Jânio, os estudantes de João Pessoa estavam em passeata pela cidade, encontraram-no:

— Venha falar, professor. Estamos na ilegalidade.

— Meus filhos, na ilegalidade estou eu desde 1889, porque sou monarquista.

39

Combate a República como um cavalheiro medieval. Para ele, os males do Brasil começaram no dia em que derrubaram a monarquia. Veio 1964, foi demitido e aposentado. Não se conformou. Queria saber porque:

— Porque o s e n h o r é um subversivo, professor.

— Subversivo são os senhores, desde 1889.

40

Foi o f i c i a l de gabinete de Oswaldo Trigueiro. Toca o telefone do palácio, era Renato Ribeiro, usineiro, líder da UDN, amigo do governador:

— O Oswaldo está?

— Que Oswaldo?

— Oswaldo, o governador.

— S. Exa. o dr. Oswaldo Trigueiro, governador do Estado, não está. Está alhures.

— E onde é que fica isso?

— Fica perto de Alhandra, seu imbecil.

(Alhandra é uma cidade da Paraiba)

41

Luis de Oliveira, orador popular nas lutas politicas de 1930, elegeu-se v e r e a d o r de João Pessoa. Era o tribuno do povo.

Um dia, os jornais começaram uma campanha contra o beijo em público Diziam que aquilo era "degradação que vinha da capital do País, contaminada por idéias estranhas aos puros sentimentos do povo brasileiro e que não podia ser consentida pela virtuosa família paraibana".

Logo apareceu, na Câmara de João Pessoa, um projeto mandando pôr na cadeia todo aquele que fosse encontrado beijando em público. Foram pedir o apoio de Luis de Oliveira.

— Não posso. Eu sei que o beijo em público é um atentado à moral. Mas sou um democrata e não posso ser contra um movimento popular vitorioso.

42

Com a redemocratização, em 45, Hermes Lima foi ao Nordeste conseguir apoio de democratas ilustres para fundar o Partido Socialista Brasileiro. Em João Pessoa, procurou Luis de Oliveira:

— Luis, o socialismo é como aqueles gramados dos castelos da Inglaterra. Cada geração dá por eles um pouco de si. Um jardineiro planta, o filho cuida, o neto poda. E vai assim, de geração em geração, até que, um século depois, torna-se o que é.

— Doutor Hermes, me desculpe, mas não vou entrar não. Gosto muito do socialismo, mas vai demorar muito. Eu quero é o poder. E o poder é como água. A gente tem que beber na hora.

43

Coronel Massa, sogro de José Lins do Rego, era chefe de Polícia. Por causa de um aumento de preços lá qualquer, houve pancadaria em João Pessoa. Coronel Massa saiu de casa, foi sozinho à praça central, subiu numa varanda:

— Tenham juízo. Tanta confusão por uma bobagem? Acalmem-se que o governo vai tomar providências.

E desceu. Ia saindo, voltou, subiu de novo:

— Agora, vão todos para suas casas e fiquem lá bem amotinadozinhos.

44

Alcides Carneiro veio ao Rio, procurou o coronel Massa, já senador:

— Sou apenas um jovem advogado. Mas, se o senhor me permite, acho que o senhor precisa dar um pouco mais de atenção ao povo.

— Ora, meu filho, esse negócio de povo ninguém entende mais do que eu. Povo só é povo quando é povo. Povo que não é povo não é povo.

45

Getúlio Vargas foi a Manaus, em 1954, inaugurar o aeroporto. Assis Chateaubriand, candidato a senador pela Paraíba, conseguiu que o Catete convidasse um grupo de líderes do PSD paraibano para participarem da comitiva.

O Curtis Comander do Loide Aéreo levava mais de dez horas na rota Rio-Manaus. Chateaubriand, todo solícito, bancou o aeromoço. Trazia uísque, canapé, refrigerantes. E a comitiva encantada com a gentileza do velho capitão.

Já de madrugada, todo mundo cansado, Chateaubirand servindo, Raimundo Onofre elogiou a generosidade do jornalista, ali de garçon a viagem inteira. Chatô, que conversava com Getúlio, gritou lá da frente:

— Seu Raimundo, aproveite, porque daqui a um mês, passadas as eleições, eu mando vocês à merda.

46

Major Irineu de Princesa Isabel, rico, pão-duro e ateu, não dava um tostão para a igreja. A mulher pedia, o padre pedia, nada.

Uma noite chegaram aflitos dois portadores:

— Coronel, o açude está subindo. A água já está no respaldo.

Major Irineu começou a andar de um lado para outro. Água no respaldo era açude em perigo. E se o açude rompesse, a fazenda estava inundada. A mulher pedia:

— Velho, vá ao Santuário, leve um óbulo e faça uma promessa. Precisamos salvar o açude.

E ele andando. E novos emissários chegando. E a água já em cima. Major Irineu entrou no quarto, abriu o nicho, pegou as imagens dos santos, enrolou em um cobertor, montou, tocou para o açude. Na barragem, de metro em metro pôs um santo:

— Rapaziada, vocês mesmos é que sabem aonde querem ir.

A água baixou.

47

Cabralzinho, líder estudantil em Campina Grande, foi passear em Sobral, no Ceará. Chegou em dia de comício. No palanque, longos cabelos brancos ao vento, o deputado Crisanto Moreira da Rocha, competente orador da província:

— Ladrões!

A praça, apinhada de gente, levou o maior susto.

— Ladrões! Ladrões, porque vocês roubaram meu coração.

Cabralzinho voltou para Campina Grande, candidatou-se a vereador. No primeiro comício, lembrou-se de Sobral e do golpe de oratória do deputado, fechou a cara, olhou para os ouvintes com ar furioso:

— Ladrões!

Correu um frio na espinha da praça.

— Ladrões!

Ninguém se mexeu. Cabralzinho sabia que política em Campina Grande era briga de foice no escuro. Queria o impacto total.

— Cambada de ladrões!

Foi uma loucura. A multidão avançou sobre o palanque. Pedra, pau, sapatos. O rosto sangrando, acuado, encolhido lá no canto, Cabralzinho implorava:

— Espera que eu explico! Espera que eu explico!

Explicou. Ao médico, no hospital.

48

Coronel Trombone era o Deus de Espírito Santo. Seu engenho, Massangana, era a cidade e o município. Ele tinha a terra e o poder. E dava lições cívicas:

— Quando o chefe político chama a gente para uma conversa e começa elogiando, a traição está perto. E quando pergunta: — "você compreende?" — a traição está feita.

Argemiro, interventor, mandou chamar o coronel:

— Trombone, você sabe, vai haver eleições e eu estou tendo dificuldades para organizar a chapa do partido. Lá em Espírito Santo, você é o senhor da terra, do fogo e do ar. Você compreende?

— Não compreendo nada, dr. Argemiro. Ou entro na chapa ou rompo agora.

49

Severino de Oliveira, chefe político e moralista radical, veio ao Rio visitar velho amigo de infância. Ficaram conversando na sala. Entra a mulher, chama o marido:

— É um absurdo. Ninguém pode suportar isso. Aquele edifício ali de frente está virando o quê? Um homem nu na janela. Você tem que telefonar para a polícia.

E saiu revoltada. Severino olhou para o amigo e falou baixinho, como um padre:

— Eu não tenho nada com isso não. Mas, se fosse eu, me desquitava.

— Desquitar, eu? Você está louco? Minha mulher é uma santa, vivemos juntos há 40 anos. Desquitar por que?

— Ela não desmaiou.

— Desmaiar? Desmaiar por que?

— Lá na Paraiba, mulher casada que vê homem nu e não desmaia, não serve.

50

Piancó é cidade ilustre e não é de graça. Foi lá que a Coluna Prestes travou o único grande combate no Nordeste, morrendo, entre outros, o padre Aristides, comandante da resistência. O batalhão da Coluna, nesse dia, estava sob o comando de um tenente baixinho e valente: Cordeiro de Farias.

João Pereira Gomes, Promotor, começou carreira em Piancó. Na feira, passava o coronel Chico Nitão: 2 revólveres na cintura e uma cartucheira na barriga. O promotor chamou o cabo:

— Seu cabo, vá desarmar aquele indivíduo.

O cabo arregalou os olhos:

— Senhor doutor promotor, desarmar logo o coronel Chico Nitão?

— E eu quero saber quem é o coronel Chico Nitão? Vá desarmar, é a lei.

O cabo foi buscar o delegado, tenente Sobreira:

— Doutor promotor, o senhor mandou desarmar o coronel Chico Nitão?

— Mandei, tenente. Não me interessa quem seja. É a lei.

— Doutor promotor, o coronel é gente famosa, herói da região, combateu vários grupos cangaceiros, Lampião, Antônio Silvino, até com a Coluna ele brigou. Ele tem esse privilégio de andar armado.

— Tenente, lei não admite privilégio. Já dei a ordem, é para desarmar.

— Doutor promotor, alguns anos atrás apareceu por aqui um promotor igualzinho ao senhor, jovem e homem da lei. Mandou desarmar o coronel Chico Nitão e o coronel respondeu: — "Diga ao doutor promotor que as minhas armas só saem da cintura debaixo de festejo". Brigaram 24 horas e o promotor morreu.

— Bem, tenente, sendo assim, suspenda a operação, que vou conversar com o governador.

João Pereira Gomes, promotor e homem da lei, foi a João Pessoa e nunca mais voltou a Piancó para desarmar o coronel Chico Nitão.

51

João Suassuna, pai do teatrólogo Ariano Suassuna, era governador, resolveu combater o cangaço, que matava solto no Estado todo. Mandou telegrama ao sargento Irineu Rangel, delegado de Sousa:

— "Prenda José Cazuza. Saudações. a) João Suassuna, governador".

Zé Cazuza era pistoleiro famoso, centenas de mortes, proprietário da justiça e da lei na região. Sargento Irineu pôs o telegrama no bolso e saiu. Zé Cazuza estava conversando na praça.

— Por favor, cavalheiro, como é a sua graça?

— José Cazuza, às suas ordens, sargento.

Sargento Irineu puxou o telegrama do bolso, leu e guardou.

— Confere. Dê-me as suas armas.

Zé Cazuza deu.

— Venha comigo. O senhor está preso.

— Ah, então o senhor quer é me prender?

— Ah, então o senhor quer é brigar? Tome suas armas e vamos brigar. E é agora.

— Não, sargento, houve um mal-entendido.

E Zé Cazuza, terror da região, foi mansinho para a delegacia atrás do sargento Irineu.

Que virou herói.

52

Em 1930, havia um hino cantado em todo o País: *"João Pessoa, João Pessoa, bravo filho do sertão"*. O paraibano comprou um gramofone e reuniu os amigos para ouvirem o hino de João Pessoa.

O gramofone começou a tocar:

— "João Pessoa, João Pessoa".

Depois empacou. Ficou tocando só assim:

— "Bravo filho, bravo filho, bravo filho..."

O paraibano chamou a mulher:

— "Leva as meninas lá para dentro, que ele está querendo dizer um palavrão".

Otávio Mangabeira

BAHIA

1

Otávio Mangabeira era governador, o presidente Dutra visitou o Estado. Foram até Barreiras, lá no extremo norte, terra de Antônio Balbino e Tarcilo Vieira de Melo. A comitiva oficial foi saudada pelo agente de Estatística (do IBGE) e rábula famoso em todo a região, José Mariano de Sousa.

O orador enumerou as últimas obras públicas que tinham sido inauguradas na cidade: — o hospital, o serviço de água, o ginásio *"e a nova cadeia, com amplos e confortáveis xadrezes"*.

Mangabeira fechou a cara, não disse nada. Acabados os discursos, chamou Orlando de Carvalho, chefe político do Município:

— Seu Orlando, quando formos embora, mande prender esse orador. Já estive preso várias vezes e nunca vi xadrez *amplo e confortável*. Esse cretino precisa aprender que não se elogia cadeia nem carcereiro.

2

Auro Moura Andrade (aposentado por entender de fardas e togas) terminava um discurso no Senado. Ao lado de Mangabeira, alguém estava empolgado:

— Doutor Otávio, o senhor ouviu o discurso do Auro? Formidável, não foi? Uma beleza!

— Foi bom, sim. Mas não ao ponto de o senhor soltar girândolas para cima de mim.

3

Uma quinta-feira à tarde, procuraram o deputado Luís Viana Filho no Palácio Tiradentes.

— Está no chá da Academia.

— Doutor Otávio, ele não vai à Academia hoje, porque há reunião de Comissão aqui na Câmara, a que ele não pode faltar.

— É porque você não conhece Luís. O chá da Academia tem jeton. E, por um jeton, o Luís é capaz de ir ao Méier a pé.

Luís Viana estava mesmo no chá (com jeton) da Academia.

4

Nunca teve uma casa, nunca teve nada. Em Salvador, morava no Hotel da Bahia. No Rio, no Hotel Glória:

— Sou contra a propriedade. Ela escraviza.

Uma noite, no Hotel Bahia, chamou o deputado Lomanto Júnior, também lá hospedado. E recomendou que viesse rápido. Lomanto pôs um paletó de pijama sobre a calça esporte e foi.

— O que é isso, seu Lomanto?

— O que, doutor Otávio?

— Eu chamei você com pressa, mas não precisava vir nu. Volte, vista-se e venha.

5

Chegou à casa do senador José Cândido Ferraz, encontrou na sala um grande retrato do brigadeiro Eduardo Gomes:

— Você ainda conserva este santo na redoma?

— Claro, doutor Otávio. É uma homenagem a um grande brasileiro e um gesto de gratidão pessoal.

— Ora, seu Zé Cândido, a homenagem eu compreendo. Mas gratidão política a gente guarda seis meses. E faz mais de quatro anos que ele perdeu pela segunda vez. Essa sua gratidão já está prescrita.

6

Nas arruaças aéreas de Aragarças e Jacareacanga, a crise chegou ao Senado. Filinto Muller, líder do governo, foi à tribuna denunciar *"os conspiradores políticos, insufladores da desordem na Aeronáutica e inimigos da Pátria"* (dos quais hoje é presidente, na Arena). Mangabeira pediu um aparte:

— Desafio que se levante o único dos representantes do povo nesta Casa que nunca tenha conspirado. Temos sido todos, aqui, uns mais outros menos, conspiradores. De mim, devo declarar que, ao longo de minha já longa vida pública, não tenho feito outra coisa.

Filinto desceu.

7

Estava na tribuna da Câmara Federal, pedem-lhe um aparte.

— Meu filho, seu nome?

— Fernando Ferrari, líder da bancada do PTB.

— Pobre país de líderes mal saídos das fraldas.

Ferrari sentou.

8

Ulisses Guimarães chegou à Câmara Federal com uma admiração enorme por Gustavo Capanema:

— Doutor Otávio, o senhor não acha que o Capanema é um dos homens mais inteligentes do país?

— Não acho não, Ulisses. O Capanema é muito talentoso, mas muito confuso. E não tem culpa. Repare a cabeça dele: tem três andares. Até a idéia descer lá de cima e chegar na boca, perde-se muito.

9

Era governador, 1948, houve comício na praça da Sé. Acabou em tiroteio, com a morte de um bancário. Muita gente presa, inclusive o estudante de direito, depois deputado Henrique Lima Santos. Fez-se uma comissão (Fernando Leite Mendes, João Nô, João Ramos e Ajax Baleeiro) para ir pedir a Mangabeira a libertação de Lima Santos. Pela turma, falou Fernando:

— Governador, eu me criei na didatura. Mas nunca ouvi um tiro na praça da Sé. Agora, no seu governo, no governo da democracia, por causa de um comício, matam um homem e prendem um estudante, colega nosso da Faculdade de Direito.

— Compreendo a revolta de vocês. Mas é a baderna que precisa ser contida. Quase matam meu Delegado Auxiliar, o doutor Barachisio Lisboa.

— Governador, só há a lamentar esse *quase*. Assim, iríamos ver a camisa verde dele.

Mangabeira abriu bem os olhos para a resposta de Fernando, ficou calado, pensando. E mandou soltar Henrique Lima Santos.

10

Na campanha eleitoral, o deputado Luna Freire recebia os cabos eleitorais no Hotel da Bahia para distribuir dinheiro e acertar a compra de votos. Um deles tocou a campanhia do apartamento de Mangabeira, procurando Luna Freire.

— O senhor está enganado. No andar de baixo é que está hospedada a baleia eleitoral.

11

Ernesto de Assis era muito mais do que o secretário, o assessor. Era o olheiro político. A UDN estava em crise, reuniu-se. Os debates espicharam-se madrugada adentro. Mangabeira foi para o Hotel Glória, deixou Assis lá. De manhã cedo, aparece Assis:

— Alguma novidade, Assis?
— O João foi escolhido líder.
— Que João, Assis?
— João Agripino.
— Agripino de que, Assis?
— Agripino Filho.
— Filho de quem, Assis?

12

Quando morreu o velho Luís Viana, governador da Bahia no começo do século, Cosme de Farias já era um grande tribuno. Foi escolhido para fazer o discurso no cemitério do Campo Santo:

— É tal a orfandade em que a todos nos deixa a sua morte, que sentimos vontade de também ser com ele sepultados.

Atrás, estava o professor Hermano Santana, filólogo do Colégio da Bahia, homenzarrão imenso, todo redondo, conhecido como abacate sem caroço. Naquele mesmo instante, deu um espirro tão forte, que Cosme de Farias tomou um susto, desequilibrou-se e quase caiu dentro da cova. Sem perder o fio da meada, olhou para trás e consertou:

— Mas isto é uma mera figura de retórica.

13

Quase setenta anos depois, Luís Viana Filho era governador e foi visitar o velho Cosme:

— Major, espero que dentro de quatro anos possamos comemorar seu centenário.

— Não vejo porque não, governador. O senhor ainda está bastante forte.

14

Em Catu, cidade próxima a Salvador, houve um crime bárbaro. A população estava enfurecida, querendo linchar o criminoso. E ameaçou escorraçar o advogado que ousasse ir lá defender o réu.

Pois ele foi. De trem. Na estação, havia uma multidão esperando-o debaixo de vaias. Subiu a uma janela e gritou:

— Cala a boca, canalha! Mas é desta canalha que eu gosto, porque foi esta canalha que derrubou a Bastilha.

Meia hora depois, entrava carregado na sala do júri.

15

Era no tempo em que os crimes contra a honra e os costumes eram julgados pelo Tribunal do Júri. O réu foi acusado de estupro. Na acusação, o promotor descreveu:

— O réu, com as duas mãos, segurou pelos ombros a vítima já caída, impossibilitando qualquer reação, e deflorou-a.

Cosme de Farias perguntou apenas:

— Excia., quem guiou o ceguinho?

O réu foi absolvido.

16

No Tribunal do Júri, o promotor Joaquim de Almeida Gouveia, famoso por sua dureza, terminava uma acusação:

— Agora, vocês vão ouvir as razões da defesa, na palavra de Cosme de Farias, o campeão das absolvições. Pois eu me honro de ser o campeão das condenações.

E sentou-se. Cosme de Farias ficou também sentado, calado. O promotor o provocou:

— V. Excia. está triste, major Cosme? Já está sentindo o amargor da derrota?

— Não, doutor promotor. Estou triste mas é de pena de V. Excia., de seu sofrimento, indo todas as noites para casa carregando nas costas tantos anos de condenações. E mais triste ainda por saber que as varizes de V. Excia. são essas condenações que estão explodindo para fora de seu corpo.

O réu foi absolvido.

17

Um ladrão entrou na Igreja do Senhor do Bonfim e roubou as esmolas que o povo joga lá dentro. Cosme de Farias foi para o júri:

— Senhores jurados, não houve crime. Houve foi um milagre. Senhor do Bonfim, que não precisa de dinheiro, é que ficou com pena da miséria dele, com mulher e filhos em casa com fome e lhe deu o dinheiro, dizendo assim: — "Meu filho, este dinheiro não é meu. Eu não preciso de dinheiro. Este dinheiro foi o povo que trouxe. É do povo com fome. Pode levar o dinheiro". E ele levou. Que crime ele cometeu? Se houve um criminoso, o criminoso é o Senhor do Bonfim, que distribuiu o dinheiro da Igreja. Então vão buscá-lo agora lá e o ponham aqui no banco dos réus. E ainda tem mais. Senhor do Bonfim é Deus, não é? Deus pode tudo. Se ele não quisesse que o acusado levasse o dinheiro, tinha impedido. Se não impediu, é porque deixou. Se deixou, não há crime.

O réu foi absolvido.

18

97 anos de vida, 80 anos de luta, seu último discurso foi no dia em que assumiu o último mandato: deputado pelo MDB da Bahia. Uma profissão de fé democrática de 13 minutos, defendendo eleições diretas para todos os mandatos, inclusive Presidente da República:

— Aprendi com Rui que fora da lei não há salvação. Escolhi o caminho mais difícil, o da oposição. Preferi o lado mais fraco para defender o ideal mais forte: a liberdade. Vi cair o Império e nascer a República, tendo vivido todos os lances libertários de nossa Pátria.

As galerias explodiram em aplausos. Sentou-se, muito digno em seu terno branco e colarinho duro, perguntou ao colega ao lado:

— Diga com franqueza, companheiro, eu fui bem?

19

Em 50, Juracy era candidato da UDN a governador. Fazia comício em Nova Soure, pleno sertão, linda noite de lua. No palanque, Manoel Novais, João Carlos Tourinho Dantas, João Nô e o padre Gaito, vigário da cidade, velho português valente, de 70 anos, fugido de Portugal por perseguição de Salazar.

O chefe político de Nova Soure era Oliveira Brito, do PSD, que, em comício, chamara o padre Gaito de *estrangeiro aventureiro*. O padre ficara uma fera. Estava ali no palanque para vingar-se. E se vingou. Atacou Oliveira Brito, o PSD, o candidato do PSD (Regis Pacheco) de toda forma. Fez um discurso magnífico. Era uma águia, alta e magra, gritando as maldições do céu.

Quando acabou o discurso, também se acabou. Ficou pálido, pálido, e caiu morto no palanque. A praça estremeceu sem entender nada. Juracy pegou o microfone:

— Meus amigos de Nova Soure, padre Gaito morreu, padre Gaito morreu. E sua última palavra, aqui no chão do palanque, a meus pés, foi pedir a vocês que não se esqueçam de votar em mim.

Na noite linda de Nova Soure, a lua ficou espiando o cadáver de padre Gaito.

Juracy perdeu.

20

Em 54, Juracy era candidato da UDN a senador, apoiado pelo PTB, que lhe indicou o companheiro de chapa: Lima Teixeira.

Na praça de São Caetano, centro da maior concentração popular de Salvador, uma vedete: João Goulart. Fora à Bahia assegurar a vitória do udenista Juracy.

O comício estava frio. Apesar de Jango, ninguém se animava. O povo não entendia direito aquele estranho conúbio da UDN com o PTB. Juracy sentiu que só um golpe espetacular sacudiria a praça. Pegou o microfone:

— Nesta praça, por cima de todos nós, há um homem morto. Meu amigo, amigo de João Goulart, amigo dos trabalhadores do Brasil. Vamos, de joelhos, rezar um padre-nosso pela alma de Getúlio Vargas.

A praça caiu de joelhos rezando. De joelhos, no palanque, Juracy, Manoel Novais, Lima Teixeira, piedosos como noviças em êxtase. E Jango, a perna direita dura, ajoelhado de um joelho só, agarrado às costas de Juracy como um Cristo bêbado.

Juracy ganhou.

21

Campanha eleitoral de 50. Juracy fazia comício na cidade de Pombal e, como sempre, concluia com longa frase em inglês. O matuto pergunta ao deputado José Guimarães:

— O que é que ele está dizendo?

— Está xingando a mãe de Régis Pacheco.

Régis Pacheco era o outro candidato. O matuto sacode o chapéu e grita lá de trás:

— Pode xingar em brasileiro, coronel. Nós *garante!*

22

João Nô, brilhante advogado no Rio, já foi da barra pesada. Tenente da Polícia Militar da Bahia, meteu-se muito jovem pelo sertão, em nome da lei. E, no sertão, lei e cangaço disputam palmo a palmo. Cada um fazendo justiça a seu modo. O tenente Nô terminou deputado e filósofo. Mas sabe de cangaço e cangaceiros o que caberia numa Bíblia.

Em 45, João Nô foi candidato a prefeito de Santo Antônio da Glória, no sertão da Bahia. Perdeu por alguns votos. Gasolina, cabra de Lampião, mandou chamá-lo no esconderijo onde vivia com medo da polícia:

— Tenente, se o primeiro morrer o segundo toma posse?

— Não. Tem nova eleição.

— Então o primeiro não vai morrer.

23

Veio a guerra, a FEB foi para a Itália, o interventor Landulfo Alves perdeu o sono. Era casado com uma alemã e começaram a insinuar que ele era germanófilo.

Em Salvador, como em todo o Brasil, os estudantes foram para a rua lutar contra o fascismo. E, na frente deles, o jornalista Nílson de Oliva César, talentoso e atrevido, conhecido na faculdade como *Pixoxó*.

Uma tarde, à frente da multidão, Pixoxó marchou para o palácio. Landulfo veio para a sacada, Pixoxó começou a falar, gestos largos e cabeleira ao vento, como Castro Alves. De repente, começa a chover. Os estudantes resistem sob a chuva cívica. Landulfo dá dois passos atrás e continua na sacada, mas sob a proteção da cobertura. Pixoxó grita:

— Quem for patriota fica na chuva!

Landulfo deu um pulo à frente. Ouviu Pixoxó até o fim. Patrioticamente encharcado.

24

O general Pinto Aleixo visitava uma feira do Nordeste. Pegou o bastão de marmelo e pôs no ombro do tabaréu:

— Sabe quem sou eu?

— Não senhor, doutor.

— Sou o general Pinto Aleixo, interventor do Estado.

— Pois não, doutor general.

— Está com medo?

— Ora, doutor general, eu já estive na frente de Lampião e não tive medo.

Pinto Aleixo tirou o bastão de marmelo do ombro do tabaréu.

25

Em 45, Pinto Aleixo saiu pelo interior fundando o PSD. Em Glória, lá no sertão, procurou o coronel Eduardo Campos.

— General, eu estou do outro lado. Fui amigo do Seabra, sou amigo do Mangabeira. Não posso ficar de seu lado.

— Algum governo já veio a sua casa?

— Não, senhor. Eu é que sempre tenho ido à casa do governo.

— Então por que não entra para o partido do governo?

— Porque sempre fui do outro lado, general.

— Coronel, você já viu governo perder eleição?

— Mas também, general, eu nunca vi governo na minha casa pedindo voto.

26

O general Dermeval Peixoto era o homem forte do Estado na ditadura de Vargas. E gostava de colecionar coisas raras. Correu a notícia de que o interventor tinha dado ao general o lustre de entrada do Palácio da Aclamação.

A cidade ficou indignada, mas a imprensa estava de boca lacrada. Foi quando chegou a nomeação do general Dermeval Peixoto para interventor de Pernambuco. No dia seguinte, Wilson Lins, diretor de *O Imparcial*, deu a notícia assim:

— Viajou ontem para Recife o general Dermeval Peixoto *ilustre*.

27

Áureo Filho, deputado de Feira de Santana, estava discutindo na Assembléia com Newton Macedo Campos, vice-líder do MDB, que citou Stuart Mill.

— Este não, deputado. Este é gente do século passado. Já era.

— Por isso não, deputado Áureo Filho. V. Excia. também é do século passado, nasceu em 1899, e está aqui me aparteando. V. Excia. também já era?

28

Antônio Balbino, governador, nomeou o professor e poeta Lafaiete Spinola diretor da Casa de Detenção. Logo a imprensa começou a denunciar que os presos ficavam soltos pelas ruas e só voltavam à Detenção depois das 22 horas.

Balbino mandou chamar Lafaiete:

— Professor, o senhor já viu isso?

— Infâmia, governador, infâmia. Enquanto eu for diretor na Casa de Detenção, depois das 22 horas preso não entra.

29

Manoel Novais, barão do Vale do São Francisco, fazia comício em Irecê. O candidato a vereador estava com o microfone:

— Minha gente, quem deu a perfuratriz não foi Novais?

— Foi.

— A perfuratriz não é quem dá água?

— É.

— A vaca que dá leite a nossos filhos não bebe água?

— Bebe.

— Então, quem dá leite a nossos filhos não é Novais?

— É.

— Então, minha gente, Novais é a vaca santa do sertão.

30

Osório Vilas Boas era deputado do Esporte Clube Bahia, talentoso e bom orador. Na Assembléia, Durval Gama, médico, não tinha condições de discutir com ele, apelou:

— V. Excia. é um analfabeto, não pode transformar esta casa em uma Câmara de terceira categoria.

— Sou quase analfabeto, sim, mas tenho vivência. Conheço o mundo inteiro. V. Excia. sabe qual é a capital da Escócia? Sabe?

— Não sei não.

— Pois eu sei. É Glasgow. E estive lá.

Durval Gama sentou.

31

Coronel Amâncio Pereira, prefeito de Santo Antônio da Glória, ia à capital conversar com o governador. A diretoria do Grupo Escolar foi à prefeitura:

— Coronel, a r r a n j e lá uma bandeira do Brasil para a parada de 7 de setembro.

— Trago, sim. Mas de que cor a senhora quer a bandeira?

32

Coronel Terêncio Dourado era comandante da Polícia Militar do Estado. Mandou ofício para um juíz:

— "Senhor Juiz..."

O juíz devolveu:

— "Sou E x c i a. Exmo. Sr. juíz..."

Coronel Terêncio Dourado recebeu o ofício de volta, mandou de novo, com um bilhete:

— "Senhor juiz. Deus, que é Deus, eu chamo senhor Deus, quanto mais o senhor, que é só juíz?"

33

Raimundo Reis, deputado estadual, foi chamado para depor em 64:

— O senhor é marxista?

— Nada, coronel, sou do PSD.

— Mas o s e n h o r defende ideologias estranhas.

— O que é isso, coronel? A ideologia do marxismo está no Manifesto de Marx. A do PSD está no Diário Oficial.

— Como?

— Diário Oficial *é que traz nomeação, demissão e verba.*

34

Ramiro Berbert de Castro, dr. Ramirinho, deputado, autor do livro "Ulha Branca" sobre a luta pela criação da Usina de Paulo Afonso (Paulo Afonso hoje é discurso de presidente, mas já foi coisa de subversivo), era um pessedista mineiro na Bahia. Perguntaram-lhe:

— Qual foi o melhor governador que a Bahia já teve?

— O atual.

35

Ramiro era oficial de gabinete do interventor Landulfo Alves. O Brasil entrou na guerra, começaram os boatos de que ia ser substituído por um general. Chega um rádio do Catete, Ramiro abre e vai ao interventor:

— Doutor Landulfo, o senhor não é mais interventor. Chegou um telegrama do doutor Getúlio.

— Diz quem é o substituto?

— Diz sim. É o general Renato Onofre Pinto Aleixo, *por sinal muito meu amigo.*

Continuou oficial de gabinete do general.

36

Na hora de deixar o governo do Estado, em 54, Regis Pacheco deu um aumento de 25% à polícia estadual. O comandante, Almerindo Rhem, reuniu o alto-comando:

— Precisamos fazer uma homenagem ao doutor Regis para provar-lhe nossa gratidão. Sobretudo porque ele perdeu as eleições e sai derrotado.

Começaram os palpites. Nome em uma ala da Vila-Militar, retrato no salão nobre, placa na entrada de um dos quartéis. No fim, por unanimidade, foi aprovada a inauguração de um busto do governador no centro da Vila Militar. O coronel Filadelfo Neves, velho e sábio sertanejo, pediu a palavra:

— Está bem o busto. Lá em cima de um pedestal, bem alto. Só que precisamos pensar no futuro. Vai haver outros governos, outros aumentos, outras homenagens.

— Qual é a sua proposta, então?

— Busto com pescoço de rosca.

37

O governador Lomanto Júnior, nos primeiros dias de abril de 64, foi obrigado a demitir o secretariado e nomear outro de pessoas inteiramente estranhas. A maioria ele nunca tinha visto. Deu posse ao novo secretário de Indústria e Comércio, indicado ao comando da VIa. Região Militar pelo Rotary Club:

— Senhores, tenho a honra de empossar, nesta secretaria, o meu velho e querido amigo, o dr. Antonino Jatobá.

Cruz Rios, secretário particular, cutucou Lomanto:

— Não é Antonino não. É Guilhermino.

— Pois é, meus senhores, a Bahia muito espera do espírito público do dr. Felismino Jatobá.

Nervoso, atrás dele, Cruz Rios insistia:

— Governador, não é Felismino não. É Guilhermino.

— E eu sei que ele vai me ajudar a fazer o governo que a redentora revolução, com que todos sonhávamos, espera de nós. Está assim empossado meu velho e querido amigo dr. Gratulino Jatobá.

38

Claudemiro Suzart, farmacêutico generoso e amigo dos pobres, candidato do PTB à prefeitura de Feira de Santana, foi fazer comício na rua do Meio, em plena zona do meretrício:

— Meus amigos, vocês precisam estudar a vida dos candidatos, desde o nascimento deles, para saberem em quem votar. Alnold Silva, candidato da UDN, nasceu num palácio, nunca falou com o povo. O que é que ele é?

— Candidato dos milionários!!!

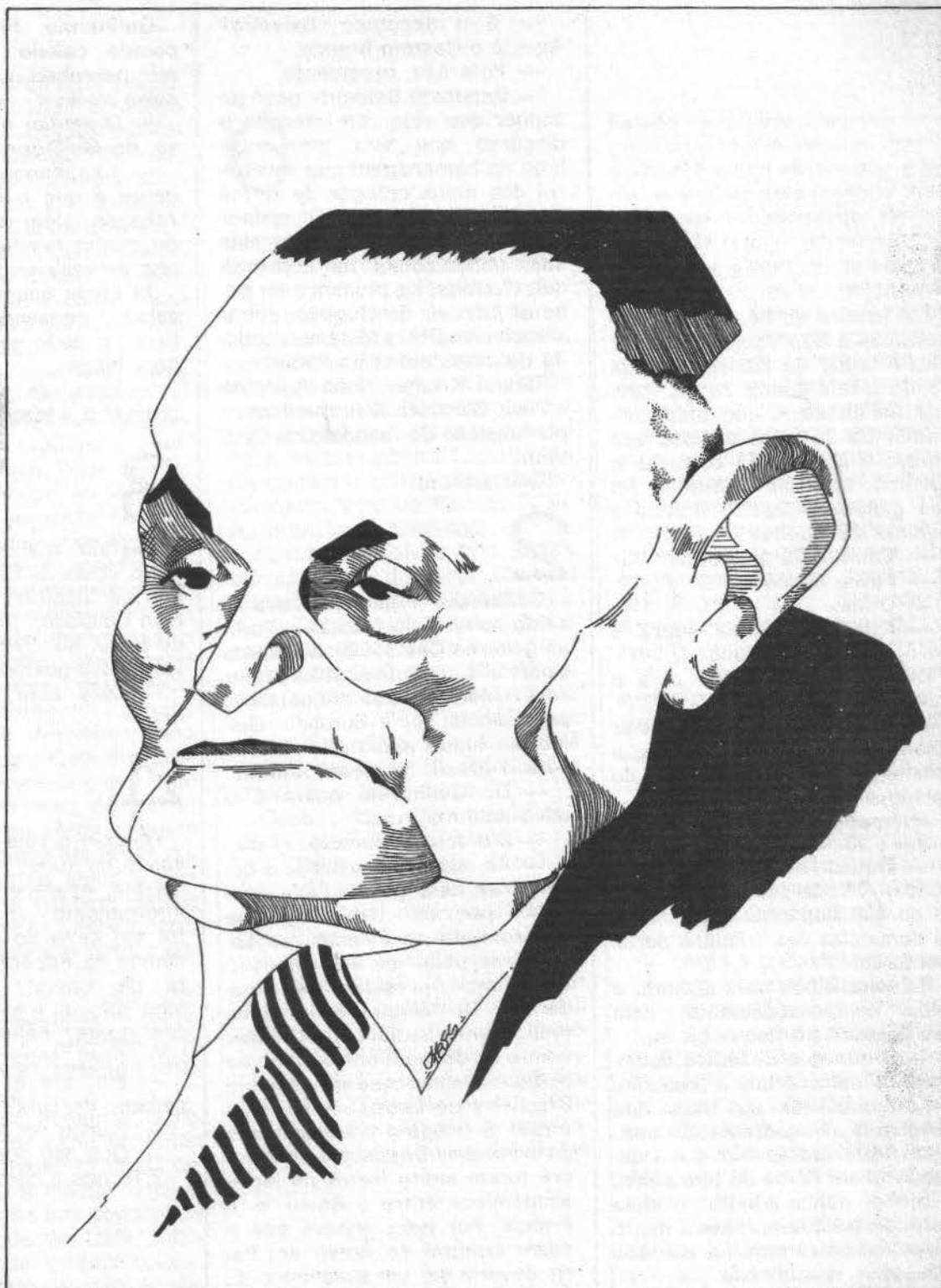
— Isto mesmo. Não pode ter o voto do povo. Fróes da Mota, candidato do PSD, tomou banho em bacia de prata, nunca soube das dificuldades do povo. O que é que ele é?

— Candidato dos latifundiários!!!

— Isto mesmo. Não pode ter o voto do povo. Eu, meus amigos, eu nasci aqui na rua do Meio. O que é que eu sou?

Lá do fundo, um gaiato gritou:

— Filho da puta!!!

Acabou o comício.

Castelo Branco

CEARÁ

1

Em janeiro de 64, Aliomar Baleeiro foi a São Paulo conversar com Ademar de Barros. Estava fiando a teia contra Jango. Ademar lhe mostrou que tinha instrumentos de briga e disse que topava o golpe para derrubar o governo. Baleeiro voltou e foi aos generais Castelo Branco e Ademar de Queiroz.

— Como está o Ademar?

— Firme conosco.

— Otimo.

— Nosso problema agora é ter o sucessor de Jango.

Castelo ficou olhando para o tapete:

— Ainda é cedo para pensar nisso. Desenvolvam apenas a batalha parlamentar, porque do episódio militar cuidamos nós.

Ademar de Queiroz concordou:

— Fiquem os políticos tranqüilos. A desordem é mais nossa do que dos civis. Continuem as denúncias das tribunas parlamentares.

Baleeiro olhou para Castelo e falou compassadamente, com seu agressivo sotaque baiano:

— O que nós devemos considerar, general, é que a presidência é muito sedutora. Todos que chegam lá não querem mais sair. Quero dizer ao senhor que, chegando lá em nome de todos nós, o senhor nunca admita a idéia de ficar, porque isto seria muito grave, como sempre foi em toda a história republicana.

Castelo enrubesceu e não disse nada. Continuou olhando para a ponta do tapete:

— Os senhores cuidem da batalha parlamentar, que o problema militar é nosso.

Em 65, Castelo presidente toca o telefone em casa de Aliomar Baleeiro. Do outro lado da linha, uma voz que não era freqüente no fio de Baleeiro:

— É o deputado Baleeiro? Aqui, é o Castelo Branco.

— Pois não, presidente.

— Deputado Baleeiro, peço ao senhor que veja com atenção o discurso que vou pronunciar hoje na homenagem que receberei dos meus colegas de turma do Colégio Militar. O senhor verá que não me esqueci das suas observações na conversa que tivemos, na presença do general Ademar de Queiroz, sobre a inconveniência da continuidade de presidentes no Poder.

Daniel Krieger, João Agripino e Paulo Sarazate já preparavam a prorrogação do mandato de Castelo.

Que aceitou.

2

Guilherme Figueiredo era o adido cultural do Brasil em Paris no governo Castelo Branco. Veio Costa e Silva, foi substituído por Josué Montelo. Castelo deixou a presidência, foi à Europa. Guilherme ainda não tinha voltado para o Brasil. Jantaram juntos:

— Dr. Guilherme, quem é o novo adido cultural?

— É o Josué Montelo.

— Ah, sim. Aliás, desde o começo de meu governo ele queria vir para cá. Um dia, foi-me apresentado no Palácio das Laranjeiras pelo dr. Austregésilo de Athayde, presidente da Academia. Dr. Austregésilo tinha pedido uma audiência. Chegou com o dr. Josué e entrou logo no pedido. Alegava que a Academia Brasileira de Letras tinha sido criada à imagem e semelhança da francesa. Desde então, sempre foram muito fortes os laços acadêmicos entre o Brasil e a França. Por isso, achava que o adido cultural do Brasil em Paris deveria ser um acadêmico. E, em nome da Academia, pedia o lugar para o dr. Josué Montello que, além de acadêmico, era um aficionado da literatura francesa. Respondi que a argumentação era ponderável, mas o governo estava satisfeito com o seu trabalho e não desejava substituí-lo. Nunca mais ninguém me tocou no assunto.

Guilherme Figueiredo ficou parado, calado, pensando. Castelo percebeu que havia alguma coisa mais:

— O senhor nunca soube disso, dr. Guilherme?

— Não, senhor. E o surpreendente é que o Austregésilo de Athayde, além de velho amigo de minha família, é meu padrinho de casamento.

Já então quem ficou parado, calado, pensando, foi Castelo. Bateu o dedo na mesa, olhando para longe:

— Veja, dr. Guilherme, que terrível é a humanidade.

3

Castelo mandou Luís Viana Filho, chefe da Casa Civil, escrever um discurso. Luís Viana estava ocupado, mandou Navarro de Brito, subchefe. Castelo leu, releu, não gostou:

— Luís, este não é *o nosso estilo*.

4

Castelo e Luís Viana iam passando no Túnel Novo, em Copacabana. Apareceu um caminhão, inteiramente desgovernado, e foi em cima do carro da presidência da República. O motorista de Castelo conseguiu dar uma guinada e salvar a todos. O presidente, pálido, olhou para Luís Viana, ainda mais pálido:

— Em que é que o senhor pensou, dr. Luís?

— Pensei no Alkmim.

— Que não poderia assumir.

E fechou a cara.

5

Castelo era diretor da Escola Superior de Guerra, convidou Renato Archer para fazer conferência sobre minérios atômicos. E lhe avisou que o regulamento da Escola proibia a divulgação dos trabalhos. Mas Medeiros Lima, que na época assinava a mais importante coluna da *Última Hora*, assistiu à conferência e no dia seguinte publicou com o maior destaque.

Castelo ficou uma fera, certo de que Renato tinha traído o compromisso. Telefonou para reclamar. Archer explicou o equívoco, mas em vão. Dias depois, Archer vai almoçar na *Maison de France* e encontra Castelo Branco almoçando com Augusto Frederico Schmidt, presidente da *Orquima*, empresa que explorava as areias monazíticas de Guarapari e tinha provocado a famosa Comissão Parlamentar de Inquérito sobre contrabando de minérios atômicos.

Dia seguinte, Medeiros Lima publica na UH que Castelo almoçava com Schmidt. O general se enfureceu. Não havia dúvida de que fora Renato Archer quem dera a notícia para Medeiros publicar. E não tinha sido. É que Samuel Wainer também estava na *Maison*, vira Castelo com Schmidt e passara a notícia para Medeiros.

Castelo liga para Archer, irritado. Archer desmente, Castelo não acredita. O telefonema ia acabando ríspido, quando Castelo muda de tom:

— Está bem, deputado, acredito que não foi o senhor. Então me faça um grande favor. O senhor é amigo do doutor Samuel Wainer. Peça-lhe que consiga do jornalista Medeiros Lima publicar amanhã, na mesma coluna, que eu e o doutor Agusto Frederico Schmidt estávamos de fato almoçando na *Maison*, mas em mesas separadas.

Medeiros corrigiu a verdade e morreu o segundo equívoco de Renato Archer com o general Castelo Branco.

6

Algum tempo depois, Castelo Branco era comandante do IV Exército, Santiago Dantas ministro do Exterior e Renato Archer secretário-geral do Itamarati (vice-ministro). Miguel Arrais, governador de Pernambuco, começou a queixar-se de que o presidente João Goulart estava preparando uma intervenção de duas pontas: contra Lacerda, na Guanabara e contra ele, em Pernambuco. Veio ao Rio, pediu interferência de Santiago.

Santiago resolveu ir a Recife ver as coisas de perto. Chamou Renato Archer, viajaram. Lá, Arrais os convida para um jantar reservado no Palácio com o general Castelo Branco. Quando os dois apareceram, Castelo levou um susto e ficou visivelmente contrafeito. Mas a mesa estava pronta, sentaram-se os quatro e a conversa foi andando.

Castelo, que não queria sair de Pernambuco, foi claro:

— Doutor Santiago, estou informado de que o presidente João Goulart está maquinando uma intervenção em Pernambuco. A coisa é muito grave. Primeiro, porque o governador Arrais está realizando aqui uma administração eficiente, criteriosa, tranqüila, e seria uma injustiça qualquer ação contra seu governo. Depois, porque Pernambuco é o coração do Nordeste e qualquer intranqüilidade no Estado vai necessariamente atingir toda a região, de si já problemática. E como eu sei que a primeira medida para cumprir o plano é meu afastamento do comando da região, gostaria que o senhor, a quem o presidente ouve com o maior respeito e acatamento, fizesse ver a ele que, no interesse da tranqüilidade do governo federal, não deveria haver mudança agora no comando militar da região.

A conversa foi até alta madrugada, os quatro trancados na sala. Santiago voltou, foi a Brasília, conversou com Jango. Não adiantou. Poucos dias depois, o general Castelo Branco era substituído pelo general Justino Alves Bastos "*para controlar o Arrais*" (palavras textuais de Jango).

As coisas se precipitaram. Arrais está na Argélia, Jango no Uruguai.

7

O telefone tocou na casa de Genaro de Carvalho, tapeceiro da Bahia e britânico no humor:

— O sr. Genaro está?

— É ele.

— Aqui é o Castelo Branco.

— Que Castelo Branco?

— O presidente.

— Ah, o pai de todos nós, lá de Brasília? Não gosto de trote.

— Não é trote não, sr. Genaro. Estou aqui em Salvador, hospedado no palácio, e gostaria que o senhor escolhesse um tapete seu e me trouxesse, pois quero adquirir.

— Eu sei, seu Castelo, que o senhor é quem manda. Mas não vou não. Quem quer meus tapetes vem comprar aqui. E da próxima vez procure um trote mais inteligente.

Foi para a janela. Um cadilac preto parou em frente. Era Lomanto Júnior, governador do Estado, que tinha ido comprar um tapete para o presidente Castelo Branco, hospedado ali bem junto, no Palácio da Aclamação.

8

De Gaulle vinha de Brasília para o Rio com o presidente Castelo Branco. As pernas enormes, mal acomodadas na poltrona do avião, empinavam à altura dos ombros de Castelo. Os dois curtiam um francês castiço de Paris:

— Presidente, o senhor, que é da América Latina, como definiria um ditador sul-americano?

— É um homem com extrema facilidade de chegar ao poder e extrema dificuldade de sair.

9

Manoel Onça Moreira da Rocha foi dono do Estado antes de 30. Fez governador Matos Peixoto, professor de Latim e Direito Romano. Toda manhã, batia papo na farmácia Pasteur, praça do Ferreira. À tarde, despachava *com o governador.*

Um dia, o empregado chega correndo à farmacia, puxa-o a um canto:

— Coronel, o governador transferiu o juiz de Pacatuba para a capital. (Pacatuba era a terra dos Moreira da Rocha e o juiz seu inimigo).

— Você está maluco? Matos Peixoto não faria isso nem louco.

— Pois eu vi o decreto.

Terno branco, bengala na mão, cabelos brancos despenteados, Manoel Onça fica v e r m e l h o como um caqui e sai alucinado para o palácio. Chega empurrando as portas com a ponta da bengala sem cumprimentar ninguém. No gabinete de Matos Peixoto, bate a bengala na mesa:

— Você transferiu o juiz de Pacatuba para a capital?

— Sente-se, coronel, tome um café.

— Não quero saber de mais nada. Você transferiu ou não transferiu, Matos Peixoto?

— Coronel, o senhor é um homem de coração grande, o maior coração do Ceará.

— Não quero saber disso. Quero saber se você assinou. Você assinou, Matos Peixoto?

— Assinei.

— Você mandou para o Diário Oficial, *Matos Peixoto?*

— Mandei.

— O Diário Oficial *já rodou, Matos Peixoto?*

— Já.

Coronel Onça arriou a bengala, sentou-se:

— Então você fez muito bem, Matos Peixoto.

10

Crisanto Moreira da Rocha estava no interior em campanha para a Câmara Federal. Uma noite, morrendo de fome, parou numa venda de beira de estrada, pediu seis ovos fritos. Veio a conta: seiscentos mil réis.

— Como está caro. Ovos aqui são difíceis de encontrar?

— Não, doutor. Ovo é fácil. O difícil de encontrar aqui é um deputado federal.

11

Crisanto Moreira da Rocha dava uma feijoada em seu apartamento na Avenida Atlântica. 1958. Havia cearense importante saindo pelas janelas.

Virgílio Távora chegou mostrando um revólver a gás que seu compadre João Goulart, vice-presidente, tinha trazido dos Estados Unidos:

— É para defesa pessoal. A gente atira, o sujeito cai e meia hora depois está de pé. Mas vencido.

Francisco de Almeida Monte, coronel Chico Monte, deputado há 20 anos, sogro do ministro e depois governador Parsifal Barroso, ficou tarado no revólver a gás:

— Então é assim, Virgílio? A gente atira, o sujeito cai e não morre? Que beleza. Vou arranjar um.

— Para que, Chico?

— Quando ele cair, *eu costuro ele* na faca.

12

Alencar era prefeito de Barbalha. O governador, coronel Felipe Moreira Lima, mandou chamá-lo:

— Seu Alencar, eu não vi a sua defesa.

— Que defesa?

— Os jornais estão dizendo que o senhor gastou dinheiro da prefeitura nas eleições.

— Ora, governador, as eleições deste ano foram muito caras. Gastei até do meu.

13

Mineiro, prefeito de Senador Pompeu, para comemorar a vitória, deu um churrasco no sítio aos amigos. De Fortaleza foi um representante do governador César Cals.

Quando o representante do governador chegou, não encontrou o prefeito. *Mineiro,* vestido de gibão de couro, estava montado tentando derrubar um boi preto pelo rabo, no pasto em frente. A mulher foi chamá-lo:

— Vem, *Mineiro,* que o representante do governador está aí.

— Só vou quando derrubar esse boi.

Duas horas depois, o prefeito não tinha derrubado o boi nem voltado. Os amigos foram buscá-lo:

— Venha ligeiro. O homem está querendo ir embora.

— Então que vá. V o c ê s acham que eu vou trocar o rabo de um boi por um representante de governador?

14

Balthar Barreira, desembargador em Fortaleza, ilustre membro do Tribunal de Justiça, homem vivido, inteligente, tinha um português meio atravessado.

Sábado, pegou o carro, foi para a fazenda. Dez minutos depois, voltou a pé.

— E o carro, papai?

— Se atolou-se, *meu filho.*

— Se atolou-se *não, papai.* Atolou-se.

— Pois não é não, meu filho. É se atolou-se *mesmo, porque foram todas as rodas, as traseiras e as dianteiras.*

15

José Furtado era prefeito e chefe político de Crateus. A cidade se dividia entre marretistas e conservadores. José Furtado era marretista. Chegou o novo delegado de Crateus, capitão Pelegrino Montenegro. Queria agradar ao prefeito de qualquer jeito. Mandou chamar o coronel Manuel Gomes, adversário de José Furtado:

— Coronel, qual é seu partido?

— Eu sou neutro, capitão. Uma banda conservador e outra banda marretista.

— Soldado, pancada nele de um lado só.

16

Martins Rodrigues, interventor, soube que o prefeito de Assaré estava roubando a prefeitura. Pegou o carro, foi lá:

— Prefeito, precisamos conversar.

— Está bem, doutor Martins. Mas deixe para amanhã. Desapeie do carro, jante, durma aqui e amanhã eu mostro tudo ao senhor.

— Não posso. Tem quer ser logo hoje.

— Mas, doutor Martins, hoje aqui tem um boi (bumba-meu-boi no Ceará e só boi) *que vai dançar.*

— E o que é que eu tenho com isso?

— É que o boi sou eu.

Foi bovinamente demitido.

17

Juarez T á v o r a, ministro da Viação de Castelo, foi a Jaguaribe, sertão do Ceará, inaugurar uma obra. O prefeito, sabendo da velha úlcera de Juarez, ficou preocupado com a alimentação e procurou informar-se. Disseram-lhe que o ministro se alimentava muito pouco. Bastava uma maionese de camarão e um copo de leite.

Em Jaguaribe não há camarão, o prefeito mandou buscar em Fortaleza. Foi de avião, no dia, prontinha. Na hora do almoço, a mesa imensa e lauta como as mesas ricas do Nordeste. E, na cabeceira, p r o t e g i d a por um guardanapo de linho, a travessa com a maionese de camarão para Juarez, como uma jóia.

Mal sentaram-se, o presidente da Câmara Municipal puxou o braço do secretário da Câmara Municipal:

— O que é isso aí?

— Maionese de camarão.

— Me dá que eu adoro.

E o presidente da Câmara Municipal jogou a metade no prato. O prefeito viu, ficou em pânico, disse no ouvido do secretário da Câmara Municipal:

— Fala para ele que essa maionese é do ministro. O ministro gosta muito.

— Mas ninguém gosta mais do que eu.

E o secretário da C â m a r a Municipal jogou a outra metade no prato.

Juarez almoçou leite.

18

Menezes Pimentel, mulato retinto, era interventor, chegou ao Rio uma notícia de que teria sido baleado em Fortaleza. Lourival Fontes, chefe da Casa Civil de Getúlio, telegrafou a Brasil Pinheiro, chefe da Casa Civil de Menezes:

— Informe urgente governador Menezes Pimentel foi alvejado.

Brasil Pinheiro i n f o r m o u urgente:

— Não pt Continua preto.

19

O Ceará tinha os três senadores mais velhos do Brasil: Menezes Pimentel, General Onofre e Fernandes Távora. Somados, quase três séculos.

Uma tarde, Luciano Furtado, cearense radicado no Rio, passa em frente ao Monroe, ali na Cinelândia, e encontra o senador Távora, o mais jovem dos três.

— Senador, o senhor vai para casa?

— Vou, meu filho.

— O senhor quer uma carona?

— Quero, meu filho.

E entrou no carro.

— Senador, onde o senhor mora?

— Um momento, meu filho, um momento.

E foi procurar na caderneta de endereço.

20

Faustino de Albuquerque era governador, chega uma comissão de desembargadores pedindo para ele trocar de cidade um juiz pederasta:

— O que é que adianta, se o fundamental ele leva?

21

O professor Gomes de Matos era chefe de polícia. Prenderam o pai da namorada de Luciano Furtado. Luciano ficou uma fera. Saiu atrás do professor Gomes. Foi encontrá-lo na pensão de Dona Xanda, em Maranguape, terra do Chico Anísio.

A pensão de Dona Xanda era muito acolhedora, mas não era exatamente um lugar para o lazer do chefe de polícia. Luciano já entrou dizendo desaforo. Professor Gomes não perdeu a esportiva:

— Luciano, meu filho, você é muito novo. Sente aqui, tome uma cerveja, que eu vou lhe dar uma lição de vida. Cearense não dá para três coisas: alfaiate, garçon e governo. Veja esta minha calça. O alfaiate pôs o fundo na frente e a frente no fundo. O garçon há meia hora foi buscar uma cerveja e não voltou. E governo de cearense é assim: o José Linhares está lá no Rio, presidente da República, nomeando filhos, filhas, netos e netas, sobrinhos e sobrinhas. O Bieni Carvalho é governador, um desastre. Eu, chefe de polícia, pior ainda. Cearense, Luciano, não dá para governo. Vamos tomar uma cerveja?

22

José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, estava em casa, em 45, quando os generais, que haviam deposto Getúlio, lhe comunicaram que ele deveria assumir a presidência da República. Pediu algum tempo para pensar, telefonou a alguns ministros, aceitou.

Saiu, foi conversar com Góis Monteiro:

— Onde está o doutor Agamenon Magalhães?

— Está preso.

— Ou os senhores soltam o Agamenon ou eu não assumo.

— Por que, dr. Linhares?

— Ora, general Góis Monteiro, foi o ministro Agamenon que fez minha carreira. Todas as minhas promoções eu devo a ele.

Góis mandou soltar Agamenon, Linhares assumiu.

Assumiu e começou a nomear parentes. Nomeou a família toda. Um amigo foi dizer-lhe que, no país inteiro, não se falava em outra coisa. O general João Pessoa, em um jantar, fizera a piada que corria de boca em boca: — "Não é o governo dos Linhares. Eles não são L i n h a r e s. São milhares". Linhares ouviu e respondeu firme:

— Eu tive que f a z e r uma opção. Entre p a s s a r 60 dias a c u s a d o pelos adversários e passar 60 anos condenado pela minha família, preferi atender à família. Ninguém agüenta uma família pedindo emprego. Dei logo para me deixarem em paz.

23

Na seca de 32, Padre Coelho, vigário de Iguatu, pedia ao povo que rezasse para chover:

— Meus filhos, t e n h a m fé, lembrem-se de que Deus está no céu.

Lá do fundo da Igreja o velho tossiu e perguntou:

— Seu vigário, e na seca de 15 onde é que ele estava?

24

Padre Coelho (depois Monsenhor Coelho) foi escolhido orador para saudar Juarez Távora depois da vitória da revolução de 30:

— Juarez, do teu nome nada se perde. Juá, ave secular dos nosso sertões. Rez, riqueza da nossa pecuária, a doce vaca.

25

Coronel Floro B a r t o l o m e u, braço direito do Padre Cícero, lá no Crato, tinha um afilhado muito preguiçoso. E ele sempre dando conselhos:

— Menino, um homem dorme seis horas. A galinha sete. O porco e outros bichos dormem de oito em diante.

Um dia, o filho do vizinho achou um pacote de dinheiro às cinco da manhã. Coronel Floro chamou o afilhado:

— Menino, você está vendo. O Zeca só achou o dinheiro porque saiu às cinco.

— É, p a d r i n h o Floro, mas quem perdeu saiu às quatro.

26

Padre Francisco Pita, Monsenhor Pita, vigário da paróquia de Santa Luzia, em Fortaleza, subiu ao púlpito para fazer o sermão do dia do aniversário do Papa:

— Meus irmãos, o Pontificado é a presença permanente de Cristo sobre a terra, comandando a sua Igreja. Os inimigos da Igreja, através dos séculos, tentaram e tentam ainda hoje levantar-se contra o Papa e principalmente contra a sua infalibilidade. Inventaram até a existência de uma Papisa, a Papisa Joana. Isto é uma mentira histórica. Posso jurar a vocês que nunca houve uma mulher Papa.

Parou, o l h o u bem os fiéis, mudou o tom da voz e falou m u i t o confidencialmente, abanando a mão direita:

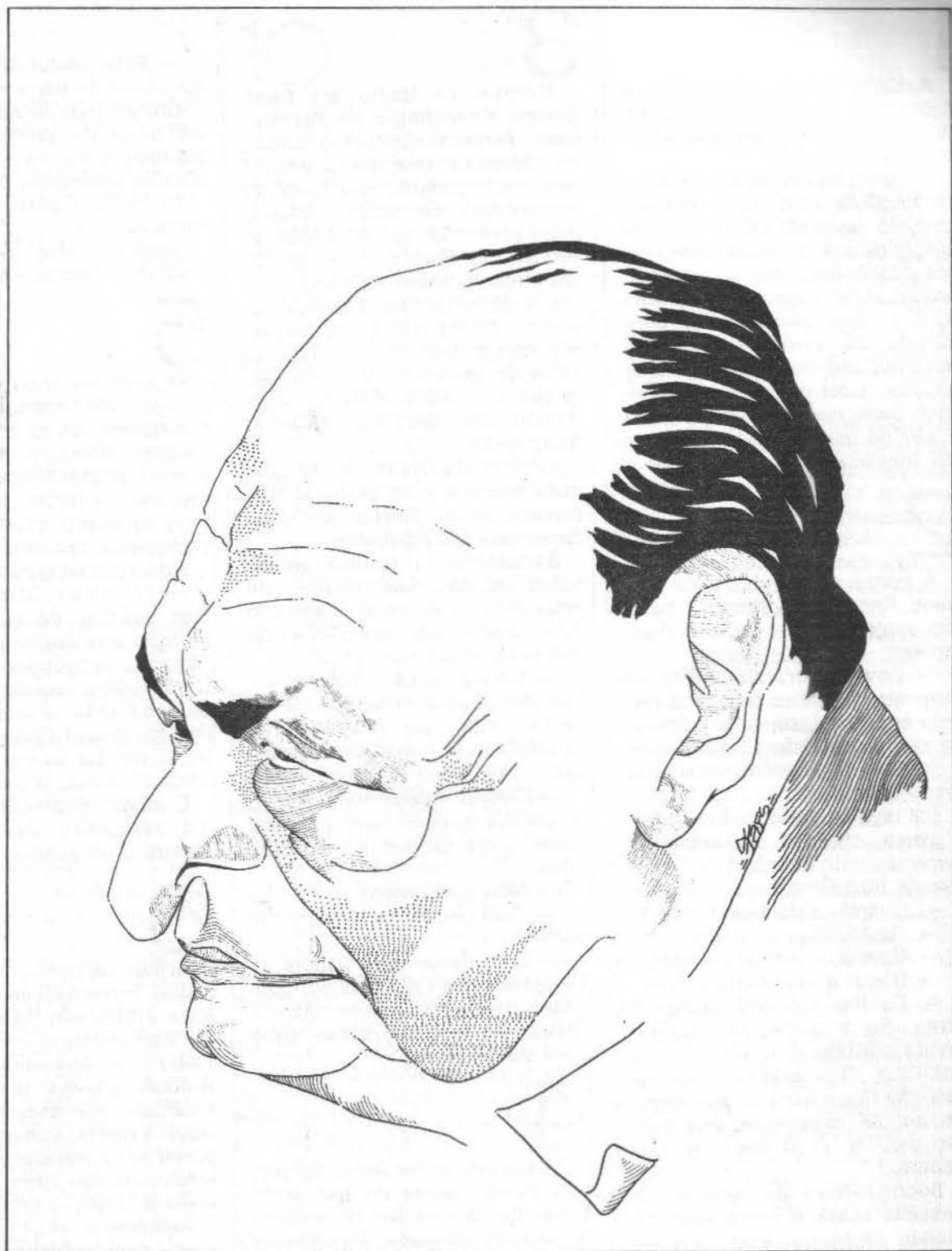
— O que houve, certa vez, não foi bem uma mulher Papa. Foi um Papa meio lá meio cá.

27

Lucas Nogueira Garcez, governador de São Paulo, foi a Mogi das Cruzes inaugurar o serviço de água. A cidade é cheia de japonês e cearense. No discurso, perguntou se a cidade tinha alguma reivindicação específica. Um cearense gritou lá do fundo:

— Queremos um cônsul, governador!

— Mas um cônsul?

— Sim, governador. Os japoneses têm c ô n s u l e quando acontece qualquer coisa com algum deles, se alguém deles vai preso, o cônsul vem e solta. Nós, cearenses, não temos ninguém. Se um de nós vai preso fica mofando.

Agamenon Magalhães

PERNAMBUCO

1

Antônio Balbino perguntou a Agamenon Magalhães que receita ele dava para uma boa administração.

— No c o m e ç o do governo preocupe-se *com você mesmo:* com as características de seu programa e as possibilidades de executá-lo. No meio do governo, preocupe-se *com os inimigos:* com o que eles dizem, para corrigir os erros. No fim do governo, preocupe-se *com seus amigos:* com o que eles quiserem, para que não levem você a sair do governo deixando uma má impressão.

2

A ponte do Botafogo (na estrada Recife-João Pessoa) caiu. Um motorista escreveu a Agamenon:

— Governador, sempre ouvi dizer que o senhor é formidável. Mas estamos fazendo um desvio de seis horas, nas viagens para a Paraíba, e ninguém toma uma providência.

Era uma sexta-feira. Ele pegou o carro, chamou o diretor do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, foi lá ver:

— Quando esta ponte caiu?

— Há 15 dias.

— Quando vai ficar pronta?

— Daqui a seis meses.

— Eu lhe dou até segunda-feira. Se a ponte não estiver dando passagem, o senhor está demitido. Nas guerras, as tropas não ficam paradas por causa de pontes quebradas. Por que, na paz, o povo vai ter que esperar?

Segunda-feira de manhã, ele passava sobre a ponte com Armando Monteiro, secretário de Viação, e o diretor do DER, de fundas olheiras.

3

Eleições na União dos Estudantes Secundários de Pernambuco. Bartolomeu Santos, oficial de gabinete, chamou a polícia para fazer pressão em favor da candidatura de Sileno Ribeiro (hoje professor da Faculdade de Direito do Recife e irmão do deputado Grimaldi Ribeiro).

Dia seguinte, na Assembléia, o líder da o p o s i ç ã o, Miguel Mendonça, denunciou o fato. O líder do governo, Nilo Pereira, telefonou para o Palácio. Agamenon ficou uma fera, chamou Bartolomeu:

— Está d e m i t i d o. Arrume suas gavetas e vá embora. Não preciso de auxiliares que comprometem meu governo.

Bartolomeu foi arrumar as gavetas, ainda mais pálido nos seus pálidos 20 anos. Agamenon passou pela sala dos oficiais de gabinete, ficou com pena:

— L o g o você, Bartolomeu, que eu sempre prestigiei. Sinto muito, mas não posso voltar atrás. O mais importante é o governo, que você comprometeu.

— Doutor Agamenon, chamei a polícia porque era a única maneira de ganharmos as eleições.

— Mas ganhamos?

— Ganhamos. O Sileno foi eleito.

— Ora, deixe seus papéis aí. Eu pensei que tínhamos perdido. Meus parabéns. O Nilo não me disse. Aquele idiota não sabe nem telefonar.

4

Dom Antônio de Almeida Morais Júnior, antes de ser arcebispo de Niterói foi do Recife. No dia da chegada, Agamenon, governador, foi recebê-lo no navio. Iam descendo do convés, explode o globo de um poste, ferindo várias pessoas.

O cortejo passava em frente ao Café Lafaiete, dois juízes começaram a trocar tiros lá dentro. Uma loucura. Mortos, feridos, p e r n a s quebradas. Agamenon cochichou no ouvido do secretário:

— Este pastor não parece estar vindo da parte de Deus.

Chegam ao palanque, armado no meio da praça. Agamenon mandou todo mundo subir, inclusive o secretário:

— Vá na frente, que este homem dá azar.

Subiram todos, menos Agamenon. O palanque arriou.

5

Quando ele criou a Liga Social contra o Mocambo, o gerente da companhia de energia elétrica de Pernambuco (a *Tramway and Power)*, mister Schimidt, comentou em um jantar:

— Este interventor vai botar dinheiro dentro d'água.

Agamenon mandou chamá-lo:

— M i s t e r Schimidt, tenho tido notícias de sua excelente atuação nos meios pernambucanos, em recepções e jantares. Quero comunicar-lhe que acabei de nomeá-lo diretor-tesoureiro da Liga Social Contra o Mocambo. O ato sai amanhã no "Diário Oficial". Aliás, já está impresso.

E mister Schimidt foi um ótimo tesoureiro da Liga Social Contra o Mocambo.

6

Arthur Lundgren, fundador das Casas Pernambucanas, deu a vitória à UDN em Paulista, cidade de Pernambuco, onde ficava a f á b r i c a. Agamenon ligou-se a Antônio Galvão, presidente do sindicato, e passou a derrotar a UDN. Irritado, Lundgren se preparou para transferir toda a fábrica para Rio Tinto, na Paraíba, onde já ficava a filial.

Agamenon empiquetou a estrada com soldados e mandou convocar Lundgren:

— O senhor pode se mudar para a Paraíba. Mas a fábrica não vai. São 6 mil pernambucanos que dependem dela. O Estado vai administrar.

A fábrica está lá até hoje.

7

Estava em casa numa difícil reunião política. Chama a mulher:

— Antonieta, põe o jantar.

— Mas você já jantou há uma hora.

— Já mesmo? É porque eu ando dormindo e comendo política.

8

Era c a n d i d a t o contra João Cleófas. Encontraram-se. Cleófas estava certo da vitória:

— Desta vez vou te derrotar.

— Nunca. Nem agora nem em qualquer outra eleição. Você jamais ganhará para mim.

— Por que?

— Porque você tem usinas. Pensa 2/3 do tempo em suas usinas e 1/3 em política. Eu, não. Eu penso em política 24 horas por dia.

Só perdeu para a morte.

9

Chico Heráclio foi o mais famoso coronel do Nordeste. Em Limoeiro, quem mandava era ele. Era o senhor da terra, do fogo e do ar. Ou obedecia ou morria.

Fazia eleição como um pastor. Punha o rebanho em frente à casa e ia tangendo, um a um, para o curral cívico. Na mão, o e n v e l o p e cheinho de chapas. Que ninguém via, ninguém abria, ninguém sabia. Intocado e sagrado como uma virgem medieval.

Depois, o rebanho voltava. Um a um. Para comer. Mesa grande e fartura fartíssima. Era o preço do voto. E a festa da vitória. Um dia, um eleitor foi mais afoito que os outros:

— Coronel, já c u m p r i meu dever, já fiz o que o senhor mandou. Levei as chapas, pus tudo lá dentro, direitinho. Só queria perguntar uma coisa ao senhor: — em quem foi que eu votei?

— Você está louco meu filho? Nunca mais me pergunte uma asneira dessa. O voto é secreto.

10

Dia de festa em Limoeiro. O time da cidade ia jogar com o escrete de Garanhuns, disputando o primeiro lugar no Campeonato Intermunicipal. Coronel Heráclio chegou todo de branco, sentou na cadeira de vime, a partida começou.

Primeiro tempo, segundo tempo, nada. Zero a zero. Cinco minutos para acabar o jogo, o juiz, que tinha ido do Recife, marca pênalti contra Limoeiro. A torcida endoidou, invadiu o campo. O juiz corre para junto do coronel Heráclio com medo de ser linchado. O coronel levanta a bengala, todo mundo para:

— O que é que houve seu juiz?

— Um pênalti que eu marquei, coronel.

— O que é esse negócio de pênalti?

— É quando o jogador comete uma falta dentro de sua própria área.

— E o que é que acontece?

— Ah, coronel, ai a bola fica ali naquela marca, em frente à trave e um jogador adversário chuta. Só ele e o goleiro.

— E faz o gol, seu juiz?

— Geralmente faz, coronel. É difícil goleiro pegar pênalti.

— Muito bem, seu juiz. Sua explicação é muito boa. E eu não vou tirar sua autoridade. Já que houve o tal do pênalti, faça como a regra do futebol manda. Só que o senhor, em vez de botar a bola em frente da trave de Limoeiro, faça o favor de botar do outro lado e mandar um jogador daqui da cidade chutar.

— Mas, coronel, isto é contra a lei.

— Pois já ficou a favor. Aqui em L i m o e i r o a lei sou eu.

Limoeiro ganhou.

11

A p a r e c e u um rapaz em Limoeiro, sabia fazer discurso, elegeu-se vereador. Mas desobedeceu. Na eleição seguinte, nem candidato foi.

— Por que o senhor o cortou, coronel?

— Era muito precoce.

— Precoce, como?

— Precoce. V e r e a d o r com burrice de senador.

12

E l e g e u o sobrinho Antônio Heráclio do Rego deputado federal. O deputado tinha fama de conversa fiada, contador de vantagens. Uma tarde, o capataz da fazenda chega à varanda onde, todos os dias, na espreguiçadeira de lona, o coronel esperava a noite descer:

— O menino e s t á fazendo bonito lá em Brasília, não é coronel?

— Que menino?

— O doutor Heraclinho.

— Como é que você sabe?

— Eu vi ele contando no bar os trabalhos dele lá nas capitais. Aliás, desde pequeno que ele sempre foi um menino esperto, muito inteligente.

— É, inteligente ele é muito. É tão inteligente que a verdade acaba e ele continua falando.

13

Etelvino Lins era governador de Pernambuco, Andrade Lima Filho diretor do Serviço Social do M o c a m b o. Prepararam a quatro mãos uma entrevista à imprensa sobre os problemas sociais do Recife. Andrade Lima ficou encarregado de mandá-la aos jornais.

Duas horas da manhã, toca o telefone em casa de Andrade Lima:

— Andrade, aqui é o governador.

— Alguma novidade, doutor Etelvino?

— A q u e l a entrevista, será que dará tempo para uma alteração importante?

— O que é?

— É uma vírgula, Andrade.

14

José Francisco Cavalcanti, todo de branco, era presidente da Assembléia quando Barbosa Lima Sobrinho era governador. Chamou o diretor, mandou publicar os anais do Legislativo.

— Presidente, a verba consignada no Orçamento não é suficiente para a publicação dos anais.

— Não tem importância. Publica *um anal* só, depois a gente providencia a publicação dos outros.

15

Em 63, o PSD achou que João Goulart não queria eleições, resolveu forçar a barra: lançar logo o JK 65.

Marcaram a convenção nacional. Havia uma encruzilhada difícil. O PSD não podia ficar contra as reformas, porque o país estava emocionalmente conquistado para elas. Mas também não podia ficar abertamente a favor, para não perder suas bases latifundiárias, sobretudo os coronéis de Minas e do Nordeste.

Durante uma semana Juscelino e seu staff discutiram o discurso da convenção. Terminou escrito a seis mãos, dentro da mais madura sabedoria pessedista mineira. Tinha até a calhorda frase famosa:

— Vamos fazer as reformas, sem reformar a bandeira nacional.

Na tarde da convenção, chegam os delegados dos Estados. Um deles fincou o pé:

— Só voto se ler antes o discurso do candidato.

Juscelino achou um desaforo, ficou irritado, mas vieram as ponderações:

— o delegado era importante, líder estadual, mostraram.

O líder estadual ficou uma fera:

— Então é isto? Então o País quer uma reforma total de suas estruturas e nosso candidato vai fazer esse discurso flor de laranja? Não voto e meu Estado não vota. Temos que apresentar uma mensagem radical, como as massas estão exigindo.

Foi um corre-corre. A cúpula do PSD tocou para a casa de Juscelino, mexeram no discurso, puseram umas frases radicais de efeito, o líder estadual gostou, aprovou, o discurso foi lido.

O líder estadual, que radicalizou o discurso de Juscelino (e esse foi o principal pretexto para a cassação do ex-presidente) chama-se Paulo Guerra.

16

Píndaro Barreto, poeta pernambucano, morreu muito jovem. No cinqüentenário, houve sessão solene em sua homenagem. O orador era Francisco Jorge Elihimas, da Academia Pernambucana de Letras. A família de Píndaro toda lá e, na entrada, uma foto enorme do poeta, em tamanho natural, com grandes números no peito. O conferencista começou:

— Píndaro era um modesto, sem vaidade. Tive a maior dificuldade em encontrar uma foto dele para ilustrar esta conferência. Sabem aonde fui buscar? Nos arquivos criminais. Ele tinha falsificado assinaturas, foi preso. Os intelectuais fizeram uma comissão, foram ao governador. Que não pôde fazer nada. Sabem por que?

Olhou a assistência de canto a canto, piscou os olhos maliciosamente e explicou:

— Reincidente. Reincidente...

A família, lavada em lágrimas, levantou-se. A conferência acabou ali.

17

Luís Pereira, pintor de parede, dormiu com 200 votos, acordou deputado federal. Era suplente de Francisco Julião, cassado. Chegou a Brasília de roupa nova e coração novinho. Murilo Melo Filho jogou a primeira lata de tinta no silêncio daquela provinciana fachada política:

— Deputado, como vai a situação?

— As perspectivas são piores do que as características.

18

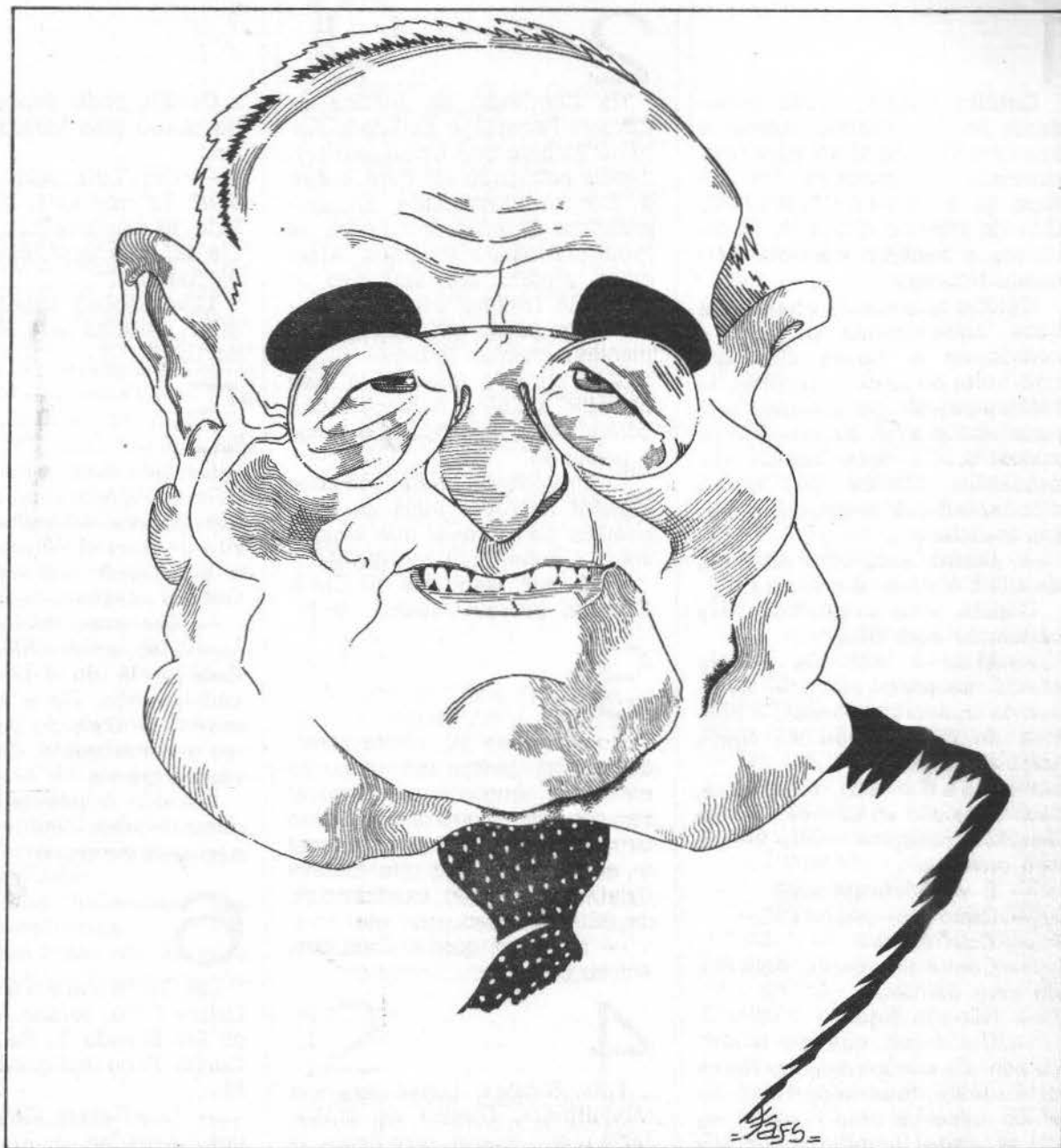
José Carlos Guerra, ex-deputado, é genro do senador Gustavo Capanema. Não pode ver nada na frente: pega logo lápis ou caneta e começa a rabiscar, desenhar. E o senador é aquela tranqüilidade mineira, que irritava até o charuto de Getúlio. Um contemplativo.

No dia do pedido de casamento, começaram a conversar. O senador, elegante, de amplos e engomados punhos brancos. Guerra, caneta na mão, despercebidamente, atacou. No fim da conversa, Guerra saiu com a mão da amada. E o senador com o punho da camisa todo desenhado.

19

Zenóbio da Costa, general da FEB na Itália, mandou chamar o cabo Manoel do Amor Divino:

— Cabo, você sabe que só os heróis são convocados para as missões de glória. Nós temos hoje, para você, uma missão de glória, uma missão de perigo: 90% de probabilidade de morrer e 10% de probabilidade de viver. Escolhemos você porque resolvemos homenagear Pernambuco. Você é pernambucano e os pernambucanos têm uma tradição de coragem. Escolhendo você para a missão desta noite, o comando da FEB está homenageando Pernambuco.

— Acontece, meu general, que há 30 anos eu estou fora de Pernambuco.

Getúlio Vargas

RIO GRANDE DO SUL

1

Getúlio Vargas, eleito presidente em 50, mandou chamar o udenista Dinarte Mariz para uma conversa. O encontro foi em casa do senador Epitacinho. Quando Dinarte chega lá, já encontra o também udenista Fernando Nóbrega.

Getúlio aparece de charuto na boca, cumprimenta os dois e convida-os a darem com ele uma volta no jardim. Dezenas de fotógrafos, ali de plantão, preparam-se para documentar o encontro. Os dois ficaram encabulados, Getúlio pôs um à direita, outro à esquerda, e sorriu malicioso:

— Quero esta foto no meio da UDN. Vai ser a primeira.

Depois, sobe ao gabinete para conversar com Dinarte:

— Mariz, não sei porque nunca me procuraste. Se tivéssemos conversado antes, a política do Rio Grande do Norte teria sido outra.

— Desde 1930, presidente, faço oposição ao senhor. Depois de 1937, conspirei muito contra seu governo.

— E você conspirava?

— Claro que conspirava.

— Com quem?

— Com muita gente. Sobretudo com militares.

— Não me diga.

— Um deles, que era o articulador da conspiração no Norte e Nordeste, teve importante reunião conosco uma noite e, no dia seguinte, li nos jornais a sua nomeação para interventor de um Estado da região.

— Quem foi, Mariz?

— Não devo revelar, presidente.

Getúlio puxou o charuto, muito sério, ficou olhando Dinarte atrás da fumaça:

— Eu sei, Mariz, foi o Barata, o Magalhães Barata. Eu sabia de tudo.

E explodiu numa gargalhada.

2

Na Comissão de Justiça da Câmara Federal, o deputado Antônio Balbino deu longo parecer, depois publicado em livro, sobre a *Constitucionalidade do Empréstimo Compulsório Sobre os Proprietários de Veiculos*. Além de o projeto ser aprovado, o Supremo Tribunal adotou o parecer como jurisprudência. Getúlio mandou chamar Balbino:

— Gostei muito de seu trabalho sobre o empréstimo compulsório. Um trabalho longo e profundo.

— Presidente, toda vez que alguém escrever mais de duas páginas para provar que alguma coisa é constitucional, duvide.

— É por isso que o Chico Campos escrevia tanto.

3

No Natal de 50, eleito presidente, foi jantar em casa do almirante Augusto do Amaral Peixoto. O jornalista José Lino Grunwald, estudante, comenta o abatimento em que estava Cristiano Machado, candidato do do PSD, derrotado por ele:

— Mais do que o Cristiano, sofreu o Cristo.

4

Luís Simões Lopes era um mini-ditador. Diretor do DASP, fazia o que queria, com apoio de Getúlio. Mandou ofício aos ministros com uma série de determinações. Enquadrava todo mundo. Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda, recebeu, leu, devolveu:

— "Ao remetente: vá à merda".

Entregou ao chefe de gabinete. O chefe de gabinete ficou em pânico:

— Devolver pelo protocolo reservado, não é, senhor ministro?

— Não, pelo protocolo comum.

Era um escândalo renovado, de mão em mão. Luís Simões Lopes recebeu, ficou furioso, foi a Getúlio pedir demissão. Getúlio puxou uma baforada do charuto:

— Ora, Luís, para que demissão? Tu não vais, não é? Não indo, tu desmoralizas o Osvaldo. Ele vai ficar uma fera. Tu sabes. Tu sabes.

Luís Simões Lopes foi. Quer dizer, de volta para seu gabinete no DASP.

5

Osvaldo Aranha foi visitar Getúlio no Palácio Guanabara, onde ele morava. Alzirinha (dona Alzira do Amaral Peixoto) mostrou a cadeira do pai vazia, porque Getúlio passeava no salão:

— Sente-se, doutor Osvaldo.

— Não, minha filha — disse Getúlio, lá do fundo. Nesta cadeira, não. Ela é minha e só minha. O Osvaldo pode sentar-se e tomar gosto. Com o poder não se brinca.

Osvaldo Aranha sentou-se em outra cadeira. Getúlio ficou mais dez anos no poder.

6

Em 37, nomeou o general Daltro Filho, baiano, interventor do Rio Grande do Sul. Flores da Cunha ficou indignado, veio ao Rio:

— Que fizeste, Getúlio? Tu és um renegado.

— Ora, Flores, se um gaúcho pode governar o Brasil, por que um baiano não pode governar o Rio Grande?

7

Dona Alzira Vargas do Amaral Peixoto era secretária do pai. Depois do almoço, no Palácio, Getúlio descansava, ela lembrou:

— Pai, tu tens que ir hoje a uma solenidade.

— Por que *tu tens*, minha filha? Eu não tenho nada. Eu vou se quiser. Eu sou o presidente.

E não foi.

8

A r g e m i r o Figueiredo, interventor da Paraíba, veio ao Rio com o secretário Celso Mariz, poeta, escritor e amigo. Foram a Getúlio conversar sobre os problemas do Estado e procurar forças para enfrentar Epitacinho (Epitácio Pessoa de Albuquerque, filho de João Pessoa) que estava lutando para derrubar Argemiro.

No fim da conversa, Getúlio convida:

— Governador, fique para almoçarmos.

— Está bem, presidente.

Celso Mariz, alienado demais para secretário de interventor, interrompe:

— Doutor Argemiro, lembre-se de que o senhor tem um compromisso de almoço com o Frutuoso Dantas.

Argemiro p e n s o u, hesitou. Getúlio levantou-se, estendeu a mão, despediu-se:

— Está bem, governador. Outro dia almoçaremos.

Não houve outro dia. Naquela tarde, Argemiro Figueiredo foi demitido.

9

Poucos dias antes de morrer, 13 de agosto de 54, foi a Belo Horizonte inaugurar a Mannesman. Hospedou-se no P a l á c i o das Mangabeiras. Na hora de vir embora, chamou o governador Kubitscheck e fez os maiores elogios ao mordomo que tinha sido destacado para atendê-lo. Tirou do bolso um envelope e entregou ao mordomo.

O mordomo correu para o fundo do palácio com o envelope na mão. Cercado pelos colegas, abriu trêmulo e emocionado. Tinha uma nota amarelada de 20 mil réis. Não dava para comprar um jornal.

O poder não faz esquecer apenas a face dos súditos.

10

O Assyrius, ali na Cinelândia, meio restaurante, meio buate, meio cabaré, já teve outros dias de glória, lá por 1930, embaixo do Teatro Municipal. Era meio cabaré, meio cassino. E nele brilhava um senhor muito elegante, de revólver na cinta e bengala na mão: Flores da Cunha, general e chefe político.

Aproxima-se uma m u l h e r e pede dinheiro. Tira a carteira, abre e põe de lado, sem olhar:

— Sirva-se, minha senhora!

— Quanto, general?

— Quanto q u i s e r. Quando uma senhora está necessitada, um cavalheiro não p e r g u n t a quanto ela precisa. É a sua disponibilidade.

11

No Jockey Club, Flores achou que o jóquei tinha roubado a corrida.

— Você é um ladrão. Roubou a corrida, seu safado.

— Ladrão e safado é sua mãe, general.

— Muito bem. Respondeu como homem. Se outra tivesse sido sua resposta, confirmaria que era um canalha.

E cumprimentou o jóquei.

12

Flores tinha pavor de quem ficava p e r u a n d o atrás dele, quando jogava pif-paf. *Pegou as cartas com um jogo espetacular,* ***estava batido. Alguém, em pé, suspirou junto ao ouvido dele. Tranqüilamente, d e s m o n t o u jogo e pôs uma carta fora. O*** **peru** ***ficou indignado:***

— Mas, general, o jogo estava batido!

— Será que neste País a gente não tem mais liberdade nem para contrariar o **peru?**

13

João Goulart ofereceu jantar no Palácio da Alvorada à bancada federal do PTB. À direita, o governador Lomanto Júnior, da Bahia. À esquerda, Roland Corbisier, líder da bancada carioca. E, bem à frente, Clemens Sampaio, deputado e presidente do PTB da Bahia.

Mal sentaram-se, Clemens começou a cobrar do presidente uma série de favores pessoais: empregos, financiamentos, verbas. Jango fazia que não ouvia, disfarçava, olhava para os lados. E Clemens pedindo, cobrando, cada vez com a voz mais alta. Jango voltou-se para Corbisier:

— Deputado, passe-me p o r favor essa manteiga.

Corbisier passou. Jango pegou a faca, tirou toda a manteiga de uma vez e começou a passar não no pão, nem na cara de Clemens, mas em cima da linda toalha azul, bordada de florões brancos, que cobria a mesa do Alvorada. Fez-se um silêncio de espanto. Clemens calou. E o Presidente ficou longo tempo olhando a manteiga amarela esparramada sobre a toalha azul bordada de florões brancos.

Como um menino enlouquecido.

14

Jango estava despachando no palácio Rio Negro, em Petrópolis. Convocou, para uma reunião de emergência, os três ministros militares (Jair Dantas Ribeiro, do Exército; Sílvio Mota, da Marinha e Anísio Botelho, da Aeronáutica) e o ministro da Justiça, Abelardo Jurema.

No pátio do Palácio, sentaram-se em torno de uma mesa de vidro. Quando a conversa ia mais carregada, uma pedra enorme caiu sobre a mesa, arrebentando-a e jogando cacos de vidro em cima de todos. Os ministros ficaram pálidos e se levantaram de um salto, imaginando um atentado.

Lá de cima da escada veio a gargalhada vitoriosa de João Vicente, filho do presidente. Jango, que tinha ficado tranqüilamente sentado, apenas olhou e sorriu:

— João, cuidado com a pontaria que eles são de briga.

Não eram.

15

Em 1950, um grupo de amigos conversava em casa da escritora Maria de Lourdes Lebert, em São Paulo. Entra uma jovem linda, olhos de gata, e não cumprimenta ninguém. Um rapaz pegou-a pelo braço:

— Você chega e não fala com ninguém. É só porque é bonita?

— Não o conheço. Quem é você?

— Sou o futuro presidente da República.

— E eu sou Joana D'Arc. Já ouviu falar nela?

A jovem era a modelo Nair, depois mulher do tapeceiro Genaro de Carvalho. O rapaz era o deputado estadual do Rio Grande do Sul, João Goulart.

16

Pinheiro Machado sai do Senado numa tarde de crise política. Nas ruas, o povo. (Eram aqueles tempos). O motorista ficou preocupado:

— Como é que eu devo dirigir, senador?

— Nem tão ligeiro que pareça covardia, nem tão devagar que dê idéia de provocação.

17

O presidente Costa e Silva chegou a São Paulo, deu entrevista coletiva. Milton Parron, da Rádio Panamericana, depois de algumas perguntas, saudou o presidente:

— A jovem Pan deseja a V. Exa. feliz estada em São Paulo e uma boa viagem.

— Meu filho, quem é essa jovem?

18

Noite de 13 de dezembro de 68. Na televisão, o ministro Gama e Silva lia o AI-5. O palácio do Congresso, em Brasília, humilhado em conchas, iluminava as angústias nacionais. O senador Mem de Sá chega à sala das taquígrafas, que estavam falando alto demais:

— Minhas filhas, falem baixo que a Constituição está morrendo.

19

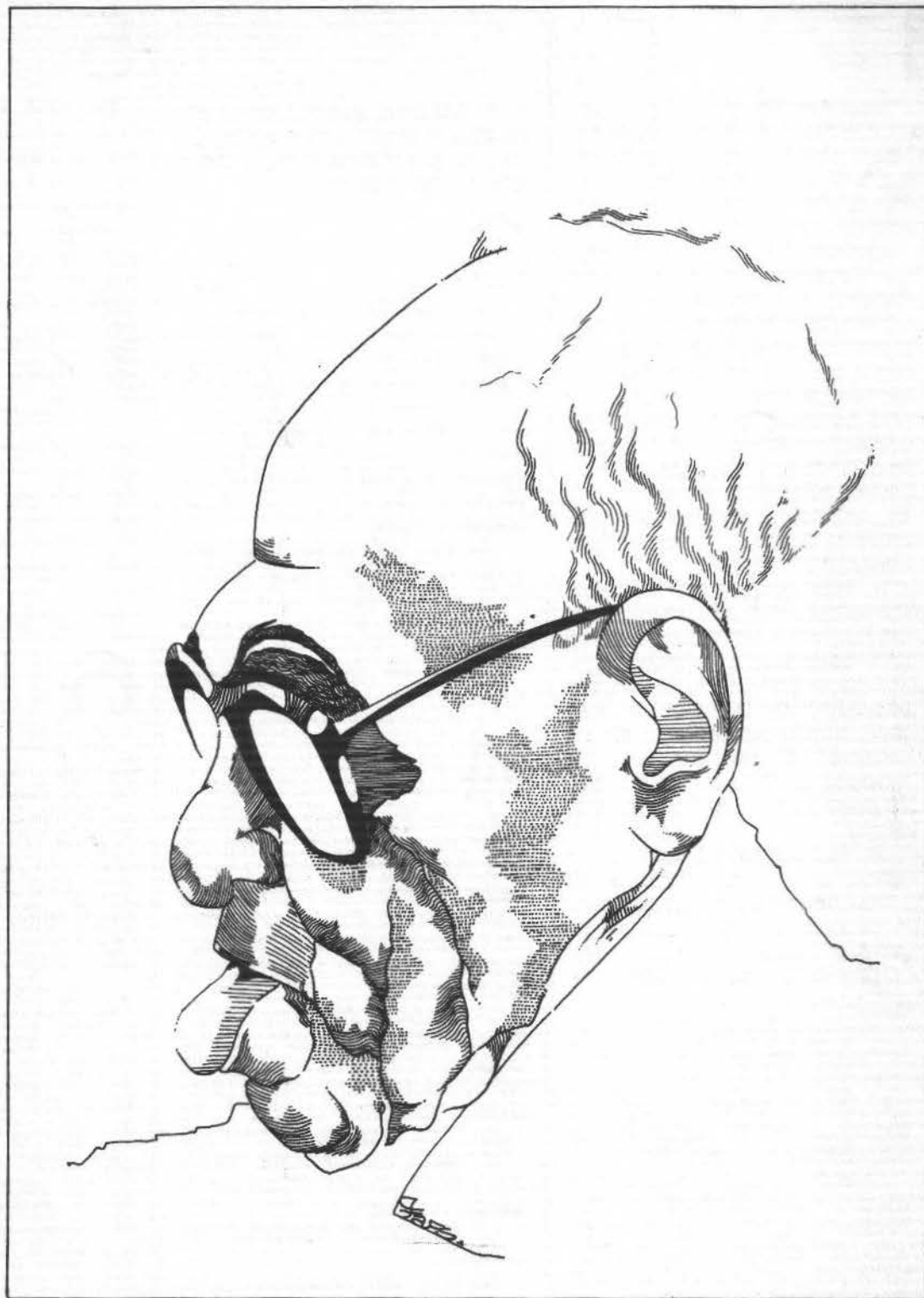
Aparicio Torelly, o Barão de Itararé, *mestre e glória do humorismo brasileiro, saiu do colégio dos jesuitas, em sua cidade natal (São Leopoldo do Sul, onde, ainda estudante, fundou o jornal manuscrito* O Capim Seco*), para vir satirizar a ditadura no Rio de Janeiro. Em 38, estava diante dos juízes do Tribunal de Segurança.*

— O senhor sabe por que está preso?

— Sei sim. Porque desobedeci a minha mãe.

— Não entendi.

— Muito simples, doutor juiz. Eu sempre gostei muito de café. Minha mãe reclamava: — Meu filho, não tome tanto café que um dia você vai se dar mal. ***Eu desobedeci e continuei tomando café. No mês passado, estava eu com alguns amigos tomando um cafezinho na Galeria Cruzeiro, chegaram os homens da polícia e me levaram. Minha mãe tinha razão: — eu ainda ia me dar mal por causa de café. E me dei.***

O interrogatório foi encerrado.

Silvestre Péricles de Góes Monteiro

ALAGOAS

1

Silvestre Péricles Góis Monteiro, doutor Silvestre, chefe político, governador, elegeu-se senador e veio para o Rio. Jurou nunca mais meter-se em brigas cívicas.

Morava em Ipanema e todo dia pegava o lotação Ipanema-Malvino Reis para levar a neta ao Instituto de Educação, ali na Mariz e Barros. Um dia, esqueceu a carteira em casa. Na hora de descer, não tinha dinheiro para as duas passagens. Tirou papéis, remexeu, nada. Faltavam dois cruzeiros. Explicou a situação ao motorista. Cigarro na boca, cédulas dobradas enfiadas entre os dedos, o motorista nem olhou:

— Não quero saber de nada. Passe os dois malandros para cá. Só abro a porta quando os dois malandros estiverem aqui.

Tentou convencer o homem, não deu jeito. O lotação parado, todo mundo esperando, aquele vexame. O senador Silvestre lembrou de Alagoas, puxou um 38 cano curto, deu dois tiros na porta:

— Estão aqui os dois malandros.

Até hoje o motorista corre.

2

O brigadeiro Eduardo Gomes ia chegar naquele dia a Maceió, candidato à presidência da República pela UDN. Silvestre foi para a varanda do palácio e ficou olhando lá para cima.

Quando o avião apareceu no canto do céu, Silvestre deu dois passos para trás, pôs-se em posição de sentido, estirou o braço direito, segurou ao meio com a mão esquerda e começou a dar imensas bananas para o infinito.

O avião vinha vindo, voando e roncando, cada vez mais baixo, e Silvestre já de braço cansado. Sua mãe, dona Constância, que morava com ele, o chamou lá de dentro. Ele foi logo. Mas antes ordenou ao oficial de gabinete:

— Continua dando banana para aquele avião, até ele descer, que eu vou lá dentro ver o que é que minha mãe quer.

3

Sandoval Caju, paraibano de talento e cara dura, depois de uma temporada no Rio, voltou para João Pessoa impressionando a provincia com um diáfano cartão de linho: Sandoval Caju locutor da Relógio do Distrito Federal. *E virou o maior radialista do Nordeste, na Rádio Tabajara da Paraiba.*

Um dia, mudou-se para Alagoas. Ia para a praça pública todo vestido de branco e, de cima de um caminhão, começava:

— Vim de branco para ser claro.

4

E tanto foi de branco e tanto foi claro que acabou prefeito de Maceió, com espetacular votação. Inclusive com apoio de Floriano Peixoto. Diante da estátua do Marechal de Ferro, falava um dia ao povo. De repente, abriu os braços:

— Marechal Floriano, vós que sois o patrono da terra das Alagoas, dizei a este povo se estais ou não estais apoiando a candidatura de Sandoval Caju à prefeitura de Maceió.

A praça calada como quarto de freira, e Sandoval, braços ao vento, insistia:

— Respondei, Marechal, respondei!

Depois, num soluço, os olhos molhados de gratidão, gritou:

— Obrigado, Marechal. Obrigado. Quem cala, consente.

5

Em 1930, Júlio Prestes e Costa Rego foram exilados para a França. Encontraram-se uma tarde de neve à beira do Sena. Costa Rego inconsolável:

— Olhe, Júlio, eu entendo que você esteja aqui. Afinal de contas, você foi o candidato à presidência da República. Eles não iam querer deixá-lo lá. Mas eu, pobre político de Alagoas, não era ameaça nenhuma. Não me conformo.

— Não se conforma, por quê? Todo mundo dizia que você ia ser meu ministro da Justiça. É verdade que eu nunca tinha pensado nisso.

— Ora, Júlio, por que você está dizendo isto, nesta tarde tão fria, tão triste? Não custava nada ser amável agora.

6

Seu Calazans, dono do hotel Calazans, *era o homem mais rico de Penedo. Getúlio ficou lá na campanha eleitoral de 50. Depois do comício, o povo queria falar com ele, pedir dinheiro.*

O senador Hidelbrando Falcão chefe político de Penedo, resolvèu afastar o povo dali, para Getúlio poder dormir:

— Minha gente, o doutor Getúlio está cansado, foi repousar. E não é direito vocês pedirem dinheiro a ele. Fiquem tranqüilos que amanhã, logo que ele viajar, Seu Calazans distribuirá um dinheiro que ele vai deixar para vocês.

Uma semana depois Seu *Calazans teve que ir passar uma temporada em Maceió. Ninguém conseguiu convencer o povo de que ele não tinha ficado com o dinheiro de Getúlio.*

7

Oséas Cardoso, deputado, fez fama de valente. Tranqüilo e educado como um cônego em férias, ninguém diria que fosse capaz de pegar em um canivete. No entanto, em suas mãos já repicaram metralhadoras. Durante anos tentaram riscá-lo do mapa político do Estado. À bala jamais conseguiram. Tiveram de usar da caneta, em 64.

Foi fazer comício em Palmeira dos Índios, terra de Graciliano Ramos e da família Mendes, inimiga de morte de Oséas. A cidade ficou esperando o comício para ver de que lado ia começar o tiroteio.

Quando subiu ao palanque, havia um silêncio de mandacaru. Todo mundo duro, espiando. Lá em cima, só ele. Ninguém queria jogar a vida por um microfone e alguns votos. Menos Sebastião baiano, mulato discursador. Ficou indignado, subiu, pediu a palavra:

— Minha gente, é um absurdo que venha um homem ilustre a esta cidade e ninguém suba aqui para saudá-lo. Por isso, vim dizer ao doutor Oséas que esta é uma cidade civilizada e nós vamos ouvi-lo. E vocês precisam saber que o doutor Oséas tem, no nome, todas as virtudes de um grande cidadão: tem o *O* da *honestidade*, o *S* do *civismo*, o *E* da *inteligência*, o *A* da *harmonia* e de novo o *S* da *civilização*.

Naquela noite não houve bala em Palmeira dos Índios.

8

Graciliano Ramos, conversando com Joel Silveira:

— Olhe, Joel, descobri o mal do Brasil. O mal do Brasil é não ter golfo. O golfo é o nosso problema. Todo país do mundo que se respeita tem golfo. Os Estados Unidos têm o golfo de Alaska, a União Soviética tem os golfos do pólo Norte. Até o Vietnã tem o golfo de Tonkim. No mundo antigo, a Pérsia só foi importante porque tinha o golfo pérsico. O Brasil, não. Não temos golfo nenhum.

— E não podemos fazer nada.

— Podemos, sim. Podemos arranjar um golfo. É só cavar Alagoas e Sergipe e teremos um golfo espetacular. Um dos maiores do mundo. Daí em diante estarão solucionadas todas as nossas angústias de país subdesenvolvido.

Graciliano Ramos a James Amado:

— A Revolução Socialista não foi feita no Brasil por causa do português. Pixavam nos muros o slogan de Marx: — "Trabalhadores do mundo, uni-vos". Mas quem pixava e quem lia não sabia o que era uni-vos.

10

José Murici, cearense boa praça, era fiscal do Instituto do Sal em Alagoas e adorava Maceió. Arnon de Melo elegeu-se governador, não gostava dele, pediu sua remoção para o Ceará. José Murici ficou desesperado. No dia da viagem, encontrou no aeroporto o secretário de Arnon que tinha providenciado sua saída. Avançou em cima dele como uma fera.

De serviço no aeroporto, estava Bezerrão, investigador e analfabeto, dois metros de altura e 150 quilos de peso. Agarrou José Murici pelas costas, levou-o para um canto e lhe disse baixinho:

— Murici, Murici, eu sou mais velho do que tu. Não sei ler mas conheço a vida. Volta para o teu Ceará, que um dia Arnon vai embora e tu vem de novo. Se tudo que subisse não caísse, o céu estava cheinho de talisca de foguete.

11

O senador Arnon de Melo mandou chamar o cabo eleitoral:

— O que é que houve? Eu soube que você matou fulano?

— Matei, doutor. Está me dando uma doença. Não posso mais ouvir ninguém falar mentira. Vai me dando uma tosse, uma tosse, Só para quando mato o sujeito.

Um dia, o senador foi fazer comício na cidade do cabo eleitoral que não podia ouvir mentira:

— Meus amigos, eu juro que vou multiplicar os votos de vocês em benefícios para esta terra, como Cristo multiplicou os peixes nas montanhas da Terra Santa. Naquele dia, na Judéia, o Cristo alimentou uma multidão com dois peixes.

Lá embaixo do palanque, o cabo eleitoral que não podia ouvir mentira começou a tossir desesperadamente. O senador ficou aflito e consertou logo:

— Quer dizer, eram dois peixes enormes, duas b a l e i a s imensas.

12

Seu Rodrigues era chefe político de Penedo. Coronel dos de antigamente: bom sujeito, boa prosa, bom garfo. E tinha Tonico, menino levado que passava o dia jogando sinuca no bar da praça mas era seu orgulho.

Um dia, Tonico virou a cabeça e sumiu com uma trapezista do Circo Garcia. Seu Rodrigues quase morre de desgosto. Não saía, não jogava mais biriba com os amigos, triste e amuado dentro de casa como um boi velho. Três anos depois, seu Rodrigues recebeu a notícia: Tonico tinha morrido em um desastre em Goiás. Entrou no quarto, passou um dia e uma noite chorando o resto de mágoa e deixou pra lá.

O tempo passou, Tonico não era mais assunto de Penedo. O velho coronel de quando em vez ia buscar atrás da cômoda o retrato do menino ingrato, que ganhara o vão do mundo com a trapezista loura de pernas grossas e recebera seu castigo na curva da estrada.

De repente, chega do Rio um amigo:

— Vi o Tonico lá. Era ele mesmo. Conversei com ele, não volta porque tem vergonha. Nem o endereço quis dar.

Seu Rodrigues dormiu duas noites de olho aberto, vendo a cara envergonhada de seu menino fujão. Arrumou a mala, pegou o ônibus, tocou para o Rio. Desceu na Rodoviária, aquele mundão de gente. Estava tonto e perdido. Viu um guarda:

— Seu guarda, o senhor sabe onde mora Tonico Rodrigues, de Penedo?

— Sei, sim. Mora na Senador Pompeu, na mesma pensão em que eu moro.

— Me leva lá que Tonico deve estar sem dinheiro para pagar a pensão. Ja faz *uns dias* que ele sumiu de Penedo.

13

Era aniversário de um bravo coronel de polícia de Palmeira dos Índios. Contrataram dois cantores para animar a festa. Os homens chegaram, violas em punho:

— Coronel, vamos cantar a sua vida.

— Nada disso, cantador de verdade não prepara, improvisa. Vou dar um mote, vocês cantam. E nada de minha vida. Quem vai ser cantado, hoje, é Jesus Cristo. E o mote é:

Jesus Cristo veio ao mundo
nos livrar das injustiças.

Um cantador olhou para o outro, cada qual mais branco. O coronel estava nervoso. O jeito era começar. Um tirou:

Jesus Cristo veio ao mundo
nos livrá das injustiça.

O outro respondeu:

Quando ele tinha 15 anos
rezou a primeira missa.

O primeiro engasgou. E foi em frente:

Quando completou 18,
sentou praça na poliça.

O coronel meteu os dois no xadrez.

14

Catulo de Paula, poeta e cantor, vinha do Ceará para o Rio, a pé, cortando mundo com sua viola debaixo do braço. No interior de Alagoas, convidaram-no para tocar numa festa.

Na porta do Clube, o nome desenhado na parede: — "Sociedade Lítero-Musical Filhos da Pauta".

15

A Revolução de 30 tinha revolucionário demais e soldado de menos. O jeito era fardar civil e mandar brigar. Até Zeca de dona Estefânia foi.

Rapaz sério, compenetrado, Zeca de Dona Estefânia tinha chegado do Piauí naqueles dias, pálido e analfabeto. Mas queria, também ele, defender a Revolução, que não sabia o que era, e a honra de Alagoas, que pensava que sabia.

Fardado e de fuzil na mão, Zeca de dona Estefânia recebeu feliz a primeira missão. Guardar a estação da estrada de ferro de Maceió. Gente chegando, gente saindo, e Zeca de dona Estefânia, fuzil na mão, duro como estátua, ali no pátio como um Bonaparte sem pirâmide.

De repente, passa um apressado e tropeça em Zeca de dona Estefânia:

— Têje preso.

— Preso por quê?

— Você pisou no pé da lei.

Magalhães Barata

PARÁ

I

Interventor do Pará, Magalhães Barata prendeu um filho de José Augusto Meira Dantas, professor da Faculdade de Direito, velho chefe político do Estado, depois senador. Meira Dantas telegrafou a Getúlio Vargas protestando. Getúlio encaminhou o telegrama a Vicente Rao, ministro da Justiça, que mandou um rádio ordenando soltar o rapaz.

Barata estava de saída para uma solenidade no bairro da Pedreira, em Belém. Subiu ao palanque, leu o telegrama e gritou para a multidão:

— Não vou soltar não. Com Rao ou sem Rao, comigo é no pau.

E não soltou.

2

Governador, mandou fazer concorrência para todos os fornecimentos ao Palácio. Vieram as listas de preços, ele mesmo quis conferir. De repente, vê uma firma oferecendo tudo mais barato *("Manoel Gonçalves e Filhos", famosos pelos preços altos que sempre cobraram)*. Escreveu em baixo:

— "Indeferido. Eu te conheço, ladrão".

3

Tinha um candidato a prefeito de Santarém. O diretório municipal do PSD queria outro. Vendo que ia perder, foi lá, conversou, pediu, fez a eleição. Perdeu mesmo: 15 x 5. Levantou-se, pegou o microfone:

— Meus senhores, pela primeira vez a minoria vai ganhar. Está escolhido o candidato que perdeu.

Todo mundo bateu palmas. Ele encerrou os trabalhos:

— E, pela primeira vez, a minoria ganhou por unanimidade.

4

Uma professora do Estado requereu licença-gravidez para o parto do quinto filho. Mandou investigar, soube que ela tinha votado com a oposição. Pegou o processo, deu o despacho:

— "Indeferido. Nego a licença. Gravidez não é doença. Apanha-se por gosto."

5

Foi visitar uma cidade do interior. Em frente ao trapiche, onde desembarcou, ficava o "Grupo Escolar Zacarias de Assunção" *(O general Assunção era da UDN e tinha sido governador antes dele, derrotando-o)*. Chamou o prefeito:

— Este grupo vai mudar de nome. Vai chamar-se Magalhães Barata, que é quem manda no Pará.

Chama até hoje.

6

Abelardo Conduru, respeitável chefe político, rompeu com ele. Fez carta, mandou um vaqueiro levar. Barata abriu, leu, ficou indignado. Conduru mandava tirar o nome da chapa do governo e comunicava que seria candidato pela oposição. Chamou o mensageiro até o gabinete:

— Quer dizer que o doutor não quer ser mais candidato?

— Não quer mais não, governador.

— Preciso substituí-lo hoje. Como é seu nome?

— José Pingarrilho.

— Bom nome. Ótimo nome para voto. O senhor vai ser candidato no lugar do doutor Conduru.

— Não posso, governador. Sou amigo dele, empregado dele e não entendo nada de política.

— Nada disso. Vai ser, sim. Quem manda no Pará sou eu.

Pegou um papel, escreveu ao dr. Conduru:

— "Recebi sua carta, lamento a desistência, mas já providenciei o substituto. É o José Pingarrilho, nosso amigo comum, um nome à altura das tradições do Pará."

Que foi eleito, derrotando o patrão Conduru.

7

Um compadre, notório contrabandista, chegou ao posto fiscal de Belém com muitas tartarugas e não quis pagar o imposto:

— As tartarugas são presente para o compadre Barata.

O fiscal telefonou para o chefe, que telefonou para o secretário do governador, que falou com o governador.

— Diga ao compadre que presente se dá completo. Ele que pague o imposto e mande logo as tartarugas.

8

O ex-embaixador do Brasil em La Paz, Hugo Bethlem, nome de truste, foi o articulador brasileiro do último golpe militar na Bolívia. No dia em que o coronel Banzer foi posto no governo, Bethlem estava lá, orgulhoso como um proconsul romano na Judéia.

Meses antes quase tinha criado um caso diplomático entre o Brasil e a Bolívia. Discursando em um final de banquete, disse que o Brasil devia tomar conta da Bolívia, fazendo dela um protetorado. O então presidente Torres protestou e o ministro Gibson foi obrigado a declarar que não tínhamos nenhuma responsabilidade por pileques de ex-embaixador aposentado.

Muitos anos atrás, quando o nome de Bethlem foi submetido ao Senado para embaixador, Magalhães Barata virou uma fera. Disse o diabo dele e passou a "cantar" o voto dos colegas para que o vetassem. Chegou perto de Mello Viana, o velho soba mineiro:

— Senador Mello Viana, o senhor passou a vida inteira votando com o governo: Experimente hoje votar uma vez só com a oposição, para ver como é gostoso.

Mello Viana não disse nada. Pegou sua cédula, foi à urna, deixou lá o voto, voltou e bateu no ombro de Barata:

— O senhor tem razão. Estou me sentindo tão leve!

— É, senador, uma vez ou outra é muito bom. Mas não se acostume não, que de tão leve o senhor termina voando daqui e nunca mais volta.

9

João Botelho foi candidato a prefeito de Belém. Passou o dia inteiro anunciando um comício, à noite, na praça Brasil. Chegou lá, não havia ninguém. Imaginou um engano, perguntou ao secretário.

— Não houve engano não, deputado, a praça é esta mesma.

Foi ao bar mais perto, pediu dois caixotes de madeira, pôs no centro da praça, subiu e passou a berrar alucinado:

— Socorro, socooorro, socoooooooorro!

Correu gente de todo lado para ver o que era. Assegurada a platéia, ele começou o comício:

— Socorro para um candidato...

E fez o comício.

10

Secretário de Segurança, recebeu em audiência um capitão do Exército, fardado:

— Tenha a bondade, major.

— Major, não, doutor Botelho. Capitão.

— Mas é major na promoção de minha amizade.

11

Deputado no Rio, passou muito tempo sem ir a Belém. Quando foi, encontrou na rua o filho de um grande amigo:

— E o velho? Ainda não tive tempo de abraçá-lo.

— Papai faleceu, deputado.

Desculpou-se como pôde, a vida absorvente do Congresso, a longa ausência da terra:

— Aceite minhas condolências, extensivas a todos os seus.

Dias depois, volta a encontrar-se com o rapaz:

— E o velho?

— Eu já lhe disse, deputado. O papai faleceu.

— Ah, foi mesmo. Esta minha cabeça! Mas nunca é demais renovar a expressão de meu pesar.

E deu-lhe um longo abraço.

Semanas depois, novo encontro. Foi começando:

— E o velho?

Mas emendou logo:

— O velho sempre morto, não é? Sempre morto.

12

Encontra o cabo eleitoral:

— Como vai? E a diletíssima esposa? E as crianças?

— Tudo bem, deputado. A mulher está ótima. Mas, por enquanto, é um menino só.

— E eu não sei que é um filho só? É um menino, certo, mas que vale por muitos. Então, como vão *os meninos?*

13

Fazia, ele próprio, o alistamento eleitoral do interior. Foi a Tucuruí:

— Caro amigo: o seu nome?

— Pedro.

— Pedro? Nome do apóstolo, fundador da Igreja, discípulo de Cristo. "Pedro, tu és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja". Belo nome, belo nome. Pedro de que?

— Da Silva.

— Silva! O senhor sabe que pertence a uma das famílias mais importantes do Brasil? Não há Estado, cidade, vilarejo, em que não haja um parente seu. Silva, Pedro Silva. Que nome!

— Data do nascimento?

— 7 de setembro de 1930.

— O meu dileto amigo nasceu no Dia da Pátria, no ano da grande revolução. É um privilegiado. Pedro Silva do dia 7 de setembro, é demais. Nomes de seu distinto pai e de sua digníssima mãe?

— Meus pais são falecidos, deputado.

— Console-se, meu amigo. No dia do Juízo Final, ressuscitaremos todos. E não esqueça de dar seu voto aqui para seu amigo.

14

Já fora da política, aqui no Rio, precisava conseguir uns esclarecimentos no Instituto Félix Pacheco. Ia saindo, o colega da Procuradoria da Caixa Econômica chamou a atenção para o calor desesperado que fazia lá fora:

— Mas você sair daqui desse ar refrigerado e enfrentar o sol da avenida, a pé, até a rua Venezuela? Por que não telefona?

— Pelo telefone eles não informam.

— Tente.

Ligou, fez voz macia:

— Meu filho, aqui fala Monsenhor Botelho, do Palácio São Joaquim. O senhor cardeal deseja uma informação.

O funcionário anotou, saiu do telefone alguns instantes e voltou com todos os esclarecimentos.

— Muito obrigado, meu filho. Que Deus o abençoe e a mim não desampare. Quando puder, venha tomar um chá com o velho Monsenhor Botelho.

15

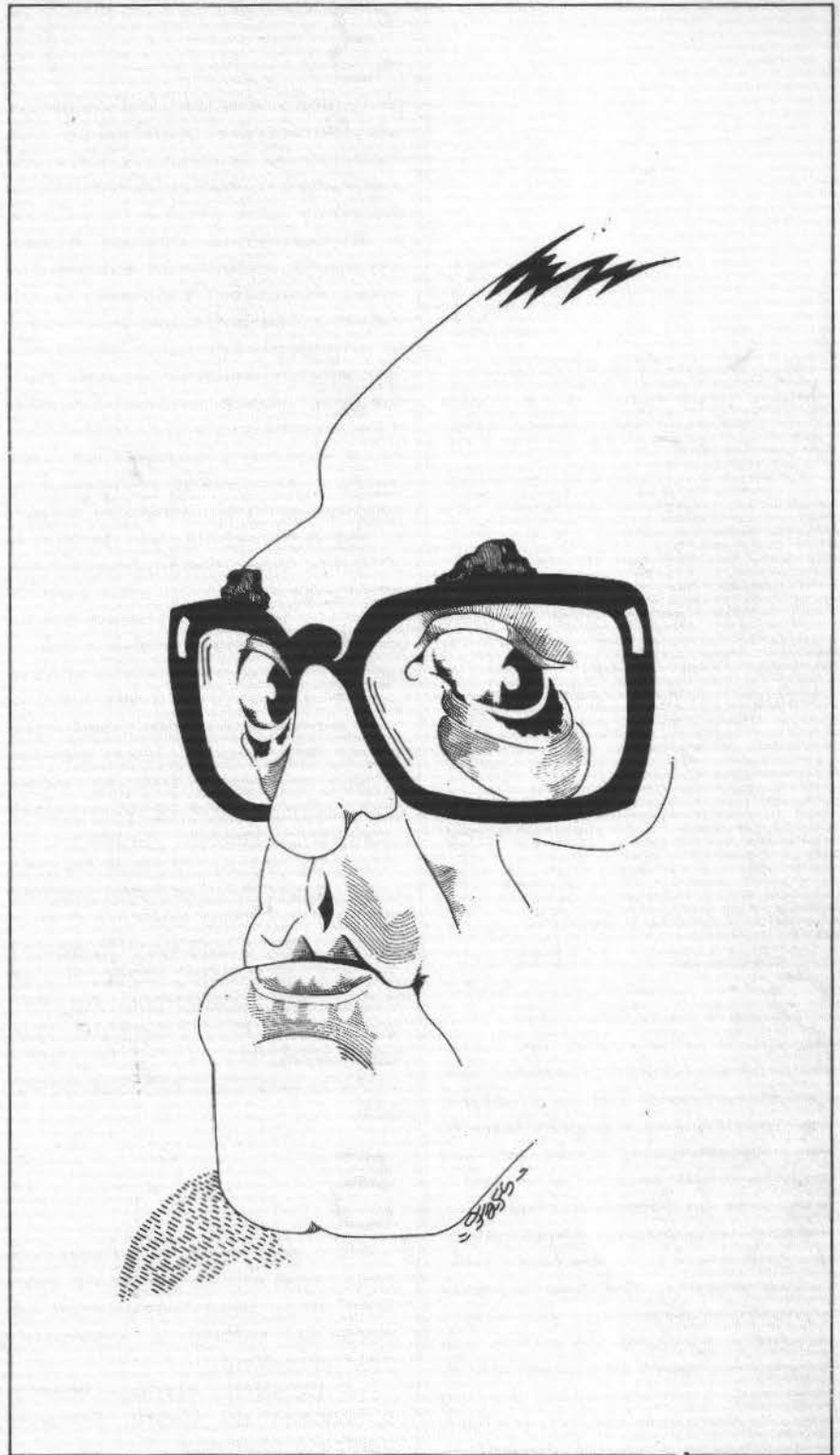
Na rebelião de Jacareacanga, o major Haroldo Veloso desceu em Santarém, a mais próspera cidade do baixo Amazonas, encheu o aeroporto de tambores de óleo e ficou entrincheirado lá. Mesmo assim o repórter Oswaldo Mendes, hoje diretor da Mendes Publicidade, *saiu de Belém, em um teco-teco, conseguiu descer e foi para a cidade.*

Santarém tinha três agências bancárias: Banco do Brasil, Banco da Amazônia e Caixa Econômica Federal. Os gerentes ficaram em pânico, com medo de o major requisitar os depósitos. Cada um dos três imaginou logo uma solução que pareceu genial: tirar o dinheiro e depositar na agência do outro, para afastar a responsabilidade das próprias costas. Só que se encontraram no meio da rua e o plano tríplice fracassou.

Discutiram, analisaram a situação e decidiram convocar a cidade para ir até o aeroporto implorar ao major Veloso que, se fosse requisitar o dinheiro, deixasse um documento para evitar conseqüências funcionais contra os três. Às sete da noite, com archotes na mão, lá se foram umas 500 pessoas até o aeroporto pedir clemência ao terrível revolucionário.

Quando se aproximavam, Veloso pensou que era um ataque e se preparou para reagir. Não era. Os três gerentes se adiantaram e apresentaram o problema: — não queriam truncar suas carreiras bancárias e esperavam que o major entendesse. Veloso caiu na gargalhada:

— Vocês estão malucos? Não quero um tostão.

E todas as compras que fez na cidade, nos dias em que ficou lá entrincheirado, foram pagas a dinheiro. Santarém ficou encantada com Veloso. Daí nasceu sua liderança política lá. Anos depois, quando se candidatou a deputado federal, a cidade lhe deu uma votação espetacular. Pela raspa bancária que não fez.

Carlos Lacerda

GUANABARA

1

Na convenção da UDN que escolheu Jânio candidato à Presidência, Juracy Magalhães estava na tribuna:

— É uma traição à UDN defender a candidatura de quem, como o ex-governador de São Paulo, sempre foi contra ela.

Lacerda protesta lá debaixo:

— Trai muito mais à UDN quem vem para cá trazendo o homem que tentou cassar o mandato do líder da UDN na Câmara Federal, o ex-líder do PSD Vieira de Melo, hoje secretário de V. Excia. no governo da Bahia e, neste instante, aí às suas costas. Olhe para trás, governador Juracy Magalhães, e diga quem está traindo a UDN.

Juracy olhou e sentou.

2

Na abertura da convenção, Lacerda saudou o Rio — *a cidade da oposição.* O Palácio Tiradentes, superlotado, ouvia em um silêncio de igreja. De repente, refere-se ao *11 de novembro.*

— E onde estava Jânio naquele dia?

Era Aliomar Baleeiro, contrário à candidatura de Jânio, gritando lá da mesa, já de pé. Lacerda, no meio da frase, volta-se, dedo esticado, e, no mesmo tom, na mesma seqüência verbal, fulmina o aparte de Baleeiro:

— Estava em São Paulo fazendo o governo que o senhor pregava.

E, na mesma seqüência verbal, no mesmo tom, continuou o discurso como se não tivesse acontecido nada.

Baleeiro empalideceu e sentou.

3

Quando o marechal Mendes de Morais era prefeito do Rio, Lacerda foi agredido. (Não é de agora que jornalista é tambor da pátria).

Ainda com a cabeça ensangüentada, recebia os amigos em casa. A UDN foi toda para lá. De repente, salta de um automóvel o brigadeiro Eduardo Gomes. Os jornalistas se acotovelam para ouvir a palavra do líder. Eduardo Gomes entra, vê Lacerda:

— Carlos, manda comprar meio quilo de filé sangrando e põe nisso aí, que é muito bom.

Lacerda queixou-se depois:

— Eu não merecia manchete de carne.

4

Campanha de Jânio. Cada discurso era a análise de um problema: petróleo, política externa, reforma agrária, política financeira. Lacerda telefona:

— Os pronunciamentos estão muito bons, mas para presidente eleito.

— O que é que está faltando?

— Feijão. Falta feijão. Feijão é que elege candidato. Petróleo consolida. Ponha feijão na sua campanha.

Jânio pôs. Seis milhões de votos.

5

Napoleão Nonô, deputado cearense que tomou posse de *smoking,* ficou uma fera porque Lacerda se referiu a *cearenses contrabandistas.*

— Deputado Carlos Lacerda, a bancada do Ceará protesta contra a acusação.

— Deputado Napoleão, eu não disse que os cearenses são contrabandistas. Eu disse que há cearenses que fazem contrabando. Entre os quais, *data venia,* incluo V .Excia.

6

Eloi Dutra elegeu-se deputado combatendo Lacerda. Na primeira sessão, Lacerda na tribuna, Eloi pede um aparte. Lacerda concede, ouve em silêncio e vai em frente:

— Continuando a parte séria de meu discurso...

Eloi protestou e o presidente Ranieri Mazzili lembrou a Lacerda que, pelo regimento, ele devia responder:

— Responderei, senhor presidente, de acordo com o regimento. Deputado, retire-se de meu discurso.

7

Clemens Sampaio estava na tribuna:

— Segundo Adam Smith, a lei do mercado...

— Um aparte, senhor deputado?

— Pois não, nobre líder Carlos Lacerda.

— V. Excia. cometeu um equívoco. A tese da lei do mercado não é de Adam Smith, mas do famoso economista inglês Window.

— Ilustre líder Carlos Lacerda, agradeço o aparte de V. Excia. De fato, cometi um equívoco. A lei do mercado não é mesmo de Adam Smith, mas do renomado economista britânico Window. É com emoção que ouço V. Excia. ilustrar meu discurso.

— Senhor deputado, vejo agora confirmado o que só sabia por informação. V. Excia. não entende mesmo coisa alguma de tudo isso que está falando aí. Window não é economista inglês nem de país nenhum. *Window* é apenas *janela* em inglês.

8

Rubem Berardo disputava com Sérgio Magalhães a candidatura pelo PTB contra Lacerda. Na convenção, tentava falar mas as vaias não deixavam. Gritou:

— Não adiantam essas vaias. Ninguém calarão minha voz.

A votação calaram a candidatura dele.

9

Campanha eleitoral de Negrão de Lima. Comício na favela do Jacarezinho. Rubem Berardo, candidato a vice, pega o microfone bota a boca no morro:

— Não estamos aqui só para pedir voto. Estamos aqui para garantir ao povo que vamos trabalhar, fazer escolas, para que, por exemplo, esse negrinho tão simpático que está aqui em volta do palanque, quando crescer, não seja um negrão analfabeto.

O próprio, o de Lima, disse no ouvido de Luis Alberto Bahia:

— Bahia, toma o microfone do Berardo que ele só diz besteira.

10

O embaixador Vianna Moog conversava com Negrão:

— Governador, o senhor precisa ficar atento. Em 74 vamos ter eleições presidenciais e pode convir ao país a solução civil. Não esqueça que o senhor tem uma estrela de primeira grandeza.

— Eu sei, embaixador, que tenho tido uma grande estrela. Só que a minha é uma só e eu precisaria de quatro.

11

Danton Jobim era diretor do Diário Carioca, Pompeu de Sousa redator-chefe e Carlos Castelo Branco colunista político. Foram ao Catete falar com Dutra, presidente da República. A palavra, naturalmente, por força do cargo, era de Danton:

— Senhor presidente, nós estamos aqui...

E parou. Parou, ficou parado, não disse mais nada. Pompeu nervoso, Castelo aflito, Dutra sem entender. E ele, Danton, ali em frente, como uma esfinge verbal, metade palavra, metade silêncio. O presidente, criado e vivido na tradicional mudez, olhava para os três imaginando, quem sabe, uma ironia.

De repente, Danton olha para o teto, respira fundo, vai abrindo a boca. Era a salvação. Ia, enfim, falar, para alívio de todos e felicidade geral do encontro. Abre mais um pouco, mais um pouco. E dá um longo bocejo imbecilizado e morno. Pompeu sentiu, como no Evangelho, que era chegada a sua hora. E falou o que o Diário Carioca queria.

Até hoje Castelo não consegue explicar o bloqueio inesperado de Danton. E não esquece o olhar perturbado, quase alarmado de Dutra, catedrático do silêncio. Mas não demais assim.

12

Campanha eleitoral na Guanabara. Danton Jobim foi ao São Cristóvão Futebol Clube com Nélson Carneiro, Benjamim Farah e um grupo de candidatos a deputados pelo MDB. Era uma solenidade em homenagem a um ex-presidente benemérito do clube. Danton começa a dormir, profundamente, respirando fundo a paz dos mortos-vivos.

O presidente do clube aparece com uma taça enorme a ser oferecida ao ex-presidente homenageado. E anuncia que a saudação, a entrega seria feita pelo jornalista Danton Jobim. Ao lado, o industrial Gilberto Rabelo, a muito custo, acorda Danton que abre os olhos vendo à sua frente um homem entregando-lhe uma taça. Danton não teve dúvida — levantou-se, pegou o microfone:

— Meus senhores, agradeço esse galardão, muito acima de meus merecimentos. Jamais poderia imaginar, ao vir para esta solenidade, que me estava destinada a alegria de receber do São Cristóvão Futebol Clube uma taça tão linda, que levarei para minha casa como imagem duradoura da amizade e do carinho desse clube.

Foi um vexame total. Nélson Carneiro ria desbragadamente. Benjamin Farah soprava do lado:

— A taça não é para você não, Danton. É para o homenageado, o ex-presidente.

E Danton ia em frente, os olhos fechados, falando e bocejando, bocejando e falando. O presidente do clube, depois de muito hesitar, interrompeu Danton e lhe comunicou que havia um equívoco. A taça não era dele. Era do outro.

Danton sentou, o outro recebeu.

13

Era estudante, fazia política universitária. Veio 64, mudou-se para o Rio, formou-se, abriu escritório no edifício mais bacana.

Um dia chegou a notícia lá do Estado: estava enquadrado em um IPM, como "estudante profissional". Não deu importância, foi tocando a vida. Mas sempre uma pedrinha de medo castigando o calo do dia-a-dia.

Seis da tarde, já ia sair, entra a secretária assustada:

— Doutor, tem três homens aí procurando o senhor. Perguntei o que era, mas só querem falar com o senhor.

— Como é a cara deles?

— Grandes, fortes, caras fechadas.

— É a polícia. Tome as chaves, tome os documentos, avise minha família. Vou ver se driblo, dizendo que o doutor está aqui dentro. Quando eles entrarem, diga que era eu. Já me mandei.

E foi saindo, as pernas trêmulas, os três homens na porta, grandes, fortes, caras abertas, sorrindo. No corredor, refletores acesos, fotógrafos, cinegrafistas e uma claque batendo palmas:

— Doutor, o senhor é o felizardo do sorteio da Ducal. Estão aqui as suas duas cadeiras cativas do Maracanã.

Na foto do jornal, no dia seguinte, saiu com cara de besta. Só ele sabe porque.

14

Quando a Câmara Federal reabriu, em março de 1970, senadores e deputados foram ao Alvorada para uma visita de cortesia ao presidente Medici. Chagas Freitas, então deputado, foi apresentado pela primeira vez ao Presidente, que lhe disse:

— Deputado, preciso conversar com o senhor. Depois o chamarei.

Chagas ficou pálido como uma vela de óculos. Puxou pelo braço o deputado Rubem Medina (MDB da Guanabara) e um deputado da ARENA de São Paulo, que tinham ouvido a conversa, e lhes perguntou, todo perturbado:

— Vocês imaginam o que seja?

— A sucessão carioca, evidentemente — disse Medina.

Mas o deputado paulista resolveu fazer uma brincadeira com Chagas:

— Não é nada disso e eu estou bem informado. Sua situação não está boa. Não quer dizer que você vai ser cassado. A ARENA do Rio já foi avisada de que em hipótese alguma o governador será você. Problemas de organização do diretório, excessivo controle do partido. O presidente não quer uma solução tipo PSP para a Guanabara.

Chagas saiu do Alvorada em pânico. No dia seguinte, voltou para o Rio e chamou seu *staff* para uma reunião em casa: Erasmo Martins Pedro, Waldomiro Teixeira, Rossini Lopes, presidente da Assembléia da Guanabara, e outros. Contou a história e suspirou, olhando para o teto, por cima do aro dos óculos:

— Preciso tomar providência urgente. Já tinham me avisado que, se eu não fizer trabalhos seguros, o azar superará as possibilidades. Só uma força superior para enfrentar os "serviços" que estão fazendo contra mim.

Erasmo, evangélico, sorriu mole e não disse nada. Rossini resolveu o problema:

— Sou "cambono" (acólito, coroinha, ajudante de sessões de Umbanda) de "Seu 7 da Lira". Dona Cacilda sabe de tudo e tem força para desmanchar qualquer situação ruim.

Saíram, Chagas entrou no Galaxie n.º 2 da Assembléia Legislativa (chapa oficial azul e branco, do presidente Rossini) e tocaram para o terreiro de "Seu 7", em Santíssimo. A comitiva tinha oito carros, os demais particulares.

Chegaram exatamente à meia noite e trinta, no meio da sessão. Chagas ficou no carro, Rossini entrou sozinho, falou com Dona Cacilda. Ela interrompeu a sessão, recebeu Chagas reservadamente, para ele não ser visto pela gente toda que estava lá. "Seu 7" fez uma cara de horror:

— A situação é negra. Há muita gente convocando espíritos maus contra o senhor. Preciso fazer, e fazer logo, um trabalho pesado com 3 bodes pretos. Cabra nem carneiro não servem. Só bode.

Onde encontrar, naquela hora, 3 bodes pretos?

Os 9 carros saíram em direção a Campo Grande. Pararam à beira da estrada, cabra tinha muita, mas bode nenhum. Chagas ficou com Erasmo dentro do Galaxie oficial e Rossini saiu comandando o pelotão dos caçadores de bode preto, todos agachados dentro do mato. De repente, dentro da noite, vinda lá do matagal, ouviu-se a voz de comando de Rossini, gritando como um possesso:

— Vamos berrar que eles aparecem! Todo mundo berrando!

E começaram todos a berrar:

— Bééé é, Bé é é é, B é é é.

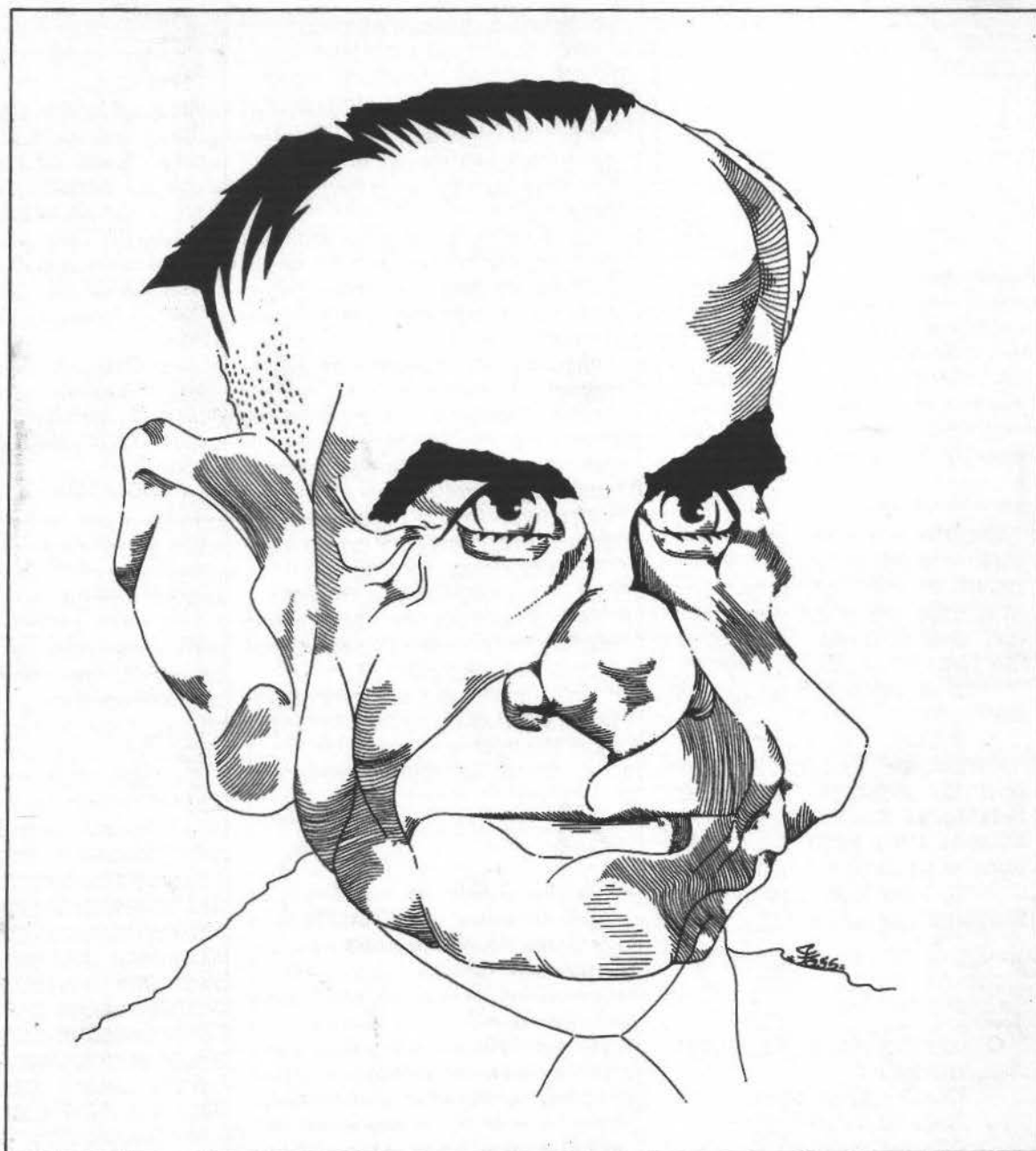
Pelo berro ou pela sorte, às 4 da manhã três bodes pretos tinham sido capturados entre Santíssimo e Campo Grande. Chagas, aflito, suava como um cão de caça. E Erasmo, todo encabulado, pensava certamente na palavra de Deus, sagrada na Bíblia, que desde o Antigo Testamento proibiu adorar bodes e bezerros, mesmo quando de ouro.

Voltaram. "Seu 7" abriu os três bodes a facão, pegou as vísceras e passou, ensangüentadas, no corpo inteiro de Chagas, da cabeça aos pés. A roupa branca de Chagas parecia véu de Verônica. Foi um banho de sangue.

Um ano depois, Chagas tomava posse no governo da Guanabara. Nunca mais sobrou um bode entre Santíssimo e Campo Grande.

Dinarte Mariz

RIO GRANDE DO NORTE

1

Dinarte Mariz andava zangado com o senador Manoel Vilaça, depois seu amigo, aliás muito amigo. Em um grupo de jornalistas, analisava os políticos do Rio Grande do Norte.

— E o Manoel Vilaça, senador?

— É meio para a esquerda.

— Esquerda, como? Na juventude foi comunista, quando estudante no Recife. Mas isso há 35 anos atrás. Hoje, é um democrata e senador da ARENA.

— É, meu filho, mas sempre fica qualquer coisa.

2

O correligionário de Dinarte chegou ao Rio:

— Como vão as coisas lá?

— Tudo bem, senador.

— Alguma novidade?

— Não. Só que o Chico, cabo eleitoral do Aluísio, deu para beber muito.

— Não fala nada não. Não diz a ninguém. Deixa ele viciar.

3

Irineu Joffily, juiz austero e durão, foi o primeiro interventor da Revolução de 30 no Estado. Era uma parada. Não fazia concessões.

Uma noite, a patrulha do Exército provocou tiroteio na zona boêmia de Natal. O interventor chamou o secretário, Confúcio Barbalho, e ditou um ofício indignado ao comando do Regimento. O comando ficou melindrado, reuniu-se e mandou uma comissão ao palácio. Devolvia o ofício e pedia outro em termos mais corteses.

Irineu Joffily os recebeu, mandou sentar, chamou o secretário:

— Confúcio, vem cá.

— Pois não, doutor Irineu.

— Lê aí, em voz alta, esse ofício que eu mandei para o comando do Regimento.

Confúcio leu. O interventor pôs os óculos, olhou um a um bem devagar e disse apenas:

— *Corta* Cordiais Saudações.

4

Irineu Joffily foi visitar o Colégio Estadual. O diretor pôs a garotada de bandeirinha na mão, gritando:

— Viva doutor Irineu! Viva doutor Irineu!

Doutor Irineu correu o colégio, despediu-se do diretor, foi para o palácio, chamou o secretário:

— Confúcio, prepara um ato demitindo o diretor do Colégio Estadual.

— Por que, doutor Irineu?

— Ele está ensinando, muito cedo, aqueles meninos a bajularem autoridade.

5

Kerginaldo Cavalcanti era senador e nacionalista da primeira hora. Assis Chateaubriand chegou ao Senado, começou a dar *show* de entreguismo. E o chamava de *"senador tupiniquim"*. Kerginaldo não lhe dava trégua. Uma tarde, Marcondes Filho, líder da maioria, procurou Kerginaldo:

— Deixe o doutor Assis em paz. Afinal de contas, ele é um grande jornalista e você não o deixa falar sossegado. Aparteia toda hora.

— Ora, Marcondes, o Chateubriand tem jornais, tem rádios, tem televisões. Quando ele fala, no outro dia o discurso sai na íntegra, com aparte e tudo. Eu não tenho jornal, não tenho rádio, não tenho TV. Minha jogada é descer de paraquedas nos discursos dele.

Raimundo Soares foi prefeito de Mossoró e deputado federal. Governador não foi, porque não quis. Teria sido candidato único.

Em 1960, ia saindo de um restaurante em Copacabana com o senador Dix-Huit Rosado e o ministro interino da Saúde (ministério parlamentarista) Manoel Vilaça, depois senador. Na porta meio escura, um homem o pára, olha cuidadosamente e se desculpa:

— O senhor escapou de morrer. Pensei que era o Lacerda e ia lhe dar um tiro.

Dix-Huit agarrou o homem pelo braço:

— Se errasse o tiro, eu não erraria.

Manoel Vilaça quis brigar. Raimundo Soares puxou-o:

— Não faça isso. Você é ministro.

— Já briguei como menino, como estudante e como candidato. Queria brigar como ministro para ver como é.

Não viu. E Raimundo Soares foi ver no espelho se parecia mesmo com Lacerda. Parecia.

7

Alcântara era contínuo do palácio do governo do Rio Grande do Norte. Afonso Pena, presidente da República, ia visitar o Estado. Alcântara pediu para fazer parte da comitiva oficial que ia esperar o presidente na estação ferroviária de Nova Cruz, fronteira da Paraíba com o Rio Grande do Norte.

O governador deixou. Mas o secretário do governador achou um absurdo. Onde se viu contínuo esperando presidente? Chamou o Alcântara:

— O governador deixou, você vai. Mas antes do trem chegar na estação, você salta no triângulo. *(Triângulo é o ponto de manobra dos trens, na entrada das estações).*

O trem do governador chegou na frente. Alcântara saltou no triângulo. Daí a pouco o trem do presidente entra no triângulo para fazer manobra. Alcântara sobe, vai entrando, dá com o presidente, é o primeiro habitante do Estado a dar as boas-vindas a Sua Excelência. E vai mostrando a cidade da janela.

Quando o trem do presidente chega à estação, o governador, o secretário do governador, os *puxa-sacos* do governador, todos levam o maior susto. É Alcântara que aparece na porta, ao lado do presidente, apresentando-o às autoridades estaduais.

Seguem para Natal. Cansado, o presidente chega ao palácio e pede logo um banho. De repente, abre a porta do banheiro, mete a cabeça:

— Onde está o Alcântara?

Alcântara aparece, entra, sai. Ninguém entendia mais nada. E Alcântara sendo chamado, e Alcântara atendendo.

No dia da partida, à beira do cais (o presidente voltou de navio), Afonso Pena chama Alcântara, dá-lhe um abraço e lhe fala alguma coisa ao ouvido. Alcântara sorriu, saiu, não disse nada a ninguém.

Um mês depois, o *Diário Oficial* publicava um ato de Afonso Pena nomeando Alcântara administrador do Porto de Santos. Foi um escândalo no Rio Grande do Norte.

É que no bolso do paletó, tamanho portátil, Alcântara carregava uma garrafinha de conhaque francês. E Afonso Pena era maluco por um golinho de conhaque francês.

8

José Augusto Bezerra de Menezes era o presidente do Estado. (Na República Velha, não era nem governador, como depois de 30, nem interventor, como nas ditaduras. Era presidente mesmo). *Apresentou ao presidente Afonso Pena o capitão Quincó, ajudante-de-ordens, que ficaria à sua disposição. E fez os maiores elogios ao capitão, de corpo presente. Quincó ficou tão encabulado que disse a Afonso Pena:*

— Qual o que, Presidente. Eu sou é um merda.

José Augusto foi sinônimo de Rio Grande do Norte, como Rui Barbosa foi sinônimo de Bahia. Deputado estadual em 1913, deputado federal em 1915, governador em 1924, senador em 1929, novamente deputado federal em 1935 e 1945, vice-presidente da Câmara Federal em 1947.

Em 1937, na didatura, ficou na resistência. E foi escrever livros de política, direito e educação. Convidaram-no para presidente do Conselho Consultivo de um grande grupo econômico. Meses depois, reunião de diretoria. Como sempre acontece nas ditaduras, alguém começou a desancar os políticos. Todos os males nacionais eram culpa da corrupção e incompetência dos políticos. O velho José Augusto interrompeu:

— Um momento. Passei 40 anos na vida pública e vi muita coisa. Mas nesses seis meses aqui já vi muito mais.

10

Agnelo Alves era prefeito de Natal. Criou uma guarda para a Prefeitura: recrutas da PM, vindos do interior. Ensinaram aos rapazes que para gente mais importante a saudação era apresentação de armas e para gente menos importante só continência.

Apareceu um homem alto, cabelos avermelhados, caças curtas, medalhas no peito, alamares, para visitar o prefeito. Os guardas ficaram embasbacados. Fazer o quê? Apresentar armas? Continência? O chefe do grupo resolveu o problema: ajoelhou-se e beijou a mão do estranho homem.

Era o comandante internacional dos Escoteiros.

11

O deputado do Rio Grande do Norte desceu no aeroporto Santos Dumont, pegou um táxi:

— Hotel Zero Quilômetro.

— Zero Quilômetro? Não tem esse hotel não.

— Tem, sim. Em frente ao Hotel Ambassador.

— Ah, Hotel OK. Senador Dantas, não é?

— Não, senhor. Deputado Antônio Bilu, de Natal.

12

Sete vezes o presidente Castelo Branco chamou o deputado Djalma Marinho ao Palácio do Planalto, para falar sobre a Constituição de 1967. Djalma conversava, discutia, saia. Um dia, Castelo se abriu:

— Deputado, o senhor nunca me falou da politica de seu Estado. O que é que há por lá?

— Ora, presidente, o Rio Grande do Norte é um gesto, uma cor e uma canção. Os amigos de Dinarte Mariz abrem os dedos em V, os de Aluisio Alves levantam o polegar. Dinarte tem o vermelho, Aluisio o verde. Dinarte tem um hino, Aluisio outro. Não é uma politica, é uma emoção.

A morte andou cruel com o Estado, em 71. José Augusto Bezerra de Medeiros, Walfredo Gurgel, Manoel Vilaça, Severino Bezerra, José Carvalho, José Ariston. Tudo gente ilustre. Cada mês, um. Um dia, chega ao Rio mais uma noticia: a morte de Roberto Freire, jovem e industrial. Djalma Marinho, que sofre de um problema cardiaco crônico, soube depois do almoço, passou mal, foi levado às pressas para o Prontocor.

No caminho, dentro do táxi, os amigos aflitos, um deles, major Eronildes, os olhos úmidos, pergunta com a maior cara dura:

— Djalma, quem é seu suplente?

13

Em 1929, apareceu pela Bahia um jovem de cara redonda e cabeça chata. Viveu em Campo Formoso, Itabuna, Ilhéus. Chamava-se Senilson Pessoa Cavalcânti. Mas era apenas um nome de guerra. O nome verdadeiro era João Café Filho, que fugiu do Rio Grande do Norte por haver liderado uma greve.

Já em 1923, Café Filho vivera em Bezerros, Pernambuco, onde fundou o *Correio de Bezerros*, que só circulou poucas vezes. Em setembro de 1954, o *Correio de Bezerros* voltou com uma edição especial. Na primeira página, uma nota bem destacada:

— Tendo assumido a Presidência da República, afasta-se temporariamente da direção deste jornal o nosso companheiro João Café Filho.

14

Lampião passou por Mossoró, teve um choque com tropas do Exército. Na cidade, ferido, ficou um cabo com seu fuzil.

Aparece uma onça e começa a comer os bezerros na região. O prefeito foi ao cabo, já recuperado:

— Precisamos de sua ajuda. A onça está fazendo muito estrago nas criações. Só um fuzil para matar.

— Pois não, prefeito. Essa onça morre já.

— Ótimo, porque ela já matou dois caçadores.

— Como?

— Matou dois que tentaram derrubá-la de espingarda.

O cabo ficou pensando, olhando para cima:

— Bem, seu prefeito. Só tem um problema. Eu sou do Exército Brasileiro. Sou federal. Preciso saber primeiro se essa onça é federal ou estadual. Não quero conflito entre os dois governos.

E a onça municipal continuou a comer bezerros.

Ademar de Barros

SÃO PAULO

1

Ademar de Barros recebeu a notícia da cassação pelo general Kruel, comandante do II Exército. No Palácio do Morumbi, a confusão foi total. Ninguém sabia o que o derrubado governador ia fazer.

Convocou uma reunião do secretariado, chamou os amigos mais próximos e todos se encaminharam para o salão de despachos. Corria um frio suor coletivo. Na cabeceira da mesa, calado, olhar duro, Ademar esperou que todos se sentassem. Olhou para um lado, para o outro, conferiu um por um:

— Agradeço comovido a solidariedade de vocês. Sabem que o Castelo me cassou. Vocês são meus amigos e eu conto com vocês. Quero que me respondam com toda a franqueza. Da resposta de vocês talvez dependa o destino que será dado à minha vida. De que é que eu devo ir embora? De avião ou de navio?

Foi de avião. E de peruca marrom.

2

Fidel Castro esteve no Rio, Vasco Leitão da Cunha lhe ofereceu um banquete. Estava lá todo o *society* carioca, deslumbrado com o charuto enorme e a engomada farda de Fidel. De repente, aproxima-se dele um homem gordo e vermelho:

— Senhor primeiro-ministro, só não lhe perdôo os fuzilamentos em Cuba.

— Pois posso assegurar ao senhor que só fuzilei ladrões dos dinheiros públicos e *caftens*.

O homem gordo e vermelho ficou ainda mais vermelho. Era Ademar.

3

Porfírio da Paz, chefe da torcida organizada do São Paulo F u t e b o l Clube, *inaugurou no* B r a s i l *o faturamento político do futebol. Conseguiu levar Leonidas do Rio para lá e virou herói popular, de prestígio e voto. Foi vice-prefeito, vice-governador. E teve com o presidente Café Filho um diálogo famoso, depois atribuído a Laudo Natel. Na verdade foi ele, quando assumiu o governo paulista por alguns dias, durante viagem de Jânio, e veio ao Rio:*

— Como vai São Paulo, governador?

— Vai mal, presidente. Perdeu o último jogo.

— Não é o time não, governador. É o Estado que eu pergunto.

— Ah, o estádio? Ainda não ficou pronto, mas vamos terminar.

— Refiro-me ao Estado de São Paulo, governador. Como está indo?

— Ah, sim, presidente. Agora entendi. Não leio esse jornal. A seção esportiva é muito fraca.

4

Vice-prefeito, assumiu a prefeitura. Franco Montoro entrou no gabinete e encontrou uma porção de gente sentada nas cadeiras e sofás em frente à mesa de Porfírio.

— Desculpe, prefeito. Não sabia que estava atendendo. Volto depois.

— Não, Montoro, pode ficar. Esses são meus parentes, que vieram me ver trabalhar como prefeito. São só dois dias, eles estão aproveitando.

5

No palanque, Porfírio era terrível. Industrializou a devoção a Nossa Senhora Aparecida. Ganhava eleição pedindo voto em nome de minha madrinha Nossa Senhora Aparecida. *Um dia fez a grande revelação:*

— Eu posso dizer que sou um patriota. Sou filho de um homem que é o único brasileiro que está em um hino da Pátria.

E começou a cantar: "Salve lindo pendão da esperança, salve símbolo augusto da paz".

O pai de Porfírio chamava-se Augusto da Paz.

Salomão Jorge reuniu a imprensa:

— Q u e r o comunicar a São Paulo que rompi com o governador Ademar de Barros.

— Por que, deputado?

— O Ademar fez chover ouro no quintal do Maia Lelo (presidente do Banco do Estado); fez chover ouro no quintal do Paulo Lauro (prefeito de São Paulo); fez chover ouro no quintal do Arnaldo Cerdeira.

— E o que foi que o governador fez com o senhor?

— No meu quintal ele abriu o guarda-chuva.

7

Salomão Jorge foi, durante muitos anos, secretário de Agripino Grieco. Quando o crítico percorria o país fazendo conferências e distribuindo ironias, Salomão Jorge é quem arranjava auditório, arrumava as cadeiras, cobrava ingresso.

Depois, Salomão virou deputado em São Paulo, amigo de Ademar, ficou rico, muito rico. Grieco foi passar férias na casa dele, Salomão queria explicar a fortuna:

— Veja, seu Agripino, Deus afinal olhou para mim. Você não acha?

— Não acho não, Salomão. Eu acho até que ele fechou os olhos.

8

Oscar Pedroso Horta foi advogado de Ademar de Barros quando ele fugiu para a Bolívia corrido pelos processos de Jânio. A coisa acabou no Supremo Tribunal, com a absolvição de Ademar.

A volta foi apoteótica. Ademar desceu em Congonhas nos braços dos correligionários. Pedroso, que o havia absolvido, nem conseguiu chegar perto. O cortejo seguiu para a Catedral. Ademar entrou, subiu até o altar e sentou-se no trono do cardeal. Dom Carlos Carmelo saiu da sacristia, encontrou seu lugar ocupado, voltou. E Ademar muito gordo e muito vermelho escarrapachado na cadeira como um arcebispo medieval.

No dia seguinte, entra Ademar na casa de Pedroso:

— Meu caro, vim agradecer-lhe tudo que você fez por mim. Devo-lhe minha liberdade, a alegria desta volta. Sei que jamais terei como pagar-lhe.

— Tem, sim, Ademar. Depois que os fenícios inventaram a moeda, acabou o problema de os amigos pagarem favores uns aos outros.

9

Uma comissão de senadores e deputados brasileiros estava viajando pela França. Plínio Salgado, Nélson Carneiro, Adolfo de Oliveira Franco, outros.

Houve recepção à delegação brasileira, em Marselha. Além dos parlamentares, também presentes dois jornalistas cariocas. Conhaque, champanha, vinhos, canapés. Um fim de tarde ameno.

Encerrados os *drinks*, passaram todos para um salão de conversas. De repente, percebeu-se a ausência do deputado Plínio Salgado. Procura-se, procura-se, foi encontrado no salão de *drinks*, inteiramente embriagado, bebendo os restos de todos os copos da ampla mesa vazia.

Ele não é só o bebedor de democracia.

10

Herbert Levy, deputado da UDN, não foi convidado para o banquete da posse de Juscelino, no Itamarati. Ficou de água na boca, subiu à tribuna da Câmara Federal e denunciou "o regabofe presidencial, com faisões e outras iguárias (e pronunciava com um bruto acento agudo no primeiro a).

Martins Rodrigues, cearense discreto, pediu aparte:

— Nobre deputado, estive no banquete e só vi lá comida brasileira, bem brasileira, nossas conhecidas iguarías. (E carregou o acento no último i).

A Câmara veio abaixo numa gargalhada. Nunca mais o Levy se meteu a cronista culinário.

11

Era outubro de 1960, San Diego, Califórnia, Estados Unidos. Congresso Internacional de Municípios. O Brasil tinha mandado uma delegação de dois aviões cheinhos.

No dia do encerramento, Eisenhower avisou que viria de Washington presidir a sessão solene. A cidade ficou enfeitada e o velhinho, muito simpático, abanou a mão para a americanada toda, muito branca, acenando dos passeios. Também tinha menino de escola com bandeirinha, xingando de ódio na homenagem espontânea, tudo muito igual, bem igualzinho. O clichê é internacional.

A delegação brasileira se reuniu para escolher o orador. Ia ser Rui Ramos, deputado gaúcho do PTB, a cabeleira toda branca descendo ipanemamente pelo pescoço. Mas Aniz Badra, deputado do PDC de São Paulo, começou a brigar. Afinal, Ruy já falara na abertura. Tinha que ser ele. Concordaram. Quando chegou a hora, Aniz Badra, tremendo de nervoso, começou o discurso:

— "Exmo. Senhor General Dweit David Eisenhower, digníssimo presidente dos Estados Unidos do Brasil".

O salão explodiu numa gargalhada. O velho presidente ficou vermelho, ficou vermelhíssimo e caiu também na gargalhada.

12

Em dezembro de 1929, Getúlio Vargas, presidente do Rio Grande do Sul, veio ao Rio ler sua plataforma de candidato à presidência da República.

Depois da solenidade, foi jantar no Hotel Glória. Estavam lá João Neves de Fontoura, Batista Luzardo, outros. Entra o deputado Auler Defreitas com um paulista jovem, magro, moreno, que acabava de chegar de Paris e apresenta-o a Getúlio.

— Presidente, sou um estudioso de quiromancia e queria ver a mão de V. Exa.

— Mas eu não acredito.

— Exa., a quiromancia é uma ciência, que estudei na Europa. Os senhores, que estão iniciando esta luta política, devem aproveitar a experiência da quiromancia como mais um instrumento de ajuda para encontrar os melhores caminhos para o País.

Getúlio concordou. O rapaz magro e moreno olhou a mão de Vargas e arregalou os olhos:

— Presidente, estou vendo candelabros em sua mão. Só tinha visto isto na mão de Clemenceau. Mas um só. Na mão de V. Exa. estou vendo quatro. V. Exa. não chegará ao poder pelo voto, mas pelas armas. Terá 3 lustros (15 anos) de poder, com as luzes dos candelabros ameaçando apagar-se várias vezes, até que enfim se apagam. Mas logo depois há novo brilho, os candelabros de novo se acendem, para, afinal, sumirem definitivamente nas sombras.

Getúlio achou graça, João Neves e Batista Luzardo riram muito, o rapaz magro e moreno foi-se embora. Não aconteceu outra coisa.

O nome do rapaz era Sana Khan.

Em 1943, um estudante magricela de olho esbugalhado saia do escritório do advogado Vicente Rao, ex-ministro da Justiça de Getúlio Vargas. Na porta, encontra-se com um senhor magro e moreno que chegava. Apresentados, começaram a conversar e foram até a sala de Vicente Rao. O senhor magro e moreno pediu para ver a mão do estudante magricela de olho esbugalhado:

— O que é que você faz?

— Estudo Direito e ensino Português.

— Você vai ser político. Vereador, deputado, prefeito, governador, presidente da República, em pouco tempo. Sai da presidência e a ela volta depois para ser assassinado.

O estudante magricela e olho esbugalhado chamava-se Jânio Quadros. O senhor magro e moreno, Sana Khan.

13

Noite de 18 de setembro de 1937. No Palácio Piratini, em Porto Alegre, Flores da Cunha, governador, recebia o comando nacional da candidatura Armando Sales de Oliveira à Presidência da República. Presentes o próprio Armando Sales, Otávio Mangabeira, senadores, deputados e o então jornalista Nelson Carneiro.

Abre-se uma porta do salão e entra o diretor do *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, Frederico Barata, amigo de Flores, cantando a marchinha de sucesso do carnaval daquele ano:

Tem uma coisinha boa
que parece à toa
mas que é muito boa

E dá a notícia da retirada da candidatura de José Américo de Almeida, candidato de Getúlio à presidência da República, contra Armando Sales. Otávio Mangabeira, que tinha 200 anos de experiência e sabedoria política, enrolou a língua na boca, como sempre:

— Armando, esta notícia não é a favor de você. É contra. Esta retirada significa também a derrubada de sua candidatura.

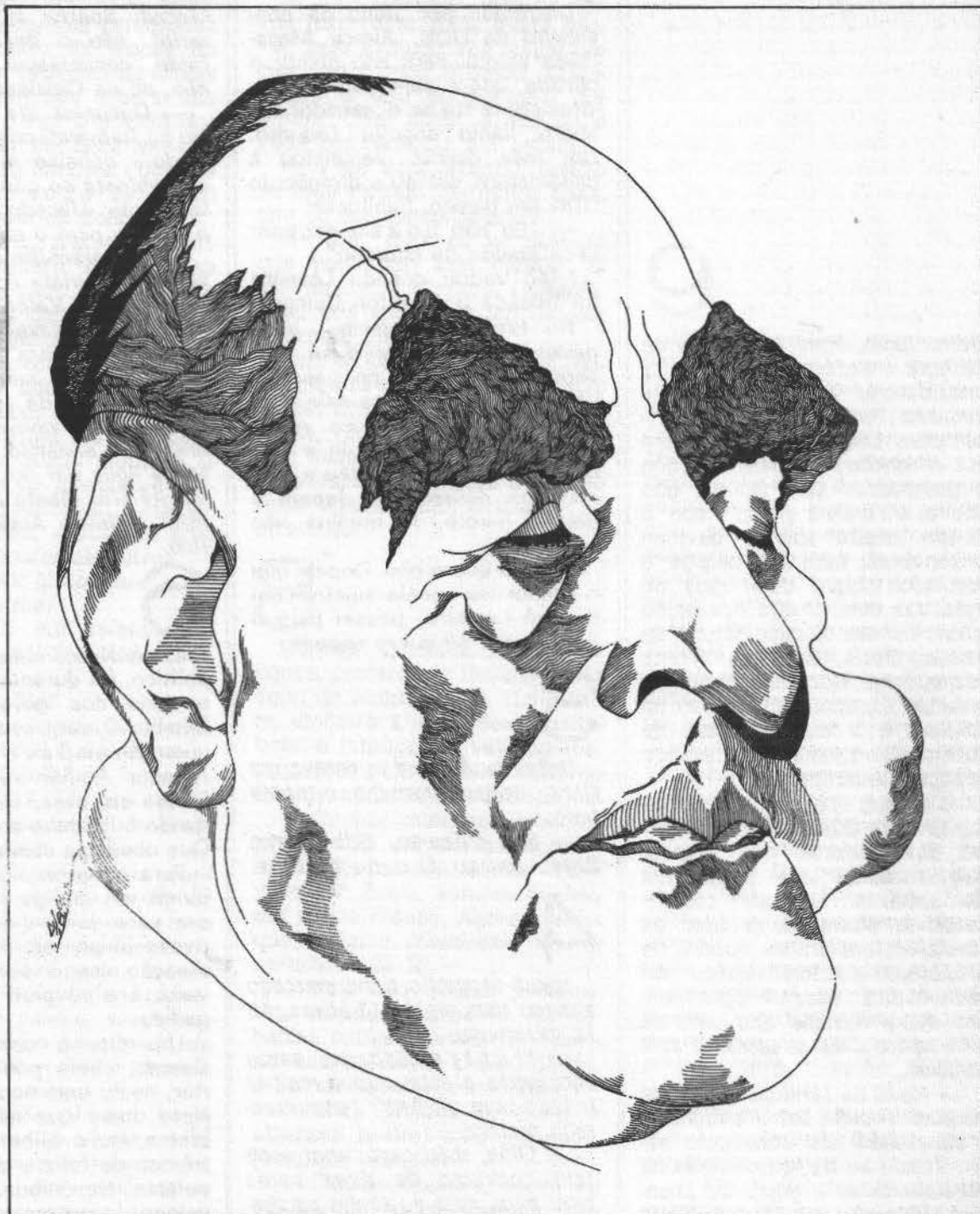
No dia 10 de novembro, sabia-se que Otávio Mangabeira tinha razão.

14

São Paulo, 1932. A cidade estava agitada, na antevéspera da deflagração do movimento contra Getúlio. Um dos ativistas era Paulo Duarte, cujos amigos a polícia foi prendendo, na esperança de — através deles — chegar à toca da caça grande. Durante duas semanas, diariamente, os rapazes foram submetidos a longos interrogatórios.

Havia um manifesto explosivo circulando na praça e as autoridades estavam empenhadas em obter dos seus prisioneiros a confissão de que havia sido escrito por Paulo Duarte. Um dos presos vê o delegado com um jornal de informações comerciais e lê que um título dele tinha sido protestado. Resolveu, então, confessar.

— Doutor, quem escreveu o manifesto foi fulano.

E deu o nome do credor. Que levou um mês inteiro para provar que não era elefante.

Leandro Maciel

SERGIPE

1

Eleito Jânio, José Aparecido de Oliveira c o m e ç o u a articular candidaturas a governador nos Estados. Foi a Sergipe conversar com Leandro Maciel. Leandro o recebeu no palácio, onde o governador Luís Garcia, que não m a n d a v a nada, ficou o tempo inteiro apenas ouvindo a conversa, sem dar palpite e servindo uísque com água de coco aos dois. O que Aparecido q u e r i a era a candidatura de Seixas Dória, líder da Frente Parlamentar Nacionalista, deputado de excepcional atuação na Câmara e a melhor figura da política sergipana. Foi levando o papo mineiramente:

— Doutor Leandro, o presidente Jânio Quadros vai precisar de governadores que apoiem decididamente sua plataforma de governo. Homens competentes e honrados, capazes de formarem um grande quadro de eficientes administradores em todo o país. Sergipe deve pensar numa fórmula alta para as e l e i ç õ e s de governador que virão aí.

— Nada de fórmula alta. Quero uma fórmula baixa e digna.

Aparecido não conseguiu nada. Voltou ao hotel pensando na fórmula *baixa e digna* de Leandro. O jornalista Austregésilo Pôrto decifrou:

— Ora, Aparecido, o Leandro só quer é ele mesmo. Mas fórmula baixa e digna em Sergipe é o Seixas: é baixo e muito digno.

Vieram as eleições. Baixo e digno, Seixas derrotou o alto Leandro com a mais espetacular votação que houve em Sergipe.

2

Derrotado por Jânio na convenção da UDN, Juracy Magalhães exigiu, para não dividir o partido, que o candidato a vice-presidente fosse o senador Leandro. Jânio engoliu Leandro. Um mês depois, renunciou à candidatura, deixou a direção da UDN em pânico. Explicava:

— "Eu não p o s s o carregar esse ataúde de chumbo".

E só voltou quando Leandro foi trocado por Milton Campos.

No fim da campanha, Jânio passou por Aracaju e se hospedou exatamente na casa de Leandro. Apareceu na sala uma garotinha de cinco anos, muito viva, Ana Zulmira. Jânio a suspendeu nos braços, tirou a vassourinha dourada da lapela e deu à garota. A menina não aceitou:

— Não quero não. Depois que o senhor fez aquela sujeira com o vovô Leandro, passei para o Lott. Agora só quero espada.

3

Gilberto A m a d o estava na ONU. Perguntaram-lhe o nome todo:

— Sou Gilberto. Gilberto no Brasil sou eu. O outro é Freire.

4

Josué Montello tinha marcado almoço com ele às 13 horas. Às 12, telefonou:

— M e s t r e Gilberto, estou aqui perto e acho que é melhor ir logo para aí. Assim conversamos melhor.

— Olhe, meu caro, nem você tem conversa de duas horas para mim, nem eu tenho paciência de duas horas para você.

Não houve o almoço.

5

E m b a i x a d o r do Brasil no Chile, criou um problema diplomático, teve que sair. Perguntaram-lhe porque:

— O país é muito bom. Mas não tem calado para Gilberto Amado.

Voltou do Chile, ficou no Rio em disponibilidade, sem posto. Macedo Soares, ministro do Exterior, não o designava. Uma tarde, conversava no Amarelinho, ali na Cinelândia:

— Qualquer dia desses, entro no Itamarati com uma metralhadora debaixo do braço, vou ao gabinete do ministro e tatata tatatatata: *Macedo para um lado e Soares para o outro.*

Perguntaram-lhe o que devia fazer um turista no Chile:

— Ir para Valparaíso. É magnífico. Eu chegava lá, pegava um apartamento para reis e príncipes, saía às seis da manhã acompanhado de meu vallet de chambre, *deixava-o de pé na praia e ia andando mar adentro, até a água dar no pescoço. Era um infinito diante de outro infinito: Gilberto Amado e o Pacífico.*

6

Leite Neto, senador e chefe político, foi durante muitos anos o dono dos governadores do Estado. O cara sentava lá, mas quem m a n d a v a era ele. Um Amador Aguiar sem Bradesco. Ficava em casa, tranqüilo, mandando bilhetinho ao governador. Que obedecia caninamente.

Para evitar equívocos, combinou um código: o bilhete só era para valer q u a n d o os *ii* tivessem pontos. Pedido de nomeação com *i* sem ponto não valia. Era só para se livrar do pedido.

Um dia, o coronel Acrísio Garcez, chefe político do interior, pediu uma nomeação. Leite Neto disse que não havia problema, fez o bilhete. O coronel tremeu de feliz e correu pára o palácio. No ônibus, abriu o envelope, levou um susto:

— Mas que coisa! O doutor Leite, senador, um homem tão sabido, escreve sem pôr os pontos nos *ii!*

Tirou a caneta do bolso, pingou os pontinhos com cuidado, consertou tudo e entregou. O governador mandou nomear na hora.

Leite Neto trocou de código.

7

31 de março de 1964. Meia-noite. O Palácio das Laranjeiras é um pesadelo. As tropas de Mourão Filho avançam de Minas e João Goulart não sabe o que fazer. C h e g a m o governador Seixas Dória, de Sergipe, e o ministro Oswaldo Lima Filho, da Agricultura. J a n g o se tranca numa sala com os dois:

— S e i x a s, preciso de um favor teu. Quero que pegues amanhã bem cedo um avião da FAB e sigas para o Nordeste colhendo assinaturas em um manifesto dos governadores que tu redigirás, em apoio a mim. Acabei de falar com o Lomanto pelo telefone. Ele me leu um manifesto de que gostei muito, e já mandou para os jornais de Salvador, que publicarão amanhã. Passa na Bahia, articula-te com ele e vai procurar os outros.

— O senhor já conhece a posição dos outros?

— T o d o s me telefonaram hipotecando solidariedade integral.

— E o Virgílio?

— Virgílio não tem problema. É meu compadre duas vezes.

— E o Petrônio?

— Petrônio é f i r m e. É um homem de esquerda, tem me estimulado muito.

Manhã cedo de 1.º de abril Seixas embarcou no avião da FAB. O governador L o m a n t o Júnior, que tinha combinado ir recebê-lo no aeroporto, lá não estava. No Palácio da Aclamação, cara de pânico, assombrado como menino com medo de lobisomem, L o m a n t o chamou Seixas a um canto:

— A situação v i r o u. Jango fugiu para Brasília, Arraes está preso, perdemos a parada. Eu, que tinha feito um manifesto de apoio a Jango ontem à noite, e que o "Jornal da Bahia", que é matutino, chegou a publicar, já assinei outro hoje de manhã e mandei para "A Tarde", que é vespertino, divulgar. E a televisão e as rádios também. Este segundo está bom, como eles querem. Vou te dar uma cópia, para você chegar em Sergipe e lançar lá, que é batata. Aliás, foi redigido no comando da Região. Você pode ficar tranqüilo. É só assinar, está seguro.

— Sim, Lomanto, mas eu não vou fazer uma coisa desta não. Vou para Aracaju, vou lançar um manifesto, mas dizendo exatamente o que eu pensava até ontem. Quer dizer, o que eu e você pensávamos até ontem.

— Você está dizendo, dentro de meu Palácio, de minha casa, que eu não tenho caráter?

— Não. Não estou dizendo que você não tem caráter. O que eu estou dizendo, Lomanto, é só que você tem um caráter diferente do meu.

Seixas foi para Aracaju, leu o manifesto, saiu do Palácio preso. Lomanto foi ao Jornal da Bahia, *recolheu metade da edição, mandou queimar o primeiro manifesto, voltou para o Palácio feliz. Apenas um problema de diferença.*

8

Coronel Euclides Pais Mendonça, prefeito de Itabaiana, era dono de meio Estado. Tinha terra, dinheiro e voto. Semi-analfabeto e inteligente, veio ao Rio, procurou o brigadeiro Eduardo Gomes, ministro da Aeronáutica:

— Senhor ministro, Itabaiana precisa de um aeroporto. Sou da UDN, fui seu eleitor duas vezes. V. Excia. sempre ganhou em minha cidade. Agora, queria que V. Excia. mandasse fazer o aeroporto de lá.

— Pois não, senhor prefeito. Vou estudar o assunto. Se Itabaiana estiver dentro de nossas normas e houver possibilidade, o aeroporto será construído.

Coronel *Oclides* (o povo o chamava assim) saiu desolado. Procurou Leandro:

— Doutor Leandro, agora eu sei porque aquele caboclo não ganha eleição. Político que precisa de possibilidade para servir aos amigos não ganha eleição.

9

Joel S i l v e i r a, nos tempos de Diretrizes, *era um repórter terrível. Conquistou logo a fama de maior repórter do país, porque tratava as coisas cruamente, sem medo e sem piedade. Começou uma série de reportagens sobre velhos dirigentes políticos, gente de antigamente. E acabava s e m p r e dando umas bordoadas nos c o i t a d o s, que saiam sempre mal nas matérias.*

Um dia, foi procurar o velho Antônio Carlos de Andrada, que, depois de governar Minas e presidir a Câmara dos Deputados, foi ser presidente do Banco Lar Brasileiro, durante a ditadura de Vargas. Mal entrou, Joel levou um susto. O velho Andrada começou a falar de Sergipe, do pai dele, dos amigos dele, da geração dele. D e p o i s perguntou como iam os livros de Joel, citou um a um, fez comentários, elogiou as crônicas da FEB, na Itália. Joel ficou encantado, fez a entrevista e, na semana seguinte, Diretrizes *publicava uma reportagem de Joel, muito simpática, sobre o velho Antônio Carlos.*

Um a m i g o, surpreso, perguntou a Antônio Carlos como conseguiu aquilo:

— Muito simples. Passarinho que não pode fugir de cobra fica voando em volta. Eu dei um vôo em torno dele, dos livros dele, ele amansou. Jeito, foi só jeito.

10

Naquela época, Carlos Lacerda escrevia na Revista Acadêmica *e Joel em* Diretrizes. *Um dia, Lacerda fez uma proposta a Joel:*

— Está tudo muito parado, tudo muito morno nesta ditadura aí. Vamos procurar um assunto e agitar o ambiente. Escolher um figurão, um ataca e outro defende. Dá certo.

— Ótimo, Carlos. Quem?

— O Portinari, por exemplo. Está na crista da onda, com um prestígio enorme e uma obra muito importante. Você escreve um artigo metendo o pau nele, depois eu defendo.

— Está bem, C a r l o s, mas vamos fazer o contrário. Você ataca o Portinari que eu defendo.

A imprensa continuou morna.

11

Osvaldo Peralva era dirigente do Partido Comunista, não quis mais, saiu, escreveu um depoimento — O Retrato *— e andava muito chateado com a situação toda. Encontra-se com Lourival Coutinho, conversam. Lourival conta a Joel:*

— Coitado do Peralva, saiu do PC, decepcionado, perdeu os melhores anos da vida dele.

Joel concordou:

— Eu avisei a ele. Ele não me ouviu porque não quis. Eu sempre dizia a ele:

— Peralva, entre para o Partido Socialista, porque lá você não se ilude mas também não se desilude.

12

Seixas Dória, o governador de Sergipe *(lá em Aracaju, chamam assim porque antes dele e depois dele ninguém foi melhor do que ele) tinha acabado de escrever seu depoimento depois de 1964 —* Eu, Réu sem Crime *—, pediu a Joel Silveira, seu amigo, para dar uma lida, fazer uma revisão:*

— O l h e, Joel, eu não sou jornalista. Não tenho muita experiência de escrever. Tome os originais e veja se deve consertar alguma coisa.

— Não, S e i x a s. Nada de rever. O livro fica bom é assim mesmo, porque é autêntico.

13

Dom José Tomaz Gomes da Silva foi o primeiro bispo de Sergipe e deixou fama de grande sabedoria política. Era conhecido como o *bispo fazedor de bispos.*

Um dia, Monsenhor Miguel, reitor do seminário de Aracaju, lhe apresentou os nomes dos seminaristas que iam receber as Ordens Sacerdotais.

— E o Avelar?

— O Avelar não tem vocação para padre, senhor bispo. É polemista, vaidoso, não tem vocação.

— Mas tem v o c a ç ã o para bispo. E como ninguém pode ser bispo sem ser padre, vamos ordená-lo.

O Avelar é Dom Avelar Brandão Vilela, hoje Arcebispo da Bahia e presidente da CELAM (Comissão Executiva dos Bispos da América Latina). Monsenhor Miguel é vigário no interior.

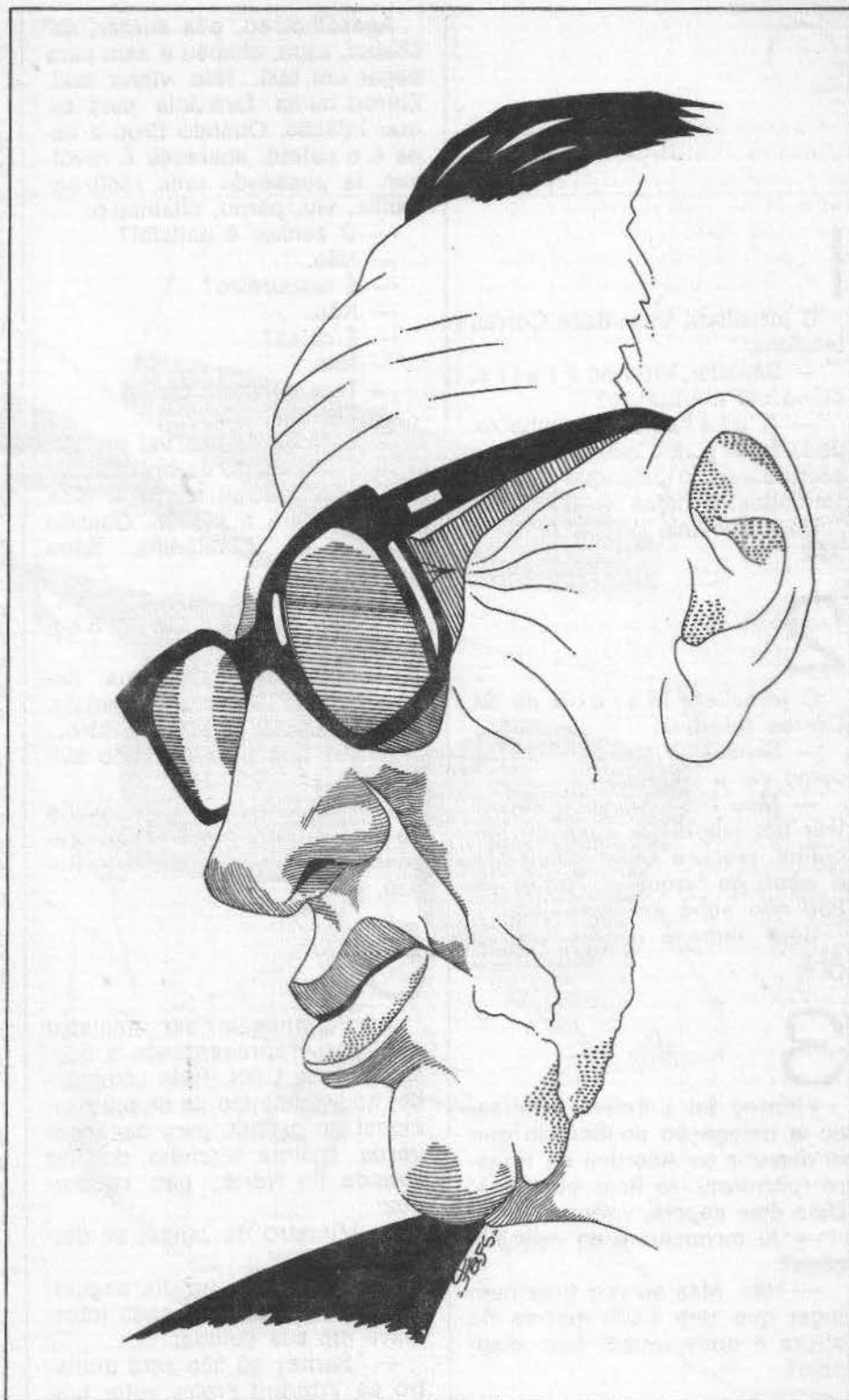
14

Cabrera, sergipano, era da Varig. Funcionário exemplar. Foi nomeado g e r e n t e em Lima (Peru). Chegou, assumiu, na semana seguinte caiu um avião da V a r i g lá, morrendo todos os tripulantes e passageiros.

Cabrera ficou chateado, pediu transferência. Foi nomeado gerente em Monróvia (L i b é r i a). C h e g o u, assumiu, na semana seguinte caiu um avião da Varig lá, morreu a metade dos passageiros. A bordo estava, inclusive, o prof. Vitor Russomano, vivo aí para contar a história.

Cabrera ficou chateado, pediu transferência. Rubem Berta mandou chamá-lo:

— Cabrera, você é um funcionário exemplar, m a s está havendo coincidência demais. De forma que você, agora, vai ser gerente onde só haja conexões e venda de passagens, e não cheguem aviões nossos.

C a b r e r a foi para Assunção (Paraguai). Um dia, a Varig inaugurou sua linha para Assunção. Na véspera, Cabrera foi transferido para Tóquio, aonde não chegavam os aviões da Varig. Mas a Varig inaugurou sua linha para Tóquio. Cabrera foi transferido. Na véspera.

Vitorino Freire

MARANHÃO

1

O jornalista Vilas-Boas Correa telefona:

— Senador Vitorino Freire, como vai a situação?

— A platéia, cá embaixo, pode fazer o que quiser. Mas se perturbarem o palanque das autoridades, a coisa se complica.

Uma semana depois, veio o AI-2.

2

O jornalista Marcos de Sá Correa telefona:

— Senador Vitorino Freire, como vai a situação?

— Meu filho, se você encontrar um jaboti em cima da forquilha, procure saber quem pôs o jaboti na forquilha. Porque jaboti não sobe em forquilha.

Uma semana depois veio o AI-5.

3

Vitorino foi à Bolívia chefiando a delegação do Senado que ia discutir os Acordos de Roboré *(petróleo)*. Ia ficar oito dias. Dois dias depois, voltou:

— Já terminaram as negociações?

— Não. Mas eu vou ficar num lugar que tem 4.800 metros de altura e onde urubu tem dispnéia?

4

Vitorino estava em casa com gripe e muita febre. Recebeu telegrama do Senado *(então no Monroe, ali na Cinelândia)* para ir urgente a uma reunião da Comissão de Finanças, que dependia de sua presença. Lá fora, chovia para valer.

Agasalhou-se, pôs sueter, cachecol, capa, chapéu e saiu para pegar um táxi. Não vinha táxi. Entrou numa farmácia para tomar injeção. Quando tirou a capa e o paletó, apareceu o revólver. Ia passando uma rádio-patrulha, viu, parou, chamou-o:

— O senhor é policial?

— Não.

— É tesoureiro?

— Não.

— É caixa?

— Não.

— Tem porte de arma?

— Também não.

— Então o senhor vai ter que ir até o comando da polícia.

Vitorino entrou na RP e eles tocaram para a cidade. Quando chegou na Cinelândia, falou grosso:

— Pára aí que eu vou saltar.

— Não. O senhor vai até o comando.

— Comando coisíssima nenhuma. Vou é para o Senado. Sou o senador Vitorino Freire.

— Por que o senhor não avisou antes?

— Porque estava precisando de uma carona, e não tenho preconceito contra automóveis. Rodou, serve.

5

José Sarney ia ser ministro de Jango, representando a *Bossa Nova* da UDN. Tudo combinado, houve reunião da direção nacional do partido para dar sinal verde. Djalma Marinho, do Rio Grande do Norte, não concordou:

— Ministro de Jango, só deixando a UDN.

Mesmo assim, no dia seguinte, Carlos Castelo Branco informava em sua coluna:

— "Sarney só não será ministro se Vitorino Freire vetar junto a Jango".

Vitorino telefonou para Castelo:

— Olhe, Castelo, eu faço política em cima da fivela. Não sou do PTB nem da UDN. Se o galho não é meu, não tenho nada com o macaco. O doutor Sarney pode ser até ministro da Guerra do doutor Jango.

A UDN recuou, Jango também.

6

Era na ditadura de Getúlio. Interventor no Maranhão, capitão Martins de Almeida. Interventor no Piaui, capitão Landry Sales. Vitorino Freire, secretário do capitão Almeida, foi visitar o capitão Landry:

— Vitorino, como vai o Almeida?

— Vai bem. O mal dele é que não agüenta surra de tipo.

(Surra de tipo era crítica de jornal).

7

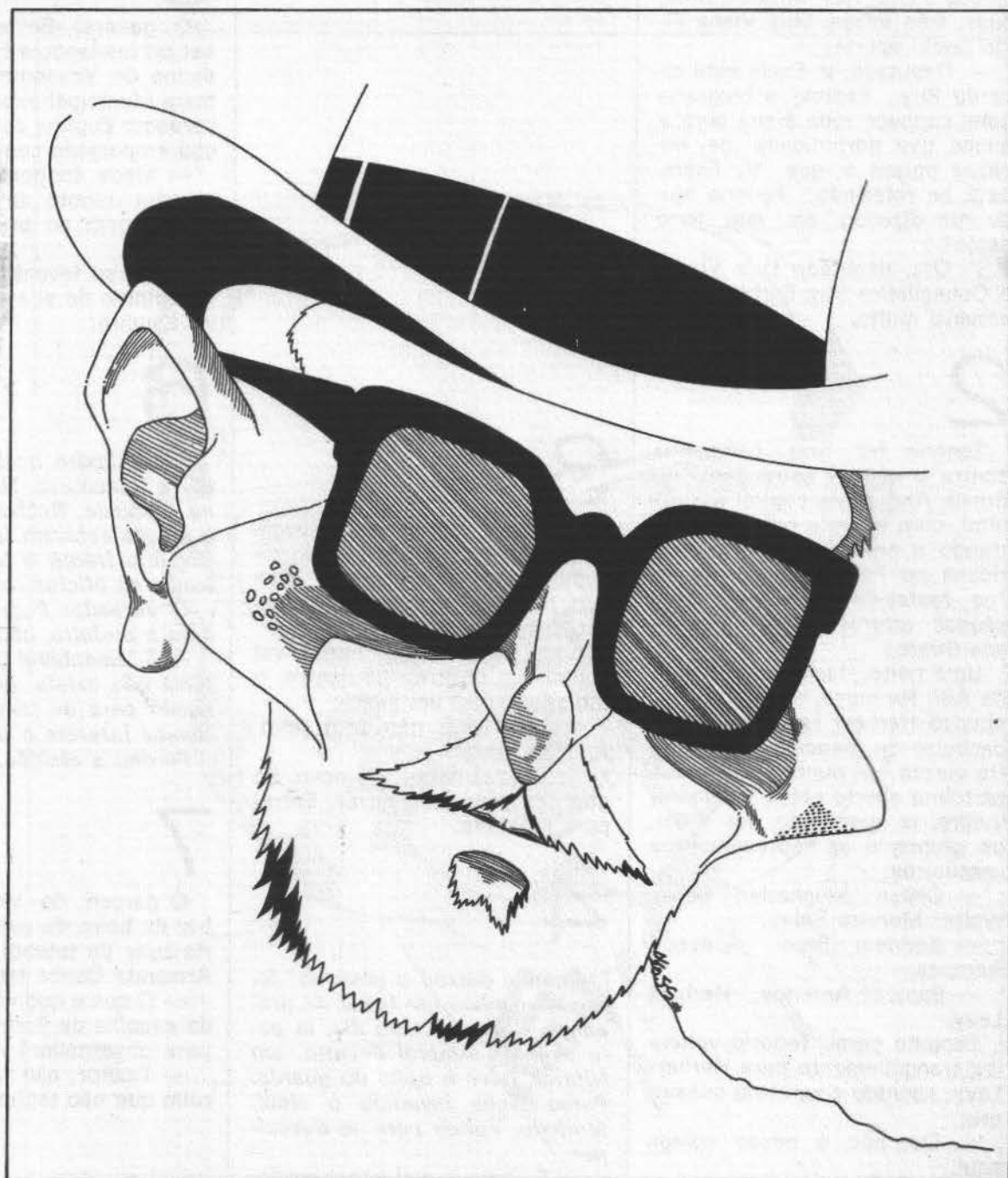
O governador Pedro Neiva tem um braço direito no governo: o filho mais velho. Advogado competente, é o pluri-assessor do pai. Surgiram divergências com um secretário, o filho se aborreceu, foi ao pai:

— Vou voltar para meu escritório. Estou prejudicando meus interesses particulares, sacrificando-me para ajudar o senhor, mas já não agüento tanta chateação política. Vou cuidar de minha vida.

— Bobagem, meu filho. Seu avô já cuidou o suficiente da minha vida e da sua.

8

O desembargador Deoclides Mourão, tio do poeta Gerardo Mello Mourão, fez acordo com Urbano Santos para governador. Eleito, Urbano não cumpriu nada. Deoclides Mourão mandou-lhe uma carta:

— Senhor governador, diz o povo que o homem se pega pela palavra, o boi pelo chifre e vaca pelo rabo. Supondo não ter V. Excia. nenhum desses acessórios não sei por onde começar.

Tenório Cavalcanti

ESTADO DO RIO

1

Tenório Cavalcanti estava na tribuna da Câmara Federal. Começou a citar Ruy Barbosa. Uma, duas, três vezes. Luís Viana Filho pediu aparte:

— Deputado, V. Excia está citando Ruy. Escrevi a biografia dele, conheço toda a sua obra e nunca tive portunidade de ler essas coisas a que V. Excia. está se referindo. Poderia ajudar-me dizendo em que livro estão?

— Ora, deputado Luís Viana, o Conselheiro Ruy Barbosa conversava muito.

2

Tenório fez uma campanha contra o capital estrangeiro no Brasil. Andava de capital em capital, com enorme gráfico, mostrando a penetração norte-americana no País e denunciando *"os testas-de-ferro que traem nossos interesses para servir aos trustes."*

Uma noite, fazia conferência na ABI. Na mesa, deputados, inclusive Herbert Levy, seu companheiro de bancada udenista. De vareta em punho, a imensa cartolina aberta sobre o quadro-negro, ia apontando, um a um, os grupos e os representantes brasileiros:

— Chase Manhattan Bank: Walter Moreira Sales.

— Bethlem Steel: Azevedo Antunes:

— Bank of America: Herbert Levy.

Espanto geral. Tenório voltou-se tranqüilamente para Herbert Levy, apontou a vareta e consertou:

— Que não é nosso colega aqui.

O salão em peso caiu na gargalhada. Era.

3

Jeremias Fontes era advogado. Defendeu um rapaz meio rocambolesco, todo tatuado, mas que, no caso concreto da acusação, era inocente. Absolveu.

Anos depois, governador, vai visitar um distrito. Lá dentro, o tatuado. Levou um susto:

— Mas você não tem jeito. Aqui de novo?

— É, governador. De novo. Só que agora do lado de cá. Entrei para a Polícia.

4

Quando deixou o governo, Jeremias ganhou um fusca *de presente. Chapa: 1. Um dia, ia pela avenida Amaral Peixoto, em Niterói, ouve o apito do guarda. Parou. Tinha invadido o sinal. Multado. Voltou para se desculpar:*

— Eu estava mal acostumado, seu guarda. Toda vez que passava aqui no Chapa 1, *do Estado, você me dava passagem de qualquer jeito. Perdi a noção do sinal.*

— É, governador. É assim mesmo. Só que no dia em que o Chapa 1 *do governador for* fusca, *o mundo é outro e eu não estarei mais aqui.*

5

O general Severino Sombra estava fundando a Escola de Medicina de Vassouras. Foi à Câmara Municipal expor o plano. O vereador Eupídio José Pereira ficou empolgado com a idéia:

— Meus senhores, vamos fazer um minuto de silêncio em homenagem ao brilhante general.

Todos se levantaram e houve um minuto de silêncio para o vivo Sombra.

6

Padre Pedro acabava de chegar a Vassouras. Houve reunião na paróquia. Reclamou: rapazes e moças estavam fazendo o footing *em frente à Igreja, perturbando os ofícios religiosos.*

O vereador Pedro Ivo, candidato a prefeito, pediu a palavra:

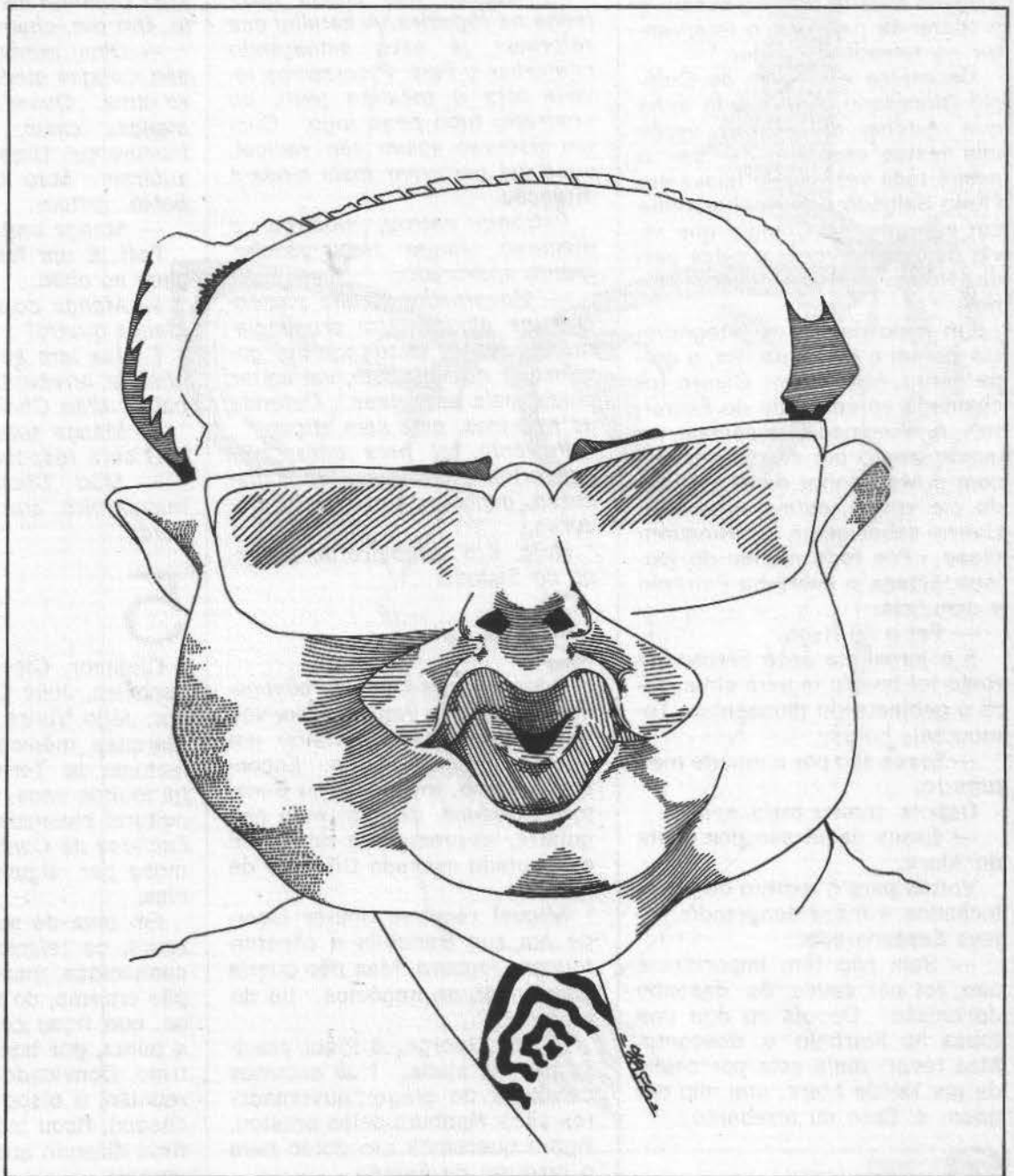
— É lamentável que em nossa terra não exista um local adequado para as famílias vassourenses fazerem o trottoir *diário.*

Perdeu a eleição.

7

O garçon de Vassouras, no bar da beira da estrada, só queria falar de futebol. O jornalista Armando Cunha interrompeu:

— O que é que vocês acharam da escolha de Raimundo Padilha para governador?

— Doutor, não tem coisa tão ruim que não tenha outra pior.

Petrônio Portela

PIAUI

1

Em 1937, chegava ao Piauí monsenhor Cícero Portela Nunes. Ia como delegado de Plínio Salgado chefiar o Integralismo e preparar-se para ser o interventor na tomada do poder.

Deram-lhe a direção do Colégio Diocesano. A garotada tinha que marchar de camisa verde nas festas escolares. E dar o *anauê* toda vez que se falava em Plínio Salgado. Monsenhor tinha um sobrinho no Colégio que vivia de camisa verde e calça parda. Nome: Petrônio Portela Nunes.

Em maio de 38, os integralistas deram o golpe no Rio, o golpe gorou. Monsenhor Cícero foi chamado ao comando do Exército. A meninada desenhou no quadro-negro um caixão enorme com o Monsenhor dentro. Quando ele voltou, estava uma fera. Queria saber quem foi. Ninguém disse. Pôs todo mundo de joelhos. Chega o sobrinho Petrônio e denuncia:

— Foi o Zé Rego.

E o jornalista José Fernandes Rego foi levado lá para cima, para o gabinete do monsenhor. Tomou seis bolos:

— Esses são por conta de meu enterro.

Depois, tomou mais seis.

— Esses daqui são por conta do Marx.

Voltou para o recreio de olhos inchados e mãos sangrando. Estava desesperado:

— Seis não têm importância não, foi por causa do desenho do caixão. Depois eu dou uns tapas no Petrônio e desconto. Mas levei mais seis por causa de um tal de Marx, que não sei quem é. Esse eu arrebento.

2

Em 1964, Tancredo Neves vai entrando no Palácio do Planalto e encontra, na ante-sala do gabinete de Jango, o senador Dinarte Mariz (UDN) e o governador Petrônio (PTB). Petrônio chama Tancredo a um canto:

— Tancredo, vou receber uma homenagem do Centro dos Nordestinos da Guanabara e preparei um discurso mandando brasa. Quero que você leia antes de eu mostrar ao presidente.

Tancredo leu, ficou mineiramente em pânico:

— Petrônio, não ponha mais lenha na fogueira. A batalha das reformas já está ameaçando conturbar o País. Precisamos levá-la com o máximo jeito, do contrário tudo pega fogo. Com um discurso assim tão radical, você vai perturbar mais ainda a situação.

Petrônio entrou, mostrou o discurso. Jango ficou gauchamente apavorado:

— Governador, tenha paciência, me ajude. Um pronunciamento desse, feito por um governador do Nordeste, vai agitar ainda mais as coisas. Defenda as reformas, mas sem atiçar.

Petrônio foi para casa, não consertou o discurso, leu o discurso, ganhou palmas pelo discurso.

Hoje, é o bombeiro do governo no Senado.

3

George Pires Chaves, advogado e cônsul do Piauí no Rio, voltou a Teresina para visitar um cliente, Miguel Faria. Encontrou-o louco, internado no *Sanatório Meduna*, dirigido pelo psiquiatra, ex-presidente do IPASE e deputado cassado Clidenor de Freitas.

Miguel recebeu doutor George em sua tranqüila e *chestertoneana loucura*. Mas não queria saber nada de negócios. Só de política:

— Dr. George, o Piauí precisa de sua ajuda. Nós estamos cansados de eleger governadores sãos. Nenhum deles prestou. Agora queremos um doido para o governo do Estado.

— E quem é o candidato, Miguel?

— É aqui o nosso colega doutor Clidenor.

4

Mão Cheinha era louco no Ceará. Levaram-no para o hospício de Clidenor. Com o tempo, Mão Cheinha virou louco-chefe. Tomava conta dos outros. Há sempre um louco cuidando dos bons.

No sanatório, havia uma mangueira que nunca dava manga. Mão Cheinha não entendia aquilo. Um dia, chamou oito loucos:

— Olha, minha gente, vocês são mangas maduras. Vão lá para cima. Quando eu gritar, as mangas caem, porque manga madura cai. Uma a uma. Os oito subiram. Mão Cheinha, cá de baixo, gritou:

— Manga um!

Poff. *E um louco se esborrachou no chão.*

— Manga dois! Manga três! Manga quatro!

E eles iam se largando lá de cima e arrebentando-se cá embaixo. Mão Cheinha gritou:

— Manga sete!

O sete respondeu:

— Mão Cheinha, chama a manga oito, que eu ainda estou verde.

5

Clidenor, Cícero Martins, engenheiro, José Olímpio, professor, Júlio Vieira, poeta, Ulisses Marques, médico, e outros intelectuais de Teresina fundaram, há muitos anos, uma associação cultural chamada *Clube Telúrico Euclides da Cunha*, que ficou famoso por algumas extravagâncias.

Em uma de suas sessões solenes, os *telúricos*, como eram conhecidos, mandaram fazer um pão enorme, do tamanho da mesa, que ficou coberta, de ponta a ponta, por aquele carvalho de trigo. Convidado para presidir a reunião, o bispo dom Severino chegou, ficou indignado e se retirou dizendo que o pão era subversivo.

— Mas subversivo como, senhor bispo? Um pão subversivo?

— Não é o pão que é subversivo. É a intenção. Eles querem dizer que o tamanho do pão é a medida da fome.

E era.

Paulo Pimentel

PARANÁ

1

Levaram o interventor Manuel Ribas a Ponta Grossa, sua cidade, para inauguração de uma praça com seu nome. Solenidade, discursos, palmas, ficou encantado com a placa toda azul, e, em grandes letras brancas, o nome escrito para a eternidade. Já ia saindo, chamou o secretário:

— Mas esta praça tinha nome. Eu não lembro qual era, mas sei que tinha.

— Tinha, sim. Era praça Rio Branco.

Voltou, subiu de novo ao palanque, pegou o microfone:

— Meus senhores, acabo de saber que esta praça se chamava Rio Branco. Já tinha esquecido. Pois a nova placa está *desinaugurada*. Ponham novamente a placa dele. Quem sou eu para substituir Rio Branco?

O cordão dos puxa-sacos ficou desolado.

2

Discurso dele era uma frase só. Foi ao interior inaugurar uma ponte. Com ele, o coronel Flores, secretário de Segurança. A cidade toda ali, de roupa nova, e a meninada de bandeirinha na mão. Disse apenas:

— Flores, passa a tesoura para eu cortar a fita. *Sinto fraco-me* diante de tão augusta obra.

3

Foi a Castro, inaugurar um bebedouro público para animais. Não havia fita a cortar, ninguém sabia como fazer a solenidade. Manuel Ribas, fazendeiro descomplexado, pegou um copo, encheu, bebeu e gritou:

— Está inaugurado o bebedouro dos animais.

4

Despachava no palácio, mas gostava de morar em sua casa. Manhã bem cedo, chega um rapaz, encontra o jardineiro regando o jardim:

— *Seu* Ribas está?

— O que é que você quer com *seu* Ribas?

— E que sou filho de um grande amigo dele e meu pai me mandou pedir um emprego a ele. Eu podia falar com ele?

— Poder, pode. Mas, e se ele não lhe arrumar o emprego?

— Bem, meu pai me disse que, se ele não arranjasse o emprego, eu mandasse ele à merda.

— Olhe, rapaz, passe às quatro da tarde lá no palácio, que é a hora das audiências e você fala com ele.

Quatro horas o rapaz estava lá, gravata de nó fininho e sapato lustrando. Deu o nome, esperou, chamaram. No salão comprido, sentado atrás da mesa, o jardineiro. O rapaz ficou branco de surpresa.

— O que é que você quer mesmo?

Repetiu a história. O pai mandou que ele fosse pedir emprego.

— E se eu não arranjar o emprego?

— Então, *seu* Ribas, fica valendo aquela nossa conversa de hoje de manhã, lá no jardim.

5

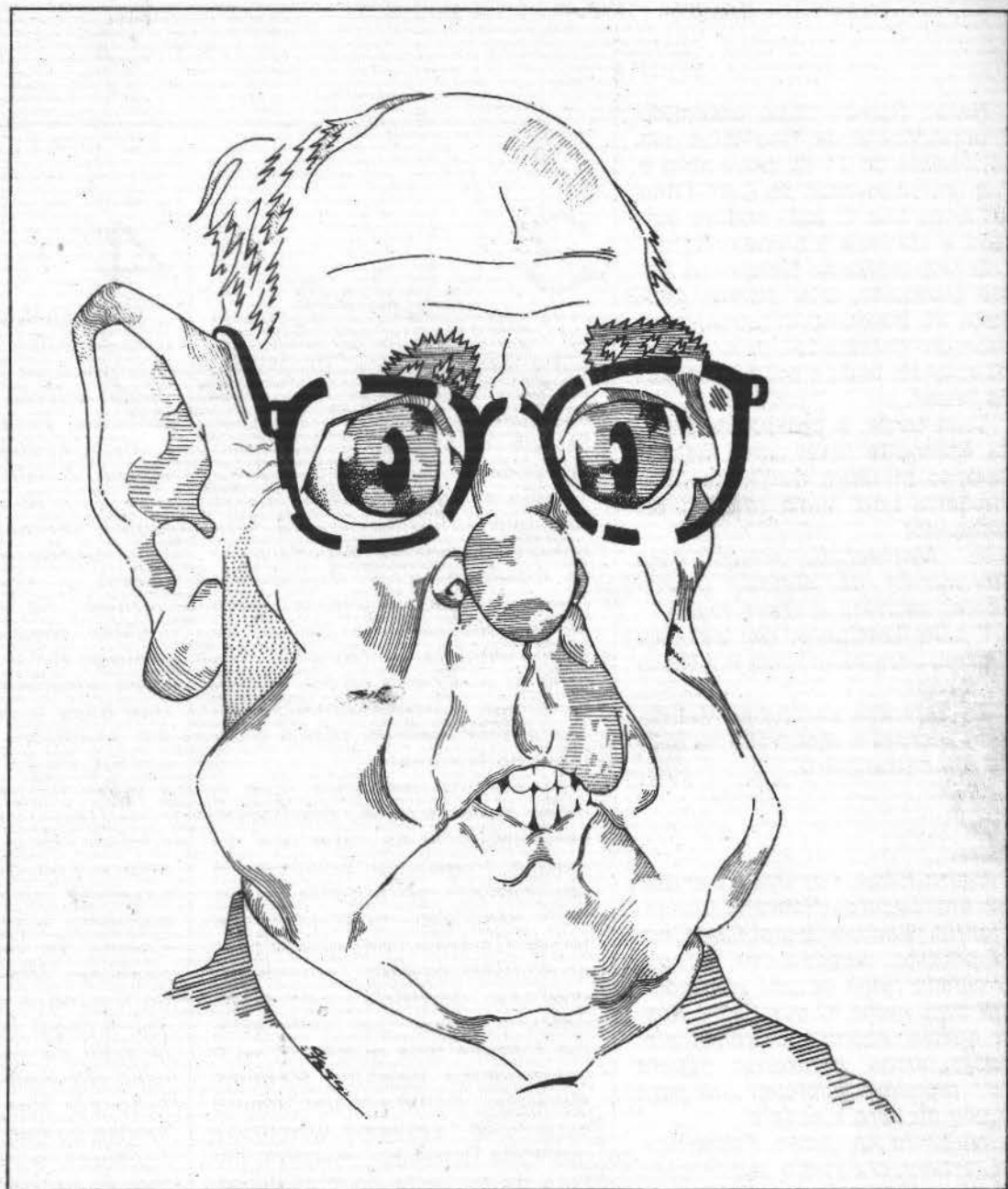
Cid Rocha, veterinário, líder agrícola e deputado federal, entrou para a política pelas mãos de Paulo Pimentel. No segundo aniversário do governo de Paulo, houve a inauguração da estrada do Xisto: Curitiba a São Mateus do Sul. Manhã úmida, palanque na praça de São Mateus, governador, autoridades, e o povo em frente tremendo de frio debaixo de esguios pinheiros vestidos de bruma.

Cid Rocha não estava gostando do tom dos discursos que saudavam o governador. "Muito frios, é por causa do tempo" — disse a Antônio Brunetti, assessor de imprensa. Tomou um uísque dentro do carro, subiu ao palanque:

— Paulo, este povo, que me conhece, sabe o que eu penso de você e de seu governo. Mas talvez você não saiba e eu vou dizer agora. Paulo, passei a vida inteira procurando um homem e afinal encontrei você.

Ninguém entendeu nada. Muito menos Paulo, o encontrado, que abriu dois olhos daquele tamanho. Cid nem se mancou. Vermelho de frio e uísque, foi em frente:

— Paulo, você sabe que nossa amizade é incomum, é muito fora do comum, muito fora do normal. Dizendo melhor, é anormal.

A praça, atônita, nem piscava o olho. E Cid, o amigo, siderou-se uma hora inteira. Cercado de esguios pinheiros, como cálices vestidos de bruma.

Nereu Ramos

SANTA CATARINA

I

Nereu Ramos tinha assumido a presidência da República em 55, depois do 11 de novembro e dos impedimentos de Café Filho e Carlos Luz. O país andava agitado e Lott era o homem forte.

O secretário de Nereu era André Mesquita, que estava chegado de Bordeaux (França) com sotaque carregado, pois viveu 20 anos lá, onde o pai era cônsul do Brasil.

Uma tarde, o presidente manda Mesquita levar uma mensagem ao ministro da Guerra. Ele encontra Lott numa reunião de comando:

— *Marrechall, trragó êsta mensarrem do senrror perrsidente, secrreta e rreserrvada.*

E saiu. Lott parou um instante e olhou para os oficiais em torno da mesa:

— Estamos perdidos. Mensagem secreta e reservada na mão de um estrangeiro.

2

Padre Rossi era Deus e o diabo em Laguna, Santa Catarina. Vigário, cuidava das almas. Chefe político, cuidava dos corpos. A cidade tinha os pés plantados em suas mãos. O que Padre Rossi queria, acontecia. Nunca ninguém ousou contrariar aquele que mandava qualquer um para o céu ou para a cadeia.

Noite de Ano Novo, Padre Rossi estava chegando de viagem. Tinha missa à meia-noite, já estava atrasado. E a lagoa Imaruí, encapelada, soprava vento sul. Mas Padre Rossi não tinha medo de nada. Pegou a canoa, mandou tocar.

O pescador foi indo, foi indo, remando. E o vento sul dobrando a canoa, como palha ao vento. Padre Rossi olhou Laguna lá do outro lado, desistiu:

— Volta.

— Voltar como, Padre? E a missa de Ano Novo?

— Volta que eu não vou morrer por uma missa.

— Deus é grande, Padre Rossi.

— Eu sei, Deus é grande, mas a canoa é muito pequena.

3

Jânio, renunciado, já estava na base de Cumbica. Jango, vetado, ainda no hotel, Singapura. A presidência da República, abandonada, estava no peito de Mazzili. Que a degustava como um pudim.

Todo mundo dizia que Jango não tomava posse. O PTB, herdeiro do pudim, foi em comissão ao marechal Denis, ministro da Guerra e peão da jogada. Denis os recebeu sentado, cigarro no dedo, batendo no cinzeiro. Era preciso quebrar a crosta daquele tanque cívico. Doutel de Andrade, líder do PTB, tomou a palavra solenemente:

— Permita, marechal, que o mais humilde dos deputados, eventualmente na liderança do Partido Trabalhista Brasileiro, e que também se orgulha de ter sido escolhido, pelo povo de Santa Catarina, vice-governador do Estado; permita, marechal, que este deputado, em nome desta comissão que aqui está, lhe formule uma pergunta: — o doutor João Belchior Marques Goulart, eleito soberanamente pelo povo brasileiro vice-presidente da República, e agora, em face da renúncia do presidente, virtualmente presidente da República, em chegando S. Exa. ao território nacional, o que lhe acontecerá?

O marechal nem levantou os olhos. Bateu o cigarro na ponta do dedo e disse apenas:

— Será preso.

— Obrigado, marechal, pelas convincentes informações de V. Exa. Convincentes e jurídicas.

Jango chegou e assumiu.

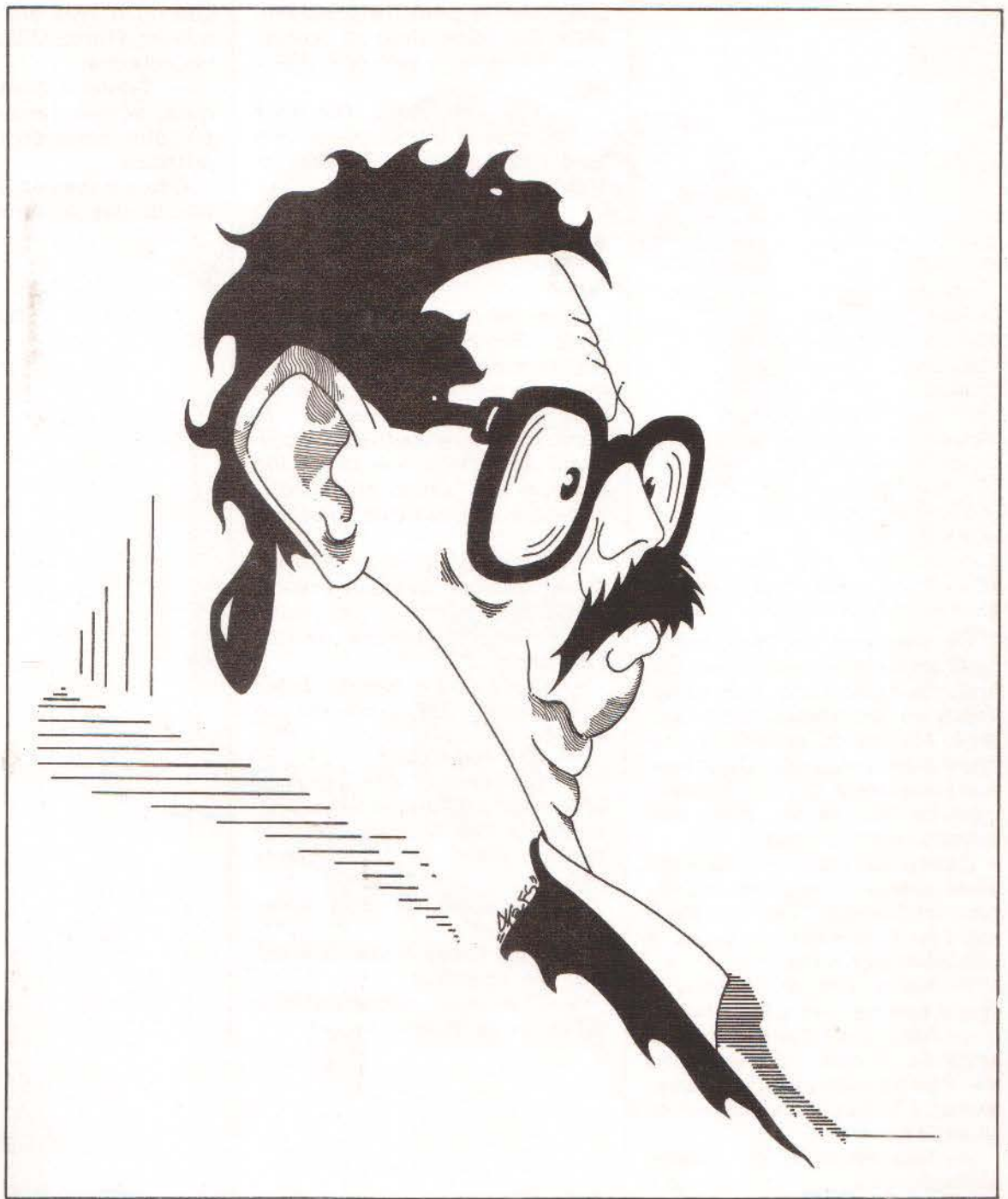
4

Hobel (leia-se Rôbel) *e Zwiker* (leia-se Suíker) *eram candidatos a prefeito de Trombudo Central, plena colônia alemã de Santa Catarina. Foram fazer o último comício juntos, no mesmo palanque. Zwiker falou primeiro:*

— Eu e Hobel chegamos aqui juntos, abrimos a floresta, casamos, criamos nossos filhos, ajudamos a construir Trombudo Central. Eu e Hobel somos iguais. Mas quem deve ser o prefeito sou eu, porque eu tenho mais qualidades morais. Hobel tem duas mulheres. Uma aqui em Trombudo Central e outra em Rio do Sul.

Hobel foi para o microfone:

— Tudo o que Zwiker disse é verdade. Eu e Zwiker chegamos aqui juntos, abrimos a floresta, casamos, criamos nossos filhos, ajudamos a construir Trombudo Central. Eu, de fato, tenho duas mulheres. Uma aqui em Trombudo Central e outra em Rio do Sul. A daqui sabe da de lá e a de lá sabe da daqui. Mas eu não acho que Zwiker deva ser o prefeito por ter mais qualidades morais do que eu. Eu tenho duas mulheres, é verdade. Mas a mulher de Zwiker tem dois maridos.

Ganhou Hobel.

Jânio Quadros

MATO GROSSO

I

Os usineiros de Pernambuco pediram ao ministro Romero Cabral, da Agricultura, que os levasse ao presidente Jânio Quadros. No dia da entrevista, Romero estava viajando. Os usineiros correram a Catete Pinheiro, ministro da Saúde, para que substituísse o colega.

Catete foi com eles. Quando Jânio entrou no salão de audiências do Planalto, viu os usineiros com o ministro da Saúde e não o da Agricultura:

— Muito bem, dr. Catete, o que é que há com a diabete?

— Não, presidente, não se trata de diabete. Os usineiros de Pernambuco desejam apresentar a V. Excia. as suas reivindicações.

— Não entendo, dr. Catete. Usineiro de açúcar trazido até o presidente pelo ministro da Saúde deve ser para tratar de problemas diabéticos. Açúcar e saúde juntas dão diabete. Quando eles desejarem cuidar de assuntos agrícolas virão com o dr. Romero Cabral.

Naquela noite houve corre-corre em Brasília para impedir que Catete Pinheiro encaminhasse a carta de demissão.

2

O ministro chegou para despacho. Tirou o primeiro processo, Jânio leu, releu, tirou os óculos:

— Ministro, o senhor é alfaiate?

— Não, presidente. Por que?

— Toda vez que o senhor vem aqui fica querendo dar uma tesourada em minha toga.

3

Ministro da Guerra, o general Eurico Dutra levantava-se todo dia às 4 da manhã, fazia uma inspeção na Vila Militar e às 6,30 estava no ministério. Ia sempre acompanhado de um ajudante de ordens, que nunca lhe ouvia a voz. Como ainda hoje, cultivava biblicamente o silêncio.

Uma manhã, o major Humberto de Alencar Castelo Branco, oficial de gabinete, perguntou ao ajudante de ordens, capitão Fragomeni:

— Como está o ministro hoje?

— Ótimo. Até conversou um pouco.

— Não me diga!

— Conversou, sim. Quando chegamos à altura do Maracanã, vindo da Vila Militar, respirou fundo e disse: — "Está quente hoje".

— Ah, então ele está ótimo mesmo.

Vitorino Freire soube da história, não acreditou:

— O ministro não é de fazer discurso de manhã cedo.

4

Convenção nacional do PSD, quando o PSD era o poder. Na tribuna, Filinto Müller, eloqüente naquele dia:

— Temos a consciência tranqüila, porque sabemos que nossos atos serão aplaudidos pelos *postéros*.

E foram mesmo. A ARENA é o partido dos *postéros*.

Pedro Ludovico

GOIÁS

1

Pedro Ludovico, patriarca de Goiás, avô de Brasília e pai de Goiânia e do ex-governador Mauro Borges, magoado das injustiças de 64 foi à Europa.

O jornalista Benedito Coutinho o esperou de volta no aeroporto:

— Senador, o que é que o senhor achou de Roma, de Londres, de Paris?

— Que toda mulher boa do mundo tem dono, meu filho.

2

Anísio Rocha, rapaz modesto e competente que Goiás importou da Bahia, eleito deputado federal foi convidado para o banquete da posse de Juscelino Kubitschek no Itamarati. Traje: casaca e condecorações.

Casaca ele mandou fazer. Condecorações não tinha. Tinha voto, mas voto é coisa de povo e banquete de povo é sereno. *Foi ao marechal Dutra, pediu condecorações emprestadas. D u t r a, bom amigo, mandou escolher.*

Quando entrou no Itamarati, virou a vedete da noite. Ostentava, garboso, uma cruz suástica e imensa águia nazista.

3

Anisio foi parlamentar de Goiás durante 16 anos. Quatro mandatos. Fez o que pôde pelo Estado. Desistiu, desolado, em 70:

— Desisti. Não vou disputar mais eleições. Não tenho dinheiro. Estas são as eleições mais caras da história do Brasil. Lá em Goiás, candidato com prestígio, com nome, precisa de um mínimo de 100 milhões. Candidato novo, sem base eleitoral, vai gastar no mínimo 300 milhões. As eleições para senador, então, estão uma loucura. O Emival Caiado, candidato a senador da ARENA, chegou aos 500 milhões. E os outros, também, de qualquer partido, vão gastar rios de dinheiro. Desde 54, eu sempre fui o deputado mais votado de Goiás Velho, onde tive, na última eleição, 1.200 votos. E não gastava um tostão. Fui lá, reuni o diretório, todo mundo me apoiou, houve discursos, palmas, No fim, me disseram:

— Agora o senhor vai deixar um cheque de 10 milhões.

— Mas eu não tenho 10 milhões.

— Então teremos que apoiar outro.

Anísio Rocha v o l t o u para Goiânia. Foi procurado pelo vereador Evaristo da Cruz:

— Vou apoiar o senhor, porque acho que trabalhou muito pelo Estado.

— Obrigado, Evaristo.

— Só que o senhor vai ter que me dar um jipe.

— Mas, Evaristo, um jipe custa 13 milhões.

— Então vou ter que apoiar outro.

Anísio Rocha passou na sede do partido, desistiu da candidatura, pegou o avião e voltou para o Rio.

4

Madrugada alta, na delegacia de Anápolis. O preso apanhava e seu grito se espremia pelos buracos das janelas. A velhinha foi passando. Ficou com pena. Entrou:

— Não façam isso com ele.

— Não é de sua conta, velha.

— Então, por que vocês não matam logo ele?

Lá do fundo, o preso ficou em pânico:

— Não diz isso, minha velha. Como vai, vai bom.

Artur César Ferreira Reis

AMAZONAS

1

Artur César Ferreira Reis, professor e amazonológo ilustre, sempre viveu no Rio de Janeiro. Filho de Vicente Reis, fundador do *Jornal do Comércio*, veio estudar no Rio e cá ficou pesquisando de longe a floresta, virgem de sua presença.

Estava em Genebra em 64, numa comissão internacional a serviço do governo brasileiro, recebeu um telegrama chamando-o de volta. Pegou o avião, desceu no Galeão. Os jornalistas não entenderam a cara displicente.

— Como é, professor?

— Como é o que?

— Como é que vai ser?

— Como é que vai ser o que?

— O governo.

— Que governo?

— Ora, professor, não brinque.

— Brincar como?

— Será que o senhor ainda não sabe?

— Saber o que?

— O senhor foi eleito governador do Amazonas.

— Eu? Por quem?

— Pela Assembléia.

Artur César coçou os olhos, pôs a pasta no chão e esfregou as mãos nervoso:

— Ninguém avisa mais nada à gente.

2

O avô do deputado Leopoldo Perez foi líder republicano no fim da monarquia. Preso, estava lá mofando, quando ouviu, uma manhã, a multidão gritando nas ruas, invadindo a cadeia. Chamou o carcereiro:

— O que é que há? Vão me linchar? Tire-me daqui logo. Deve ser essa monarquia apodrecida querendo vingar-se mais uma vez de mim.

Não era. Dali mesmo foi levado em triunfo para o governo do Estado. A República tinha sido proclamada 45 dias antes. E a notícia só chegara naquela manhã. De canoa.

3

Em 34, o deputado José Pontes Vieira organizou uma *embaixada acadêmica* em Recife para visitar o Amazonas. Era o presidente. Mauro Mota, o orador oficial. Foram de navio, o Duque de Caxias, do Lóide.

Em Belém, pararam. Magalhães Barata, interventor, ofereceu-lhes uma recepção, com discurso de "um dos maiores oradores do Norte do Brasil". O cara começou assim: — "Não possuo a oratória de um Cícero nem de um Demóstenes". E mandou besteira.

Mauro Mota ficou irritado. Na hora de responder, disse apenas: — "Não vou fazer um discurso, porque o atestado de óbito da oratória acaba de ser passado pelo brilhante colega do Pará".

Quase a festa termina em tapa.

Chegaram a Manaus, o interventor era o agora marechal Nélson de Melo. Houve banquete no Colégio Dom Bosco. Depois, solenidade no anfiteatro. Música, poesia, tudo muito animado. De repente, sobe ao palco um sujeito pequenininho, sem dente, óculos de Lampião. Era Batistinha, Batista de Holanda, universitário pernambucano, que vivia com uma garrafa de cachaça debaixo do braço e só fora aceito na *embaixada* porque prometeu não falar nunca.

Mal se sustentando nas pernas, Batistinha pegou o microfone, colou na boca e começou:

— "O único motivo que me traz a esta tribuna são dois: primeiro, termos a honra de ser recebidos neste colégio; segundo, a carinhosa homenagem que vocês nos prestam; terceiro. . ."

O auditório já estava estourando na gargalhada. Batistinha foi em frente, sacudindo-se de bêbado, a voz engrolada, microfone na boca, falando, falando, e o auditório rindo sem parar.

Quando desceu, debaixo de palmas, Pontes Vieira subiu ao palco e faturou o *porre* de Batistinha: — "A melhor maneira que encontramos para agradecer o calor da recepção de vocês foi trazer a este palco Batista de Holanda, o maior humorista do Nordeste".

No dia seguinte, o diretor da estação de rádio de Manaus estava bem cedo na pensão onde se hospedara a *embaixada*. Queria contratar, para um programa especial, "o maior humorista do Nordeste".

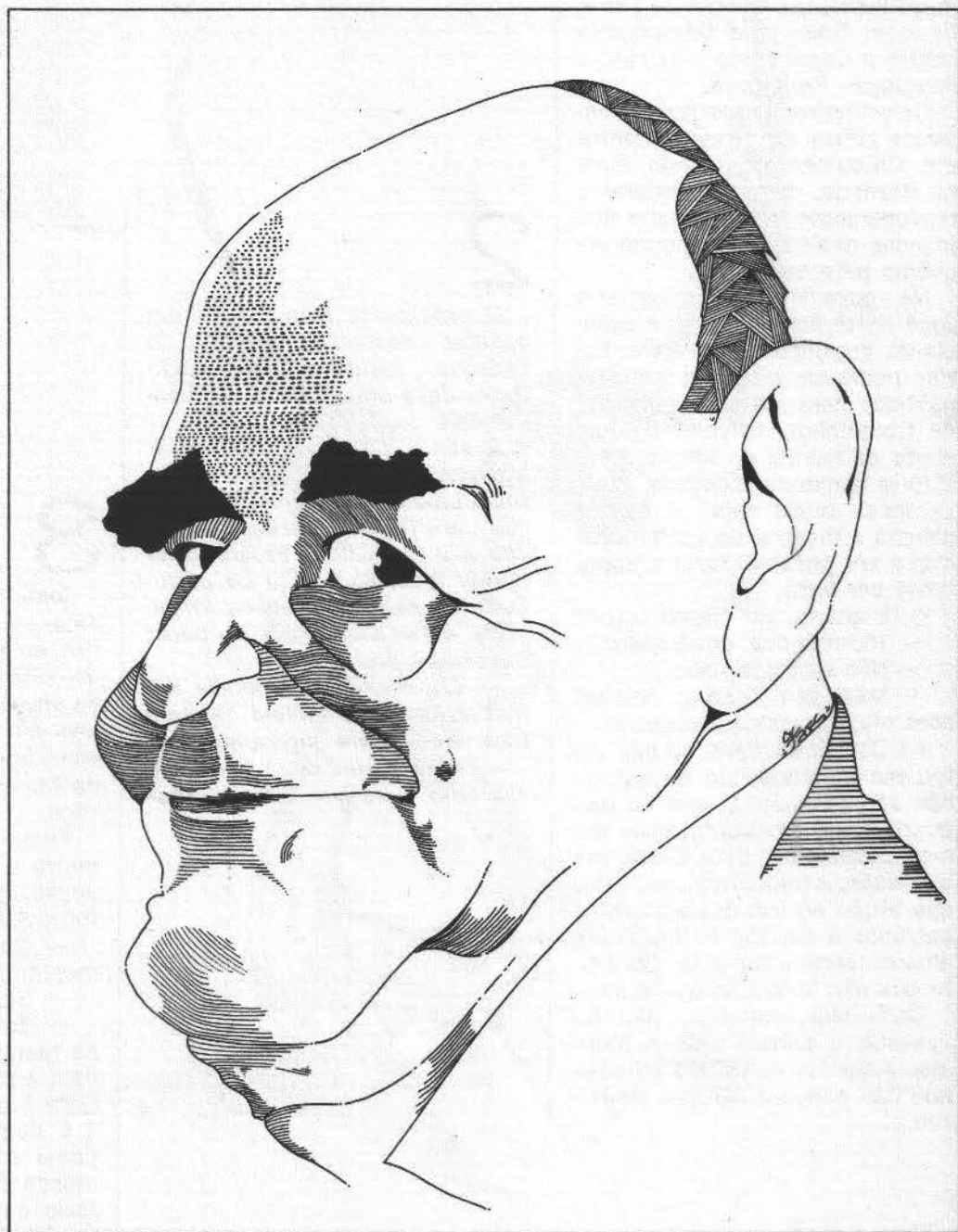
Mas, bom, Batistinha não tinha graça nenhuma.

4

O Senado estava agitado, aquela tarde. Alguém se levantou e gritou:

— Precisamos romper com o governo.

O velho Cunha Melo pegou o chapéu, levantou-se e foi saindo de fininho:

— Há coisas que não se deve nem ouvir.

Francisco Lacerda

ESPÍRITO SANTO

1

Francisco Lacerda, "Chiquinho" Lacerda, era governador em 1964. Conspirou com Magalhães Pinto, fez *Marcha da Família com Deus pela Democracia contra o Comunismo* e saudou a Revolução Redentora.

Os primeiros inquéritos levantaram pilhas de provas contra ele. Chiquinho foi ficando. Eurico Rezende, deputado federal e representante de Chiquinho nas jogadas nacionais, armou um esquema para salvá-lo.

Na época, Heron Domingues e José Ayler Rocha tinham a agência de promoções *Pro-News*. Eurico pediu um plano de relações públicas para evitar a cassação de Chiquinho. Oliveira Bastos, chefe da equipe de Heron, foi a Vitória conversar com ele. Trancaram-se numa sala e Bastos passou a mostrar ao governador o que era possível fazer e como devia ser feito.

— E quanto vai custar isso?

— 150 milhões, governador.

— Não vou fazer não.

— Mas sem isso o senhor será inevitavelmente cassado.

— Olhe, meu caro, eu não estou me incomodando de ser ou não ser cassado. O que eu não quero é que o governo toque em meu patrimônio. Este é que me interessa e me preocupa. Por que então eu iria desfalcar meu patrimônio em 150 milhões? Se eles quiserem, eu saio. Contanto que não bulam no que é meu.

Chiquinho renunciou, não foi cassado e salvou todo o patrimônio. Inclusive os 150 milhões que não pagou à agência de Heron.

2

O presidente Dutra tinha um auxiliar capixaba, oficial do Exército, meio gago. Quando Dutra dava uma ordem, ele ficava mais gago ainda.

Resolveu dar um jeito de curar a gagueira. Soube que o Méier tinha uma escola para gagos, tocou para lá. O endereço que levou não coincidia. Procurou no bairro todo, nada. Foi ao português da esquina, desses de bigode e tamanco, cara de quem desceu na praça Mauá:

— O sesenhor popopodia me inininformar se aaaqui temtem uma escola para gagagago?

— Mas o senhor já fala gago tão bem, para que quer escola?

3

José Arrabal Fernandes, médico em Cachoeiro do Itapemirim, estava feliz aquele domingo de 1950. Ia assistir ao comício de seu líder Eduardo Gomes. Estava em casa botando a gravata mais bonita, chega um lavrador de Mimoso do Sul. Um parto na roça.

Ficou chateado, mas foi. Primeiro a obrigação, depois a devoção. Na hora da volta, o pai foi levá-lo à porteira.

— Como é que vai chamar o menino?

— Sei não, doutor.

— Bota Eduardo, homenagem ao maior dos brasileiros, candidato à presidência da República.

— Sim senhor, doutor.

E doutor Arrabal correu para pegar o rabo do comício. Seis meses depois estava no consultório em Cachoeiro, entra o lavrador de Mimoso do Sul com o menino no braço. Levantou-se civicamente emocionado:

— Óh, Eduardinho.

— Não, doutor, não chama Eduardinho não.

— Por que?

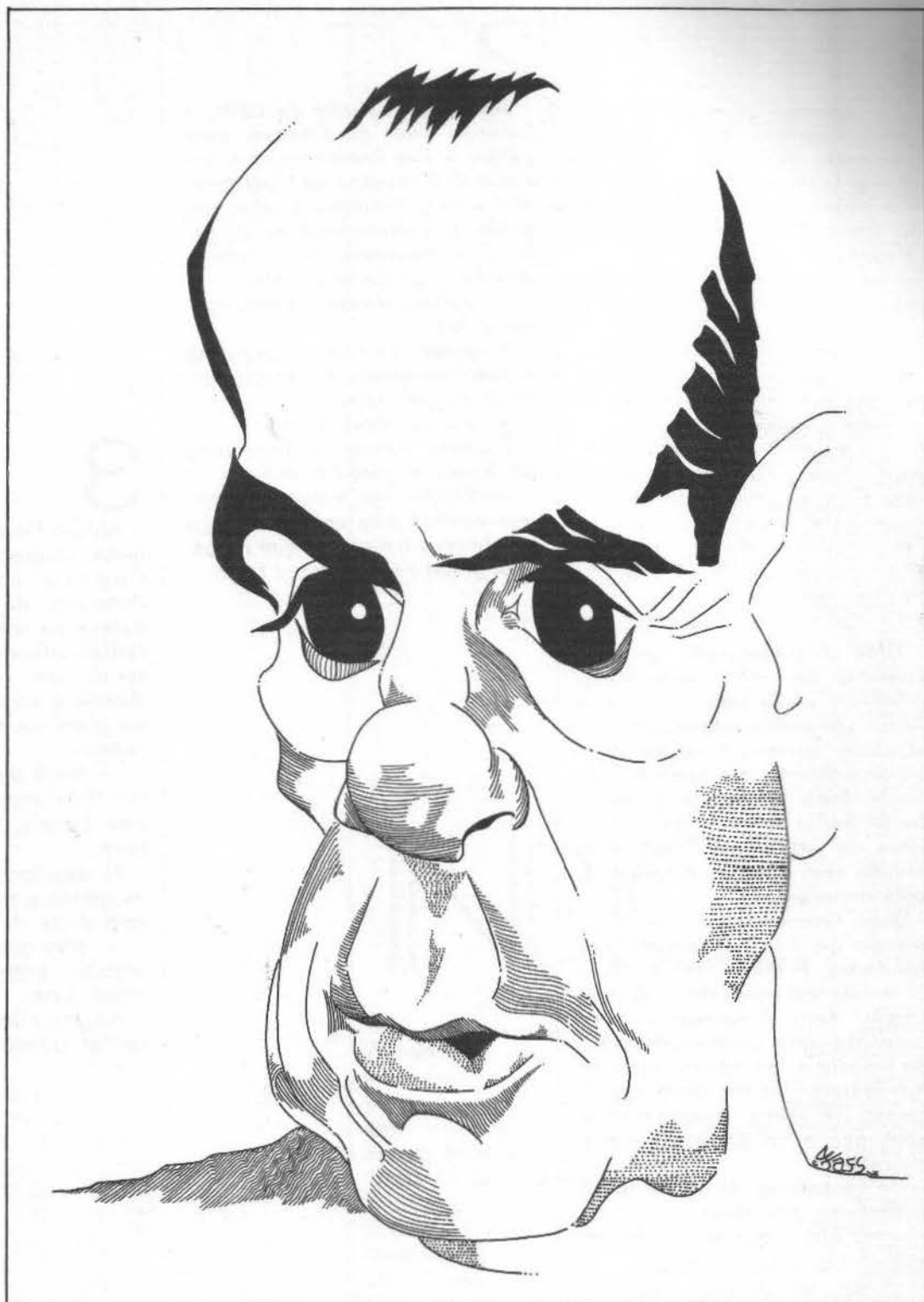
— Nós achamos melhor botar Ênio.

— Por que Ênio?

— É do *sar de fruita.*

José Guiomar

ACRE

I

Com a perseguição ao integralismo em 1938, José Guiomard foi ainda tenente para o Acre. Lá acabou deputado, governador, general, senador, diretor-proprietário do território e, ainda agora, do Estado. É mineiro de Santo Antônio do Monte, terra de Magalhães Pinto. ("A cidade tem 4 mil habitantes e dois senadores").

José Guiomard conhece todo mundo no Acre. Habitante por habitante. E conta que é tal o poder de um governador de território, sem Assembléia, sem oposição, que uma manhã saía do palácio e um comerciante de Rio Branco, um dos mais importantes da praça, ajoelhou-se a seus pés e lhe beijou as mãos chorando.

— Levante-se. O que é isso? Levante-se, por favor.

— O que é que eu fiz, governador? Me diga, por favor.

— Não sei de nada. Não fez nada. O que é que está havendo?

— O senhor passou ontem por mim e não me cumprimentou. Desde ontem, ninguém na cidade me dá bom dia, pensando que o senhor está contra mim.

José Guiomard pegou o homem pelo braço e deu com ele uma volta pela cidade. Restaurou-lhe os cumprimentos, o crédito e a honra.

2

Juracy, presidente da UDN, e Lacerda, líder na Câmara, chegaram a Rio Branco para o comício da Caravana da Liberdade. *Mal Juracy começou a falar, um grupo de correligionários do general e deputado Félix Valois invadiu a praça aos gritos:*

— *Valois! Valois! (Pronuncia-se* Valoá).

Surpreso J u r a c y *parou. As vozes aumentavam, aproximando-se do palanque:*

— *Valois! Valois!*

Lacerda tomou o microfone de Juracy e gritou também:

— *Valois, que Valois? Valois, que valerá? Não vale a cachaça que bebe e o dinheiro que rouba.*

O grupo calou, Juracy falou.

3

Milton Reis, corado e bem falante, conhecido na C â m a r a F e d e r a l como Canarinho (era deputado do PSD de Minas), estava na tribuna falando sobre tarifas alfandegárias. Sessão noturna, um deputado do Acre dormia a sono solto lá no fundo do plenário. Roland Corbisier o acorda:

— Você dormindo aí e o Milton Reis atacando terrivelmente seu Estado, há mais de meia hora.

O deputado acreano levanta-se, passa a mão no rosto, vai ao microfone de aparte:

— Não permito que V. Excia. tripudie sobre o pequeno e heróico Acre.

As gargalhadas estragaram as tarifas alfandegárias de Milton.

ÍNDICE 1

Acre	93,94
Alagoas	51,52,53,54
Amazonas	89,90
Bahia	31,32,33,34,35,36
Ceará	37,38,39,40,41,42
Espírito Santo	91,92
Estado do Rio de Janeiro	77,78
Goiás	87,88
Guanabara	59,60,61,62
Maranhão	75,76
Mato Grosso	85,86
Minas Gerais	9,10,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20
Pará	55,56,57,58
Paraíba	21,22,23,24,25,26,27,28,29,30
Paraná	81,82
Pernambuco	43,44,45,46
Piauí	79,80
Rio Grande do Norte	63,64,65,66
Rio Grande do Sul	47,48,49,50
Santa Catarina	83,84
São Paulo	67,68,69,70
Sergipe	71,72,73,74

ÍNDICE 2

a

Abelardo Jurema 13,14,22,23,24,25,49
Abelardo Conduru 56
Abgard Renault 17
Acrísio Garcez 72
Adauto Lúcio Cardoso 15
Adelgilson de Melo e Silva 26
Ademar de Barros 38,68,69
Ademar de Queirós 38
Adirson de Barros 15
Adolfo de Oliveira Franco 69
Afonso Pena 65
Agamenon Magalhães 42,44,45
Agnelo Alves 65
Agripino Grieco 68
Ajax Baleeiro 33
Alcides Carneiro 22,25,29
Aliomar Baleeiro 15,38,60
Alkmin (José Maria) 10,11,12,14,38
Almerindo Rehm 36
Aluísio Alves 66
Alvaro Lins 13
Alvino Pimentel 13
Alzira do Amaral Peixoto 48
Amador Aguiar 72
Amâncio Pereira 36
Amaral Peixoto (Augusto) 48
Amaral Peixoto (Ernani) 11
Amaury Kruel 68
Américo Maia 22
Andrade Lima Filho 45
André Mesquita 84
Anísio Botelho 49
Anísio Rocha 88
Aniz Badra 69
Antônio Balbino 32,35,44,48
Antônio Bilu 65
Antônio Brunetto 82
Antônio Carbone 20
Antônio Carlos de Andrada 18,73
Antônio Costa 13
Antônio de Almeida Morais Junior 35
Antônio Galvão 44
Antônio Heraclio Rego 45
Antônio Silvino 30
Argemiro Figueiredo 22,23,25,49
Ariano Suassuna 30
Aristides (padre) 30
Armando Cunha 78
Armando Monteiro 44
Armando Sales de Oliveira 70
Arnaldo Cerdeira 68
Arnold Silva 36
Arnon de Melo 53
Artur César Ferreira Reis 90
Artur Lundgren 44
Assis Chateaubriand 26,29,64
Atílio Vivacqua 19
Augusto Frederico Schimidt 39
Auler de Freitas 70
Aureo Filho 35
Auro Moura Andrade 32
Austregésilo de Athayde 38
Avelar Brandão Vilela (dom) 74
Azevedo Antunes 78

b

Balthar Barreira 40
Barachísio Lisboa 33
Barão de Itararé (Aparício Torelly) 56
Barbosa Lima Sobrinho 46
Bartolomeu Santos 44
Basileu Gomes 22
Batista de Holanda 90
Batista Luzardo 70
Benedito Coutinho 88
Benedito Valadares 16
Benjamin Farah 61
Beto Menezes (coronel) 25
Bezerrão (investigador) 53
Biene Carvalho 41
Bivar Olinto 26
Borjalo 10
Botelho (João) 57,58
Botelho (Monsenhor) 58
Brasil Pinheiro 41
Braz Baracuí 26

c

Cabralzinho 29
Cabrera 74
Cacilda (seu Sete da Lira) 62
Café Filho 66,68,84
Caiado (Emival) 88
Calazans 52
Camilo de Holanda 27
Carlos Carmelo (dom) 69
Carlos Castejon 15
Carlos Castelo Branco 61,76
Carlos Drummond de Andrade 19
Carlos Lacerda 11,15,17,39,60,61,74,94
Carlos Luz 84
Carlos Murilo Felício dos Santos 11
Carvalho Pinto 24
Castelo Branco (Humberto de Alencar) 12,15,16,38,39,40,50,66,68,86
Castro Alves 35
Catete Pinheiro 86
Catulo de Paula 54
Celso Mariz 49
César Cals 40
César Mesquita 15
Chagas Freitas 62
Chagas Rodrigues 13
Chico (cabo eleitoral) 64
Chico Anísio 41
Chico Diabo (cabo) 27
Chico Heraclio 45
Chico Moreira 18
Chico Nitão 30
Cícero (padre 42
Cícero Martins 80
Cícero Portela Nunes (monsenhor) 80
Cid Rocha 82
Cincinato Braga 14
Cirne Lima 17
Ciro dos Anjos 16
Claudemiro Suzart 36
Clemens Sampaio 49,60
Clidenor de Freitas 80
Coelho (padre) 42
Confúcio Barbalho 64
Cordeiro de Farias 30
Cosme de Farias 33,34
Costa e Silva (Artur) 12,15,38,50
Costa Rego 52
Crisanto Moreira da Rocha 29,40
Cristiano Machado 48
Cruz Rios 36
Cunha Melo 90

d

Daltro Filho 48
Daniel Krieger 38
Danton Jobim 61
De Gaulle (Charles) 40
Delfim Moreira 18
Dermeval Peixoto 35
Denis (Odilo) 82
Deoclides Mourão 76
Dilermando Luna 28
Dinarte Mariz 48,64,66,80
Djalma Marinho 66,76
Dix-Huit Rosado 64
Doutel de Andrade 84
Drault Ernani 26
Durval Gama 35
Dutra (Eurico Gaspar) 25,32,86,88,92

e

Edgard da Mata Machado 17
Edmundo Barbosa da Silva 14
Eduardo Gomes 32,52,58,92
Eisenhower 69
Elói Dutra 60
Eneida 16
Epitácio Pessoa 25
Epitácio Pessoa de Albuquerque 48,49
Erasmo Martins Pedro 62
Ernani Sátiro 27
Ernesto de Assis 33
Eronildes (major) 66
Etelvino Lins 45
Eupídio José Pereira 78
Eurico Resende 92
Evaristo da Cruz 88

f

Fabinho Andrada 18
Fábio Maia 25
Fabrício Soares 17
Faustino de Albuquerque 41
Felipe Moreira Lima 40
Félix Valois 94
Fernandes Távora 41
Fernando Costa 16
Fernando Ferrari 32
Fernando Leite Mendes 33
Fernando Nóbrega 25,48
Fernando Sabino 16
Ferreira Dantas 27
Fidel Castro 68
Filadelfo Neves 48
Filinto Muller 32,86
Flores (coronel) 82
Flores da Cunha 48,49,70
Floriano Peixoto 52
Fragomeni (capitão) 86
Francisco Campos 20,48
Francisco Jorge Elihamas 46
Francisco Julião 46
Francisco Lacerda 92
Francisco Pita 42
Franco Montoro 68
Frederico Barata 70
Fróis da Mota 36
Frutuoso Dantas 48

g

Gabriel Passos 18
Gaito (padre) 34
Gama e Silva 50
Gasolina 34
Genaro de Carvalho 39,50
Gentil Marcondes 18
George Pires Chaves 80
Geraldo Carneiro 13
Geraldo Freire 18
Gerardo Mello Mourão 76
Getúlio Vargas 13,16,19,20,23,25,26,29,41,42,46,48,49,52,56,70,73,76
Gilberto Amado 72
Gilberto Freire 72
Gilberto Rabelo 61
Góes Monteiro 42
Golberi do Couto e Silva 12
Graciliano Ramos 53
Gregório 26
Grimaldi Ribeiro 44
Guilherme Figueiredo 38
Guilhermino Jatobá 38
Gustavo Capanema 17,19,32,46

h

Haroldo Veloso 58
Henrique Lima Santos 33
Herbert Levy 69,78
Hermano Santana 33
Hermes Lima 28
Heron Domingues 92
Hidelbrando Falcão 52
Hobel 84
Homero Homem 16
Hugo Bethlem 57

i

Irineu (major) 30
Irineu Joffily 64
Irineu Rangel 30
Israel Pinheiro 12,18
Ivo Borges 23

J

Jair Dantas Ribeiro 49
Jair Rebelo Horta 10
Janduí Carneiro 10
Jânio Quadros 14,20,28,60,66,69,70,72,84,86
Jeremias Fontes 78
Jesus Cristo 53
Joana (papisa) 42
Joana D'Arc 50
Joaquim de Almeida Gouveia 33
João Agripino 22,23,25,33,38
João Cleófas 45
João Carlos Tourinho Dantas 34
João Goulart 20,24,25,34,39,40,46,49,50,73,76,80,84
João José Mareja 24
João Neves da Fontoura 70
João Nô 33,34
João Pereira Gomes 30
João Pessoa 30,42,49
João Ramos 33
João Suassuna 30
Joel Silveira 73,74
José Américo de Almeida 22,23,24,25,26,70
José Américo Filho 24
José Aparecido de Oliveira 72
José Ariston 66
José Arrabal Fernandes 92
José Augusto Bezerra de Meneze 65
José Augusto Meira Dantas 56
José Ayler Rocha 15,92
José Bonifácio 18
José Bonifácio de Andrada e Silva 18
José Candido Ferraz 32
José Carlos Guerra 46
José Carvalho 66
José Cazuza 30
José Fernandes Rego 80
José Francisco Cavalcanti 46
José Furtado 41
José Gaudêncio 27
José Guiomard 94
José Joffily 25
José Linhares 25,41
José Lino Grunwald 48
José Lins do Rego 24,29
José Maria Lopes Cançado 18,19
José Mariano de Souza 32
José Murici 53
José Olímpio 80
José Pequeno 25
José Pereira Lira 25
José Pingarilho 56
José Pontes Vieira 90
José Sarney 76
José Tomás Gomes da Silva (dom) 74
Josué Montelo 38,72
Juarez Távora 23,41,42
Júlio Dantas 14,19
Júlio Prestes 52
Júlio Vieira 80
Juracy Magalhães 34,60,72,94
Juscelino Kubitschek 10,11,12,13,14,25,56,69,88
Justino Alves Bastos 39

K

Kerginaldo Cavalcanti 64

L

Lampião 30,34,66
Landulfo Alves 35,36
Lafaiete Spínola 35
Landry Sales 76
Laudo Natel 68
Leandro Maciel 16,72
Leitão de Abreu 17
Leite Neto 72
Leonardo Alkmin 13
Leonardo Mota 15
Leônidas 68
Leopoldo Perez 90
Lima Teixeira 34
Lira (tenente) 24
Lomanto Júnior 32,36,39,49,73
Lott (Henrique Teixeira) 72,82
Lourival Coutinho 74
Lourival Fontes 41
Lucas Nogueira Garcez 42
Luciano Furtado 41
Lúcio Bittencourt 17
Luís de Barros 23
Luís de Oliveira 28
Luís Garcia 72
Luís Pereira 46
Luís Simões Lopes 48
Luís Viana Filho 32,33,38,78
Luna Freire 33

m

Macedo Soares 72
Magalhães Barata 48,56,57,90
Magalhães Pinto 15,18,92,94
Maia Melo 68
Manoel (compadre) 27
Manoel Bandeira 28
Manoel do Amor Divino 46
Manoel Gomes 41
Manoel Novaes 34
Manoel Onça Moreira da Rocha 40
Manoel Vilaça 64,66
Manuel Ribas 82
Mão Cheinha 80
Marcondes Filho 64
Marcos de Sá Correia 76
Maria de Lourdes Lebert 50
Martim Francisco de Anlrada e Silva 18
Martins de Almeida 76
Martins Rodrigues 41,69
Marx (Karl) 38,80
Massa (coronel) 29
Matos Peixoto 40
Mauritônio Meira 11
Mauro Borges 88
Mauro Mota 90
Medeiros Lima 39
Médici (Garrastazu) 62
Melo e Silva (irmãos) 26
Melo Viana 19,57
Mem de Sá 50
Mendes (família) 53
Mendes de Morais 60
Menezes Pimentel 41
Miguel (monsenhor) 74
Miguel Arrais 39
Miguel Faria 80
Miguel Mendonça 44
Miguel Sátiro 27
Milton Campos 16,17
Milton Parron 50
Milton Reis 94
Mourão Filho 73
Murilo Mello Filho 46

n

Napoleão Nonô 60
Navarro de Brito 38
Neder João Neder 19
Negrão de Lima (Francisco) 19,61
Negrão de Lima (Otacílio) 19
Nelson Carneiro 61,69,70
Nereu Ramos 84
Neway (general) 14
Newton Macedo Campos 35
Ney Braga 16
Nilo Pereira 44
Nilson de Oliva César 35

o

Odilon Behrens 12
Oliveira Bastos 92
Oliveira Brito 34
Onofre (general) 41
Onofre Mendes Júnior 19
Orlando Andrade 18
Orlando de Carvalho 32
Oséas Cardoso 53
Osmar de Aquino 27
Osório Vilas Boas 35
Osvaldo Aranha 48
Osvaldo Maia Penido 14
Osvaldo Mendes 58
Osvaldo Nobre 10
Osvaldo Peralva 74
Oswaldo Lima Filho 73
Oswaldo Trigueiro 22,26,28
Otávio Mangabeira 32,33,70
Oto Prazeres 18
Otto Lara Resende 15,16

p

Palunga (engenheiro) 26
Parsifal Barroso 40
Paulo Duarte 70
Paulo Guerra 46
Paulo Lauro 68
Paulo Pimentel 82
Paulo Pinheiro Chagas 14
Paulo Sarazate 38
Pedro Ludovico 88
Pedro (padre) 78
Pedro I (dom) 58
Pedro Aleixo 12,17
Pedro Calmon 13
Pedro Gondim 25,28
Pedro Ivo 78
Pedro Neiva 76
Pedro Santos 19
Pedro Silva 58
Pedro Torres 26
Pedroso Horta (Oscar) 69
Pelegrino Montenegro 41
Pereira Diniz 22
Petrônio Portela 73,80
Píndaro Barreto 46
Pinheiro Machado 50
Pinto Aleixo (Renato Onofre) 35,36
Plínio Salgado 69,80
Pompeu de Souza 61
Porfírio da Paz 68
Portinari (Cândido) 74
Prestes (Luís Carlos) 14

q

Quincó (capitão) 65

r

Raimundo Asfora 28
Raimundo Onofre 22,24,29
Raimundo Padilha 78
Raimundo Reis 36
Raimundo Soares 64
Ramiro Berbert de Castro 36
Ranieri Mazzili 60,84
Raul Belém 18
Régis Pacheco 34,36
Renato Archer 39
Renato Azeredo 12
Renato Ribeiro 28
Ribeiro Coutinho 23
Roland Corbisier 49,94
Romero Cabral 86
Rondon Pacheco 18
Rossi (padre) 84
Rossini Lopes 62
Rubem Berardo 61
Rubem Berta 74
Rubem Medina 62
Rui Barbosa 24,65,78
Rui Carneiro 22,25
Rui Gomes de Almeida 11
Rui Ramos 69

s

Salazar (Oliveira) 14,34
Salomão Jorge 68
Salviano Leite 22
Samuel Duarte 22
Samuel Wainer 39
Sana Khan 70
Sandoval Caju 52
Santiago Dantas 39
Schimidt (mister) 44
Sebastião Baiano 23
Seixas Dória 72,73,74
Selassié (Haile) 14
Senilson Pessoa Cavalcanti 66
Serafim (dom) 20
Sérgio Magalhães 61
Sette Câmara 14
Severino Bezerra 66
Severino Lucena 22
Severino Montenegro 28
Severino Oliveira 30
Severino Sombra 78
Sileno Ribeiro 44
Silvestre Péricles de Góes Monteiro 52
Sílvio de Abreu 20
Sílvio Mota 49
Solon Lucena 22
Stuart Mill 35

t

Tancredo Neves 12,14,17,80
Tarcilo Vieira de Melo 32,60
Tarcísio Holanda 20
Tenório Cavalcanti 78
Terêncio Dourado 36
Trombone (coronel) 30

u

Ulisses Guimarães 32
Ulisses Marques 80
Último de Carvalho 20
Urbano Santos 76

v

Vasco Leitão da Cunha 68
Viana Moog 61
Vicente Rao 56,70
Vicente Reis 90
Vilas Boas Correia 76
Virgílio Távora 40,73
Vitorino Freire 76,86
Vitor Russomano 74

x

Xanda (dona) 41

z

Zeca de dona Estefânia 54
Zé Costa 13
Zé João 26
Zenóbio da Costa 46